

ROSELY PEREIRA PONTES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO PROTESTANTISMO NA
EDUCAÇÃO DO COLÉGIO AMERICANO
BATISTA EM PERNAMBUCO**

Orientador: Dr. Paulo Mendes Pinto

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Políticas, Lusofonia e Relações Internacionais**

**Lisboa
2012**

ROSELY PEREIRA PONTES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO PROTESTANTISMO NA
EDUCAÇÃO DO COLÉGIO AMERICANO
BATISTA EM PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada para aprovação parcial no
Curso de Mestrado em Ciência das Religiões da
Faculdade de Ciências Políticas, Lusofonia e
Relações Internacionais da Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologia-Lisboa.

Orientador: Dr. Paulo Mendes Pinto

Co-Orientador: Dr. Inácio Reinaldo Strieder

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Políticas, Lusofonia e Relações Internacionais**

**Lisboa
2012**

"Ainda que não existisse alma, nem inferno, nem céu, seria preciso ter escolas para satisfazer nossas necessidades como habitantes deste mundo".

Martinho Lutero

"Vamos ao Brasil educar o povo e as elites para convertê-los a Cristo e com eles construir um país melhor".

Helen Bagby Harrison

A instituição que só ensina theoreticamente é uma fábrica de escravos. A Educação ideal é aquella em que a theoria é reforçada pela prática [...] Assim, ficará evitada a artificialidade proveniente do método de decorar regras... A Educação verdadeira tem por objecto produzir cidadãos de primeira ordem[...] Educação deve favorecer a independência de investigação e de pensamento[...] Deve dar ampla oportunidade à pesquisa pessoal. Sem esta o progresso científico será insignificante. A base da Educação está no curso primário [...] é garantia segura de bom êxito, no futuro desdobramento do trabalho letivo."

William Henry Cannada

*Dedicamos este trabalho aos Professores, alunos do
Colégio Americano Batista em Recife-Pernambuco-
Brasil.*

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão:

*A Deus porque tem estado conosco
nos momentos mais difíceis;*

*A nossa família pelo apoio em
todos os sentidos.*

*Ao Corpo Docente e Discente, a
Coordenação o Ensino Médio, e a
direção do Colégio Americano
Batista por participar desta
pesquisa, deixando-se mostrar
diante de um tema tão conflituoso.*

*Ao Orientador Dr. Paulo Mendes
Pinto, e em especial ao Co-
Orientador: Dr. Inácio Reinaldo
Strieder.*

RESUMO

Em início do século XX, no ano de 1905, no momento que se afigurou promissor, foi fundado o Colégio Americano Batista-C.A.B. Já predominava no Brasil o ensino religioso ministrado pelos Jesuítas vindos de Portugal. Fora um trabalho evangelístico-educacional, numa concepção de reeligere, numa cosmovisão unirreligiosa. Os conteúdos dessa disciplina ficavam sob a responsabilidade da igreja, visto ser ela considerada à única com habilidades plausíveis. José Eduardo Franco, (2006, p.311), em seu artigo *O mito dos Jesuítas em Portugal - século XVI-XX* menciona que “Portugal não teve, no seu território, nenhuma origem religiosa que tivesse obtido em tão elevado grau, o prestígio e o renome, que a partir de 1540, os Jesuítas conquistaram. Mas também nenhuma outra instituição religiosa foi julgada de forma tão dupla contraditória”. Apesar das possíveis qualidades do trabalho efetuado pelos Jesuítas, ou porventura, o aflorar de suas limitações, não é o que neste trabalho de pesquisa pretendemos analisar particularmente. Propomos investigar como o ensino religioso protestante tem influenciado a educação do Colégio Americano Batista desde as suas origens à atualidade sem excluir a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-9.394/96 e com a estrutura do ensino religioso mediante a produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs. Utilizamos como material empírico os depoimentos de docentes, discentes, e de toda a equipe técnica e pedagógica desta instituição. Pretendemos com tal metodologia assegurar a dimensão da influência do Ensino Religioso na educação como agente transformador na sociedade. Compreendemos a relevância desta pesquisa, à medida que observamos a interação do diálogo interreligioso e o avanço obtido quanto à concepção catequética numa passagem para uma nova concepção de ensino religioso, na concepção do sentido para a vida.

Palavras-chave: educação, ensino religioso, transcendência, diálogo interreligioso

ABSTRACT

In the early twentieth century, in 1905, when it seemed promising, was founded the Colégio Americano Batista - CAB. In Brazil has prevailed in religious education taught by the Jesuits from Portugal. Outside an evangelistic and educational work, a concept of reeligere, unirreligiosa worldview. The contents of this discipline were under the responsibility of the church, as it is considered the only plausible with skills. José Eduardo Franco (2006, p.311), in his article *O mito dos Jesuítas em Portugal - século XVI-XX* mentions that "Portugal didn't have in its territory, and no religious background who had achieved at such a high degree, the prestige and reputation, that from 1540, Jesuits won. But no other religious institution was deemed so contradictory double. "Despite the possible qualities of the work done by the Jesuits, or perhaps the flourishing of its limitations, is not what this research work we intend to analyze in detail. We propose to investigate how teaching influences the Protestant religious education of the Colégio Americano Batista today without deleting the promulgation of the Law of Directives and Bases of Education National - 9.394/96 and the structure of religious education through the production of the National Curriculum parameter - PCNs. We use as empirical testimony from teachers, students, and all the technical and pedagogical staff of this institution. We intend to ensure that such methodology influences the size of the teaching of religion in education as a transformative agent in society. We understand the importance of this research, as we observe the interaction of interreligious dialogue and the progress made on the design catechetical a passage to a new conception of religious education.

Key-words: Education, Religious Educations, Transcendence, Interreligious dialogue

INDICE DE SIGLAS

LDBEN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
E.R.	- Ensino Religioso
C. A. B	- Colégio Americano Batista
OJB	- O Jornal Batista
CBB	- Convenção Batista Brasileira
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
SNAS	- Serviço Nacional de Assistência Social
EUA	- Estados Unidos da América do Norte
ABRAPIA	- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	12
1. FATOS HISTÓRICOS QUE NORTEIAM O SURGIMENTO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA.....	15
1.1 A Cosmovisão Protestante sobre a educação no Brasil.....	15
1.2 A formação do Colégio Americano Batista.....	22
1.3 Depoimentos dos ex-alunos.....	32
1.3.1 Um aluno ilustre: Gilberto Freyre.....	33
1.3.2 Depoimento do ex-aluno Ariano Suassuna.....	39
1.3.3 Depoimento do ex-aluno Paulo Alimonda.....	40
1.3.4 Depoimento da ex-aluna Cássia Virginia Guimarães Cavalcanti...	41
1.3.5 Depoimento do ex-aluno Roberto Magalhães Melo.....	42
1.3.6 Depoimento do ex-aluno Marcus Accioly.....	43
1.3.7 Depoimento do ex-aluno Francisco José Cunha.....	44
1.3.8 Depoimentos dos ex-alunos Ildibas Nascimento e Eudina Caetano	44
2. O ENSINO RELIGIOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA E PROPOSTA DE TRABALHO NO CAB.....	47
2.1 Análise Histórico Jurídico do Ensino Religioso (E. R.).....	47
2.2 A religião e a criticidade.....	52
2.3 Proposta pedagógica do Colégio Americano Batista na atualidade.....	55
2.4 Avançando na educação.....	58
2.5 A Educação e a Transcendência.....	62
2.5.1 Educar para a Cidadania.....	64
2.5.2 A Educação Religiosa como fomentadora da integralização do homem no contexto psicossocial e religioso.....	68
2.6 A experiência teórico-pragmático da educação no C.A.B na atualidade..	70
3. ANÁLISE SOBRE A VALIDADE DO E.R. NA VISÃO DA DIREÇÃO, COORDENAÇÃO, ALUNOS E SEUS PAIS.....	81
3.1 Resultados das respostas da direção, coordenação e corpo docentes.....	82
3.1.1 Qual o papel do CAB como instituição de educação confessional e sua influência em seu entorno?.....	82
3.1.2 Levando-se em conta que há alunos de diversos credos religiosos, qual deve ser a orientação metodológica no Ensino Religioso, com base na Constituição Federal de 1988 e LDBEN- 1996?.....	85
3.1.3 Qual a influência da educação proporcionada pelo C.A.B para sua	89

formação como ser ético, moral e espiritual?.....	94
3.2 Exposição de um quadro de investigação a partir de perguntas feitas e respostas obtidas.....	95
3.2.1 Os alunos da categoria A.....	95
3.2.2 Categoria B: “a educação do CAB não o influência na sua formação como ser ético e moral, apenas em parte, na espiritual”.....	96
3.2.3 Categoria C: “a educação do CAB influencia enquanto ser na formação do ser ético em parte só para as dependências do C.A.B”.....	96
3.2.4 Categoria D: “a educação do CAB o influência na sua formação como ser ético e moral, porém existe muito pouco na espiritual”..	96
3.2.5 Categoria E: das respostas evasivas.....	97
3.3 A disciplina Ensino Religioso tem ajudado para incentivá-los nos estudos.....	97
3.3.1 Os alunos da categoria A.....	97
3.3.2 Os alunos da categoria B.....	98
3.3.3 Os alunos da categoria C.....	98
3.3.4 Os alunos da categoria D.....	98
3.3.5 Os alunos da categoria E – respostas evasiva.....	98
3.4 Fale a influência dos valores cristãos na formação do aluno como cidadão para a vida cotidiana no futuro (profissional, espiritual e emocional).....	99
3.4.1 Os alunos da categoria A.....	99
3.4.2 Os alunos de Categoria B.....	99
3.4.3 Os alunos de Categoria D.....	100
3.4.4 Os alunos de Categoria D- Respostas evasivas.....	100
3.4.5 Os alunos de Categoria E.....	100
3.5 Análise do formulário de pesquisa realizado como pais dos alunos do Colégio Americano Batista de Pernambuco.....	101
3.6 Entrevistas com a Professora de Ensino Religioso e alguns alunos.....	103
 4. A ESCOLA COMO FATOR DETERMINANTE CONTRA A VIOLÊNCIA OU BULLYING.....	 116
4.1 A realidade da violência ou Bullying na escola.....	116
4.2 A Escola e o seu papel.....	119
4.3 O Ensino Religioso Protestante no C.A.B frente à Violência.....	120
4.4 Como a escola pode ser fator determinante contra a violência.....	122
 CONCLUSÕES.....	 124
BIBLIOGRAFIA.....	128
 APÊNDICES – A - FORMULÁRIO DE PESQUISA	
FORMULÁRIO DE PESQUISA COM DIREÇÃO, COORDENAÇÃO E O	

CORPO DOCENTE DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA.....	i
FORMULÁRIO DE PESQUISA COM OS ALUNOS.....	ii
FORMULÁRIO OS COM OS PAIS DOS ALUNOS.....	iii
 APÊNDICES – B ENTREVISTAS.....	
ENTREVISTA COM A DOCENTE DE ENSINO RELIGIOSO	iv
ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS.....	v
 ANEXOS	vi
ANEXO A- CONSTRUÇÃO.....	vii
ANEXO B – HINO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA.....	ix

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº. 01. Categorias ABCDE da questão 1.....	96
Tabela nº 02. Respostas da questão 2.....	98
Tabela nº 03. Respostas da Questão 3.....	99

INTRODUÇÃO

Uma das questões importantes no cenário educacional brasileiro é o Ensino Religioso, numa instituição de ensino público ou privado, em face da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN.

José Carlos Bertoni faz uma análise das leis sobre a educação brasileira, a partir de Caron, (1999, p.21), que aborda as leis e especifica os trechos importantes, começando pela LDB nº 4.024/1961 numa concepção religere, ou seja, fazer seguidores, posteriormente sob o nº 5.692/71, cuja visão é a de religare, com a proposta de tornar os indivíduos mais religiosos, e a atual 9.394/1996 com a concepção de relegere, cuja proposta é reler o fenômeno religioso. O enfoque dado por cada etapa da LDB, entre 1971 e 1996 esta concepção, primeiro centrada numa verdade doutrinária e a última numa análise do fenômeno religioso.¹

A complexidade que abrange o processo de educação no que se refere à disciplina Ensino Religioso é desafiador. São inúmeros os desafios, dentre eles aponta-se a exigência da mudança quanto aos fins eclesiais, saindo do casulo da fronteira denominacional, busca alçar vôo com novas leituras, com novas fontes do saber, abrangendo desde o mundo transcendental à esfera científica e cultural.

Surgem novas perspectivas educacionais e novos paradigmas inseridos numa realidade de um ensino religioso com uma abordagem confessional catequética pululando para uma dimensão antropológico-social e transcendente, abrindo espaço no mundo religioso,

¹*Religere: reescolher; Religare: religar; Relegere: reler*

LDB 4.024/1961- Art. 97 “O ensino religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas oficiais é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou por seu representante legal. § 2º O registro dos professores de Ensino Religioso será realizado perante a autoridade religiosa respectiva.

LDB 5671/71. O tratamento dado ao Ensino Religioso, durante a vigência do regime militar, foi expresso pela Lei nº 5692/71, no artigo 7º, parágrafo único: “o ensino religioso de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus”. Composto a área de estudos formada pelas disciplinas Moral e Cívica, Artes e Educação Física foi a forma que o regime autoritário encontrou para obter apoio para seus interesses”

LDBEN-9394 /96. “O ensino religioso de matrícula facultativa, constitui de horários normais das escolas públicas e ensino religioso fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas por alunos ou por seus responsáveis em caráter:

I-Confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou de seu responsável, ministrados por professores ou orientadores preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas

II-Interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração respectiva do programa.

aonde questões consideradas relevantes dizem respeito à vida humana em seus âmbitos familiares, ampliando seu papel na organização da sociedade e na formação do cidadão.

Esta ruptura do sagrado promove a ênfase do transcendente com suas múltiplas visões religiosas. Dessa forma, o ensino religioso redescobre-se como uma esperança numa sociedade em crise de valores espirituais, éticos e morais.

Contudo, muitos indivíduos questionam a competência do Ensino Religioso como âncora na vida da sociedade. Poderá esse ensino influenciar beneficentemente os seres humanos, de maneira que desponte num novo iluminismo? Como o Ensino Religioso poderá trazer saúde emocional, intelectual e espiritual a um povo? Será que a sociedade caminha para um abismo, ou está se cerceando o equilíbrio, pautando caminhos que concluirão num universo tranqüilo, onde impere o amor, a verdade e a justiça?

Diante de tais conjecturas, decidimos pesquisar um dos grandes colégios confessionais do Recife, em Pernambuco-Brasil, acompanhando-o durante o ano letivo de 2010, elaborando uma pesquisa qualitativa, cujo propósito é investigar a veracidade da influência do Protestantismo na Educação Básica numa instituição de ensino privado confessional que é o Colégio Americano Batista, com 105 anos de existência, colaborando com o progresso da sociedade em que está inserido.

E, de que maneira o Ensino Religioso Protestante, numa escola confessional, pode participar deste processo?

Segundo Meneghetti, (2003, p. 98), *“um sujeito é capaz de perceber que, ao se construir, constrói o outro, ao caminhar, traz consigo outros caminhantes, ao aprender, ensina outros, ao ensinar, aprende com os outros”*. Dessa forma, vemos que em relação ao profissional da educação, o docente tem uma grande responsabilidade quando a disciplina é Ensino Religioso, não só na transmissão dos conteúdos, mas na construção das relações interpessoais que transitam desde a direção, os colegas, o corpo técnico em geral, como também os alunos e pais.

Outro ponto importante a ser desenvolvido é quanto à relevância do Ensino Religioso como disciplina facultativa, parecendo aos docentes e discentes, destituída de valor acadêmico pode ser representativa numa vida estudantil.

Assim, buscamos evidenciar a validade ou não do Ensino Religioso como um espaço educativo profícuo à construção das interrelações sociais e culturais, como afirma a Dra. Targélia de Sousa Albuquerque, (2006 p. 161), *“com o ensino religioso, os estudantes e*

estudantes, com seus professores e professoras se revelam, se encontram, se avaliam, se desafiam, se aceitam ou rejeitam, em síntese, um 'lócus' humanizado e humanizante”.

A pesquisa buscará mostrar através de formulários distribuídos entre a direção, o corpo administrativo, o corpo docente, o corpo discente e seus pais, com as questões formuladas de forma padronizada e aberta; também delinearemos nossa pesquisa através de entrevistas a alguns alunos e pais de alunos.

Abordaremos nos próximos capítulos a história da instalação e desenvolvimento do Colégio Americano Batista e sua proposta pedagógica, o depoimento de ex-alunos ilustres, e análise dos formulários respondidos pelos envolvidos neste processo acima citado.

1. FATOS HISTÓRICOS QUE NORTEIAMO SURTIMENTO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

“Ora se a educação é o processo pelo qual se desenvolve o homem em todos os seus poderes quão grande é a sua importância” (LOPES, 1959, p.65).

Conhecer a riqueza de valores que os Protestantes têm trazido em seu bojo foi de grande valia para o projeto educativo do Colégio Americano Batista – C.A.B. Inicialmente, faz-se necessário reportar ao contexto religioso protestante recifense onde nasceu o C.A.B. O porquê de sua existência? Como se deu o processo da fundação dessa instituição? Quem a fundou e como a administrou? O que repercutiu na cultura recifense em épocas passadas? E, sendo a *“sociedade o solo de toda forma da existência humana”*, como afirma Antonio Joaquim Severino, (1994, p.69), em que tem contribuído, portanto, a Educação e o Ensino Religioso para sociedade recifense contemporânea?

Antes de abordarmos os assuntos aludidos, faremos uma análise histórica da educação veiculada pelo Protestantismo no Brasil.

1.1 A Cosmvisão Protestante sobre a educação no Brasil

A proposta educacional protestante ocorreu em meados do século XIX, a partir de uma visão missiológica e de combate ao analfabetismo. Pois, em face do Movimento de Reforma Protestante cujo principio era a *“a livre competência da alma”*² que faculta o livre acesso à leitura da Bíblia, que só seria possível através da educação. Embora se tivessem que confrontar com uma sociedade em que o mundo religioso predominante era o Catolicismo Romano, em que era negado o acesso à leitura das Escrituras Sagradas, pois até a celebração da eucaristia era em latim.

Na visão dos missionários protestantes o estudo da Bíblia era tido como pressuposto indissociável para uma vida cristã em profundidade e, também de contestação, estando ligado a uma proposta de liberdade.

Logo, o fato de se evidenciar a liberdade de consciência como a busca da santificação surge a condição imprescindível da instrução. Portanto, na Ética Confessional do Protestante,

²Citação Ad-Têmpora

o estudo é posto como elemento indispensável da instrução. Tal lógica foi chamada de teísmo pedagógico. Todos deveriam ser incentivados à leitura da Bíblia sem distinção e discriminação. Assim, o desenvolvimento intelectual tornou-se uma realidade. É a âncora do trabalho batista em Pernambuco – *a educação*.

Segundo Mendonça e Velásquez Filho, (1990), as escolas despontam a partir de 1850, com toda força, projetando mudanças significativas na sociedade brasileira. Compreendendo a educação como prática transformadora, a Igreja Metodista modificou seu sistema de evangelismo que funcionava através de uma abordagem direta, para atuar através de um sistema educacional, tendo como princípio a escola como meio de evangelização.

Garrison faz uma análise crítica a respeito da influência que o Protestantismo exerceu na educação, diz que:

“Todo o verdadeiro protestante, pensa que o ensino primário é a chave mestra do edifício social desde que o povo educado será dócil e melhor [...] Os missionários protestantes repercutiram de maneira incisiva, incluindo valores na sociedade brasileira que antes deles não fizera parte em nosso meio. Incluíram-se em nosso habitat trazendo consigo a ideologia de suas ramificações - as denominações Congregacional Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal. Essas denominações por sua vez, propunham uma ideologia que auxiliava a penetração norte-americana no Brasil, numa tentativa de implantação do modelo liberal, segundo Miguez Bonino (2003, p.9) não só o Brasil, mas toda a América Latina sofreu modificações devido a três fatores: "projeto liberal, o predomínio da presença dos Estados Unidos e a entrada do protestantismo".(GARRISSON, 1986, p.177)

Mesquita, (2001), nos informa que em 1881 foi criada em Piracicaba, São Paulo, a primeira escola metodista. Esta desenvolveu um trabalho pedagógico de grande influência, acarretando transformações singulares na sociedade brasileira. O Colégio Piracicabano ofereceu aspectos inovadores quanto à estrutura física, conceitos e práticas:

“[...] prédios próprios, com arquitetura que os distinguia pelas salas amplas e construídas especificamente para o ensino. As classes eram mistas. As carteiras de estudantes passaram a ser

individuais. Havia salas especiais para música, geografia, com imensa quantidade de mapas, cartazes com esqueleto do corpo humano, pesos e medidas para o ensino do sistema métrico, microscópios. E já no colégio Piracicabano, as disciplinas eram latim, português, inglês, francês, gramática, caligrafia, aritmética, matemática, álgebra, geometria, astronomia, cosmografia, geografia, história universal, história do Brasil, história sagrada, literatura, botânica, física, química, zoologia, mineralogia, desenho, música, piano, costura, bordado e ginástica”.(ELIAS, 2005, p. 82).

A visão educacional não pára por aí. Os cristãos evangélicos se mobilizavam e foram construídas mais escolas como: 1- Colégio Americano de Petrópolis em 1895, que foi a base para a construção do atual Benett, no Rio de Janeiro. 2- Colégio Mineiro em 1902, em Juiz de Fora. 3- Colégio Izabela Hendrix em 1904, em Belo Horizonte; sendo elas, instituições importantes no que concerne à implantação dos Protestantes no Brasil.

Os cristãos protestantes tinham a consciência da situação deprimente que era o analfabetismo em todos os aspectos: emocional, social e espiritual, pois a falta de conhecimento gera a ignorância, a porta de entrada de tantas tragédias, quando tornam reféns os incautos. Assim, propuseram desde a sua chegada ao Brasil, assegurar propostas para a fundação de colégios, pois com tal projeto minimizariam inúmeros males sócio-econômicos e religiosos.

A proposta de uma escola privada confessional viria como uma possível solução que não seria encontrada nas ciências com fins elitistas, embora que, mesmo as escolas públicas tinham como base de educação religiosa o Catolicismo Romano. Novamente, Elias, (2005, p.82), afirma que “*hoje em dia os homens responsáveis pela vida coletiva já admitem, que, com os recursos da ciência, não podem solucionar os problemas sociais e econômicos [...] o progresso material traz como consequências a opressão, a exploração de uns sobre os outros*”.

José Nemésio Machado, (1999, p.41), com base na afirmação de Morin que, “[...] *também o progresso ou desenvolvimento da filosofia e das ciências exercem grande influência sobre a teologia. Daí surgiu, então, a necessidade de criticismo e de uma interpretação apologética*”. Afirma ainda que os Protestantes, especialmente os Batistas,

atentam para a influência exercida pelos diferentes aspectos filosóficos sobre a teologia, e desta sobre a filosofia.

Os Batistas abraçam a visão de que o homem é um ser tricotômico. O homem é um espírito, possui uma alma e habita num corpo, existindo um entrelaçamento entre os três: espírito (consciência de si, o cognitivo), alma (aqui diz respeito ao emocional) e corpo (fisiológico) e que Deus não fragmenta o homem, mas esse deve ser cuidado num todo “*A missão do Evangelho não é somente cuidar da alma, mas também do intellecto*” OJB, 5-5-27:15). Dessa feita, torna-se indispensável o avanço ao mundo educacional.

A história da fundação do C.A.B pelos batistas está intimamente ligada à imigração de americanos, devido às consequências da Guerra da Secessão nos EUA, que vieram refugiar-se no Brasil. Muitas dessas famílias que eram protestantes foram logo se agrupando. A partir da amizade firmada, e de união com base na mesma fé, deu-se início a evangelização.

A superação dos conflitos advindos da Guerra da Secessão, e das tribulações por causa das perseguições pela Igreja Católica Apostólica Romana, os cristãos protestantes americanos e brasileiros decidiram organizar um trabalho evangelístico no Brasil. A Junta de Richmond³ tomou conhecimento da organização e de sua consistência, aprovou o trabalho, enviando para lhes dar assistência, um casal de missionários, William Bagby e Anne Luther Bagby, ao Brasil, em 1881.

Helen Bagby Harrison (1987, p.26) comenta que o missionário protestante William Bagby ao ancorar nas águas da Bahia exclamou: “*vamos ao Brasil educar o povo e as elites para convertê-los a Cristo e com eles construir um país melhor [...] meu coração sangra, porque aqui há milhares que estão sem Deus e sem esperança, caminhando à sombra de um eclipse[...]*”. Os Estados Unidos da América eram o centro de Cultura de onde os missionários tinham ciência dos resultados promissores equivalentes à obra educacional americana. E, diante de tais experiências, possuíam habilidades de perceber que também no Brasil, as respostas positivas na área da evangelização e implantação de igrejas, dependeriam bastante do sucesso na área educacional.

É certo, que esses cristãos objetivaram anunciar o Reino de Deus na nação brasileira, entretanto, como afirma Machado, (1999 p. 58), citando Pereira, (1985, p.289), escreve que a “*escola batista deveria ser um meio de propagar o evangelho[...]*”. Através da escola a situação do analfabetismo seria minimizada, facilitando assim a absorção do conhecimento,

³Junta de Richmond, como é chamada no Brasil vem das Missões Estrangeiras (Foreign Mission Board) da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, na cidade da Georgia.

promovendo a luz para se pensar o mundo e o homem que nele está inserido. Na proposta pedagógica protestante objetivava-se enfatizar a amplitude de novos pensamentos como considera Vygotsky a seguir:

“O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana”. (VYGOTSKY, 1987, p. 132).

Na visão desses protestantes, o que concernia à tarefa a ser executada no Brasil era evangelizá-lo. Evangelizar através da Bíblia significaria mostrar o amor de Deus, e enfatizar a salvação eterna, sem alienar os indivíduos, incutindo a possibilidade de adentrar na sociedade de forma tal, que pudesse ter autonomia e liberdade de pensamento, conquistando seu espaço tendo como premissa o texto bíblico de João 8.32, sem se deixar manipular pelo autoritarismo, pela libertinagem, e muito menos, ser escravizado.

Veicula, portanto, que os batistas protestantes trouxeram instrução a um povo analfabeto, conseqüentemente cria-se que indivíduos analfabetos são cegos e ignorantes, e, só através da educação teriam acesso a uma visão crítica de mundo e ao conhecimento de Deus; e como a própria Bíblia incentivava-os quando em Provérbios 18:15 informa que *“o coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios busca a ciência”*, enfim os educadores cristãos protestantes que pleiteavam minimizar o analfabetismo não se indispunham com a ciência, compreendiam, sim, como afirmava William Cannada que *“a educação deve favorecer a independência de investigação e de pensamento, deve dar ampla oportunidade à pesquisa pessoal. Sem esta o progresso científico será insignificante”* (CANNADA, 1903, p. 35) Logo, era indispensável aprender a ler. É uma proposta para um mundo novo onde se pudesse obter conhecimento através da leitura, inclusive conhecer a própria Bíblia, de forma que a opção de seguir determinada religião ou não seguir seria com consciência e não por manipulação. Para esse fim, a Junta de Missões Richmond na Georgia nos EUA não mediu esforços, sustentando missionários que se envolveram totalmente, dedicando seu tempo à obra pedagógica. Esse projeto corrobora de forma preponderante à educação.

Contudo, houve conflitos no meio evangélico protestante. Dentre eles, os chamados “*cristãos eclesiais*” que se opunham aos “*cristãos educadores*”. Os eclesiais compreendiam que a evangelização deveria consistir numa obra pura, “*de maneira direta sem utilizar estratégia*” (LÉONARD, 1961/1981, p.133). Seus pensamentos estavam numa consonância restrita, fechada. “*Não fluía uma mente aberta às necessidades de um povo que teria a educação; pois sem ela como saberiam da liberdade que o Mestre Jesus Cristo lhes oferecia [...] e conhecereis a verdade e ela vos libertará*” João (8:32), em sua defesa, punham restrições “quanto aos gastos de recursos na obra educacional, em detrimento, segundo eles, das necessidades maiores e mais compensadoras da obra evangelizadora”, conforme Pereira, (1985, p.113-114).

Confrontar com um novo olhar para uma prática evangelística cujos autores de outra ideologia afirmam categoricamente que a “*pátria brasileira jamais será evangelizada pelos colégios*” como informa ainda Pereira, (1985, p. 118), é enfrentar a complexidade do antagonismo. Mas, fazendo valer um dos argumentos de Morin, (1994, p.93), quanto a esse tipo de questão, quando afirma que “*toda vida, a vida de toda sociedade, de cada sociedade, só pode ser multidimensional. Não de forma harmoniosa, complementar e completa, mas sim no conflito, no dilaceramento, na contradição*”.

Assim respondem os cristãos educacionais aos cristãos eclesiais, pois tinham a convicção da “superioridade” dos seus ideais, pois enquanto subsidiaria a situação caótica do analfabetismo que ainda percorria pelo território brasileiro atingindo um bom número de indivíduos; ainda que fosse presente de maneira significativa os colégios confessionais católicos. Estes, inclusive, acompanhavam uma classe da população instruída, e de formação católica, notadamente difícil de aceitar a pregação do evangelho pela via dos cristãos eclesiais, ou seja, apenas com a pregação, portanto, como afirma Léonard (1981, p.173-174), “*é justamente no campo da educação que o evangelho produz seus frutos seletos e superiores, homens preparados para falar com poder à consciência nacional*”.⁴

⁴ “Nós evangélicos estamos plenamente convencidos da superioridade dos nossos ideais, evangélicos. Afinal de contas, a evangelização do Brasil implica no conflito dos dois, mas o povo culto em geral não aceita o evangelho antes de ficar convencido da superioridade da cultura sistemas de civilização. (Católico e evangélico) e o resultado dependerá da possibilidade de demonstrar a superioridade do cristianismo evangélico. Não será fácil no Brasil onde a vantagem de treinamento dos séculos está com os católicos. Os ideais, o modo de pensar, as instituições políticas e domésticas, os costumes e hábitos sociais do povo, do coletivismo social são influenciados e formados pela religião católica. Naturalmente, resistem até entre os próprios evangélicos aos princípios de democracia e individualismo. Não obstante, o poder maravilhoso do evangelho na transformação imediata dos ideais dos indivíduos, a superioridade das doutrinas batistas não será demonstrada ao povo brasileiro exclusivamente no campo da evangelização. O povo ficará convencido pelos frutos do evangelho. ‘E justamente no campo da educação que o evangelho produz seus frutos seletos e

Os conflitos gerados foram intensos, no entanto com firmeza defenderam a visão do valor das escolas e permaneceram dando continuidade à execução do projeto já iniciado com os missionários Bagbys. Machado, (1999 p.41), citando o J Batista-(05/05/1927 p.15), relata que *“fundaram, pois, um colégio em São Paulo, com 60 alunos das melhores famílias”*⁵. Não abriram mão de que *“a missão do evangelho não é somente cuidar da alma, mas também do intellecto”*.

Novamente Machado, (1999 p.41), citando Puchesse (1903, p.11), afirma que *“o homem encerra em si dois princípios mais ou menos estreitamente unidos; corpo e alma; espírito e matéria”*. Buscando compreender o ideário e seus condicionantes histórico-político dos missionários protestantes batistas norte-americanos junto a brasileiros protestantes, percebe-se que o intuito é conduzir os brasileiros a melhores propósitos de vida através da ação pedagógica na evangelização.

Vale salientar que havia muitas instituições de ensino privado em Recife, tais como o Colégio Salesiano Sagrado Coração, fundado em 1893, e outro em 1900 em Colônia dos Padres em Jaboatão; Colégio Nóbrega fundado em 1917; o Liceu de Artes e Ofícios em 1880, em parceria com o Governo do Estado, hoje além deste último, a Universidade Católica que fornece os professores para ministrar as disciplinas; a Universidade Católica de Pernambuco fundada em 1951. Sendo alguns fundados pelos jesuítas. Porém, essa expansão educacional, ainda, não atingiam todos os segmentos da sociedade pela abrangência do analfabetismo que ainda se alastrava consideravelmente. A partir, inclusive, da experiência de uma dessas escolas, o ex-Padre Piani, professor, contribuiu significativamente na criação do Colégio Americano Batista como informa Pereira,(2002, p.41).

Quando Cannada fundou o Colégio Americano Gilreath, tinha também como proposta evitar o constrangimento que muitos alunos sofriam por serem de confissão protestante a participarem das missas e de programações como o mês de maio, etc., e, outros colégios simplesmente não aceitavam filhos de protestantes como alunos.

superiores, homens preparados para falar com poder à consciência nacional. O Evangelho encerra os princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade intelectual e religiosa [...]. Não é por acaso que nos países onde o catolicismo predomina há quase sempre a porcentagem de analfabetismo”. (LÉONARD, 1981, p.173-174).

⁵Conforme Perruci,(2006),o corpo discente elitizado formava-se pela alternativa de um colégio, cuja formação educacional fosse considerada eficaz.Porém, a instituição oferecia educação também aos discentes de menor poder aquisitivo por atribuir mensalidades acessíveis, como a possibilidade de bolsas de estudos num projeto de solidariedade.

1.2 A formação do Colégio Americano Batista

Ao pesquisarmos sobre tais nuances, encontramos informações de que o Colégio Americano Batista vem se constituindo historicamente, desde o início do século XX, segundo Oliveira, (2002, p.41). Afigura-se, nessa época, um cenário Nordestino ainda muito pobre de recursos na área da Educação. Nessa década, ainda se evidenciava com ênfase o Analfabetismo. Face à constatada dificuldade, foi implantado, na cidade do Recife, o Colégio Americano Batista. A contribuição destacada à sociedade nordestina foi dada pelo missionário William Henry Cannada.

Oliveira, (2002, p. 39), afirma nesse pensamento que os protestantes avançam na evangelização através de escolas. E, em Recife, a obra se expande com William Cannada. Enviado pela Junta de Missões de Richmond, na Georgia, para Pernambuco em 1902, aceitou prontamente ao convite, e com presteza responde: *“Eu decidi dedicar meus esforços especiais para o treinamento de jovens nativos que estão na expectativa de se entregarem para a obra gloriosa da pregação. Esta é a maior necessidade do trabalho brasileiro, conforme minha visão”*.

De início, Cannada, (1903, p.339), assumira a Educação Teológica do Seminário do Norte. Seus alunos, mesmo sendo de famílias nobres do sertão, não sabiam ler, eram totalmente analfabetos. Como ensinar homilética, exegese, entre outras disciplinas sem saberem ler? Como prepará-los academicamente, teologicamente se nem sequer sabem decodificar os sinais gráficos? Educá-los, alfabetizá-los; portanto, não seria irrelevante, mas uma grande necessidade. E, diante de tal cenário desanimador, não arrefeceu o ânimo.

Cannada possibilitou a implantação do colégio em solo nacional. E, ao final do curso, os que eram analfabetos que tinham como intento o ministério teológico tornaram-se pastores instruídos, vislumbrando um bom ministério pastoral, como esclarece Machado,(1999, p. 67-68), citando Langston: *“os protestantes batistas estabeleceram-se no Brasil, não por motivos interesseiros, mas para auxiliar a extensão dos ensinamentos de Jesus Cristo”*. E, os que simplesmente estudavam com fins unicamente acadêmicos, assim alcançaram seus intentos.

“Para atender a essas necessidades tão veementes à sua vista, criou Cannada a “Aula Literária” que posteriormente viera dar subsídio tanto aos primeiros alunos adultos que ingressaram totalmente ignorantes, como as crianças carentes

que certamente dariam frutos desse ensinamento”.
(Léonard, 1963, p. 177).

A realidade do analfabetismo alastrado era tão intensa que até mesmo os protestantes eclesiais admitiram a flexibilidade de observarem o trabalho que os educadores se propunham a fazer em prol de minimizar essa situação tão deprimente. E ao perceberem que estes apresentavam alternativas que asseguravam propostas convincentes, passaram a olhar com bons olhos ao que anteriormente se opunham totalmente. Segundo Coriolando Dulclerc:

“Inculcando à mocidade sonhadora os ideais do Christianismo puro, estabelecendo escolas e collegios para combater as trevas do analfabetismo [...] o curso normal tem valido entre as igrejas e vale cada vez mais [...] direta ou indiretamente é uma das maiores bênçãos que temos recebido de Deus”. (OBJ, 6-1-27: 11 in: MACHADO, 1999, p. 40).

A mudança cultural e educacional começa a acontecer com rapidez. Os alunos dirigem-se à Aula Literária como assim era chamada, não por obrigatoriedade, mas voluntariamente em busca do que aspiravam que era ler e adquirir conhecimento. Entre os alunos de Willian Cannada havia diversidade de intenções. Uns na Aula Literária buscavam somente qualificação, outros, porém, além das qualificações almejavam o diploma; enquanto que em outros, no caso uma minoria, o interesse fora só a curiosidade intelectual. Dessa forma, uma Aula Literária iniciada num casebre, destinada à formação profissional de jovens seminaristas que eram destituídos do mínimo que se possa oferecer a um cidadão que é a alfabetização, transforma-se em escola e logo em seguida, em 01 de janeiro de 1906, definitivamente em colégio, com o nome de ‘Colégio Americano Gibreath’, em homenagem a um amigo missionário. Posteriormente, passou a chamar-se ‘Colégio Americano Batista’.

Nessa obra educacional, o Dr. Cannada conta com o apoio de um ex-frade que pela imprensa declarou ter deixado a igreja Católica e o corpo docente do Colégio Salesiano. Trata-se do professor José Piani, com uma bagagem de experiências na área educacional, e juntos agilizaram a fundação do Colégio Americano, que passou a funcionar num sobrado com 1º andar, localizado no Parque Amorim, lugar este não poderia ser melhor, visto que se formava uma confluência que abria caminho para muitos outros bairros.

O colégio ficava centralizado para os olhares da cidade como um todo. O lindo sobrado ficava numa área ecologicamente propícia, rodeado de um verde sem igual, com palmeiras coloniais, flores, pés de manga que até hoje são preservados. O crescimento do colégio foi evidenciado pela procura dos pais para matricularem seus filhos, de tal forma que, muitos deles que dispunham de um poder aquisitivo elevado, e pertenciam às famílias influentes da Alta Sociedade Recifense. Contudo, a proposta do C.A.B visava atingir a todos indistintamente e com dignidade.

Com o devido crescimento, novos prédios foram construídos e, em meados de 1917, foi comprada a linda chácara do Barão da Soledade. Nessa época, o colégio já estava de posse de nova direção que se empenhava com dedicação semelhante a do Missionário William Cannada. Com Muirhead o colégio presenciou e participou de dias inigualáveis. Exatamente em sua administração que essa grande propriedade foi adquirida. O sítio “Solar da Soledade” foi considerado o melhor sítio do Recife. Esse espaço, hoje, juntamente com o STBNB, SEC, Igreja Batista da Capunga, a sede da Convenção Batista, o Arquivo Histórico; além do próprio colégio, forma o conjunto protestante batista, na maior área geográfica do Recife dedicando-se à Educação.

Ao lado do Muirhead, prestou grande contribuição o Dr. Alfredo Freyre, juiz e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife. A experiência e influência que tinha na sociedade recifense contribuiu para que o Colégio adquirisse mais credibilidade no meio social. Do período de 1907 a 1934 atuou também como Professor de Português e Francês. Em sua homenagem o prédio central recebeu seu nome “Edifício Alfredo Freyre”. Este nobre homem tão influente ainda que não fosse protestante, mas católico, acreditava nessa obra educacional de maneira que além de nela investir seu tempo, sua capacidade, entregou aos cuidados pedagógicos do CAB, seu filho, o conhecido sociólogo Gilberto Freyre.

Os cristãos protestantes batistas delineavam seu projeto evangelístico observando que os dias passavam sendo-lhes acrescida uma nova mentalidade que passa a enxergar o mundo teológico sendo influenciado em alguns aspectos científicos e filosóficos assim como também influenciando. Encontramos, entretanto, no jornal Batista artigos e editoriais que registram com clareza a postura dos pensadores batistas em favor da educação praticada pelos colégios: “... o trabalho de educação baptista tem seguido no trilho da evangelização com a mesma rapidez”. (OBJ, 20-08-25: 9).

Muirhead, ao chegar em Pernambuco, dedicou-se totalmente à evangelização através da Educação. Com o apoio integral da Junta de Richmond proporcionou a muitos brasileiros adquirirem conhecimento, e a saírem da escuridão da ignorância. Esse missionário protestante batista americano foi considerado um dos melhores educadores e administradores do Colégio, pois transformou o CAB num verdadeiro ícone no ensino, sendo imitado por outros colégios particulares do Estado de Pernambuco.

Os batistas brasileiros consideram as relações Igreja-Escola e Escola-Igreja com o compromisso de atuarem na educação, sem perderem de vista o sentido da missão e a importância das práticas religiosas no cotidiano das instituições de ensino; sem, contudo haver pressão, imposição, nem tão pouco preconceitos religiosos. Nos “*Prospectos do Collegio*” defendem claramente a sua visão:

“O collegio não tem preconceitos religiosos. Não se procura impor qualquer religião. Entretanto, tendo a convicção que a base da boa moral, é a religião e não compreendendo educação sem moral, o seu ensino e a sua prática não são menosprezados por esta instituição. Ensinamos a liberdade de consciência e a responsabilidade pessoal de cada indivíduo para com o seu Salvador. Não procuramos obrigar, por meio de prêmios ou ameaças qualquer pessoa a concordar conosco. Praticamos a tolerância, respeitamos o pensamento alheio e mantemos o nosso ponto de vista de obediência e homenagem às leis do paiz”
(Prospectos do Collegio Batista Brasileiro . in: MACHADO, 1999, p.81. in:, 1930, p. 18).

Acompanhando historicamente a trajetória da obra educacional batista obtém-se a informação de que sempre atuaram dentro de uma visão liberal, isto é:

“Pode-se afirmar que os batistas, à semelhança de outros grupos protestantes, mantiveram-se dentro dos limites da tendência pedagógica liberal, identificaram-se com o escolanovismo, praticaram o otimismo pedagógico e se considerava participantes do mesmo campo de luta dos pioneiros da educação, fato que foi registrado por diversos autores protestantes e católicos (...). “A questão pedagógica e os métodos de ensino eram fortemente influenciados pela Escola Nova e pelos seus precursores, tais como Dewey e James, nos

EUA, e Decroly e Montessori, na Europa”.
(MACHADO, 1994, p. 53-4).

Essa metodologia centrada nas teorias liberais de Dewey, Decroly se observa de modo geral na concepção da “*educação brasileira, isto é pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada*”, Machado, (1999, p. 76), citando Libâneo, (1995, p. 21).

De origem e filosofia confessional batista, o CAB desmembra a orientação religiosa alicerçada numa postura em que a liberdade de consciência e a responsabilidade individual do educando é uma característica peculiar. Enfatizam que a boa moral depende da religião e seu ensino deve ser mediante a prática inserida na sua visão de mundo.

A Bíblia fazia parte da bibliografia dos currículos em todas as faixas etárias, como base e parte essencial do programa *Ceabense*⁶, conforme consta do Relatório de Educação, ou seja: “*A Bíblia é a base de todas as crenças predominantes no Brasil, portanto não deve haver objeção a tal leitura. O estudo da história sagrada pura e simples deve ser ponte do programa nos nossos collegios*”, que consta no relatório sobre educação apresentado na Décima Reunião Anual da Convenção Batista Brasileira, de 22^a 26-6-1926, p. 14.

O ensino fora também ministrado em assembléias com um grupo maior a participar. Estudava-se a Bíblia com debates, trabalhava-se a música e outras artes. Havia atividades com filmes educativos com temas sobre fumo, bebida, drogas. Essa era uma metodologia bem aceita e aprovada em Assembléia anual com a seguinte determinação: “*O Collégio mantém cinco vezes por semana uma Assembléia Geral dos seus allumnos, onde discutimos questões cívicas, moraes, intellectuais e relligiosas. Uma vez por anno realizamos uma série de conferências religiosas por um pregador de destaque*”.⁷

O trabalho evangelístico a que se propunham os protestantes realizar a partir da Educação fazia a cada dia diferença e consubstanciava o progresso dessa deslumbrante obra. Se nos parâmetros acadêmicos avançava consideravelmente. No projeto pedagógico *Ceabense* acrescentou-se a organização da “*Escola Remington*”. Surge também a “*Academia comercial*”. Foi organizada uma orquestra que foi muito valorizada pelos alunos e suas respectivas famílias. Esse trabalho foi realizado pelo professor Antonio Alcântara. Crescia em número continuamente e, outros prédios iam sendo comprados para acompanhar as

⁶**Ceabense:** é a comunidade (direção, coordenação, professores e alunos).

⁷Atas, pareceres relatórios, estatutos da 24^a reunião anual da CBB, realizada de 17 a 21/01/38, p.62.

necessidades. Se no aspecto religioso também o projeto que estabeleceram corria em perfeita harmonia com as linhas traçadas pelos protestantes quando assimilavam que:

“O caráter christão de um collegio consiste em manter em todo o seu ambiente colegial em espírito christão, uma philosophia da vida que seja confirmada nos ensinamentos de Jesus, o Grande Mestre, que veio para que os homens pudessem ter a vida mais abundante. No Collegio christão o interesse principal encontra-se nas pessoas mais do que nas materiais. O alvo é a personalidade; o fim é o desenvolvimento do indivíduo, e o methodo especial é a camaradagem entre o alumno e o professor em busca da verdade e da perfeição. O collegio christão aceita o ideal de Jesus e o seu padrão quanto à conduta do indivíduo e o bem estar social. Isso quer dizer pôr em obra a lei do Amor, apreciar o bom êxito da vida em termos de serviço, lutar contra todas as forças do mal, e viver em vida honesta e eficiente. No collegio christão aceita-se a revelação de Jesus quanto A natureza de Deus (...) em Jesus temos a revelação de Deus.” (Estatutos O Granbery, 1930, p. 10).

O colégio declara-se confessional e as aulas de religião representam o primeiro sinal acadêmico dessa confissão; sem, contudo, deixar de ser valorizado nem prestigiado na sociedade brasileira, não necessariamente pela variedade de cursos que oferece, mas, sobretudo pela “*solidez de seu ensino, pela penetração em todas as camadas sociais e esferas governamentais*”, conforme o relatório da 43ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira, (1961, p. 113).

Em 1917, na direção do Dr. David Luke Hamilton, o C.A.B festeja seu trabalho educacional diplomando a primeira turma, “*conferindo o título de Bacharel em Ciências e Letras. Parainfou a turma o ilustre Professor Dr. Manoel de Oliveira Lima, e como orador da turma o jovem que mais tarde se tornaria conhecido pelas suas obras literárias, Gilberto Freyre*” como informa (PERRUCCI, 2006, p.48). Foi nesse período histórico tão significativo que houve a mudança do nome do colégio, *de Gilreath para Batista*. Os formandos tornaram-se excelentes profissionais, assumindo funções de relevância na sociedade de Recife.

O ano de 1918 também foi marcado por grande sucesso. O colégio organizou uma orquestra que foi bem aceita por todo corpo discente, sendo o Professor Antonio Alcântara, seu primeiro maestro o qual foi o responsável pelo arranjo musical para o Hino do C.A.B.

Esse hino foi cantado pela primeira vez exatamente nesse ano de 1918. A letra foi escrita pela Professora Stela Câmara Dubois. Destacou-se também nessa data a formatura da segunda turma de bacharéis.⁸

O colégio continua avançando, e a Junta de Richmond, nos Estados Unidos, permanece apoiando inteiramente destinando muitos recursos nessa implantação do colégio. Os americanos tinham como perspectiva investir também na preparação de brasileiros que dessem continuidade a essa obra só na administração de homens e mulheres brasileiros. Havia uma preocupação que os missionários americanos tinham em preparar obreiros nacionais para ser entre os brasileiros um ministério competente:

“[...] o nosso trabalho neste país nunca pode ser estabelecido em bases próprias até que tenhamos as facilidades para adquirir um ministério competente entre os brasileiros. (...) Vamos, portanto, preparar os nossos homens para que no futuro, eles possam tomar os nossos lugares”.
(PEREIRA, 1985, p.51-52).

Assim alugam mais um prédio junto do C.A.B que foi destinado à residência dos professores. Foi criado o Departamento Normal para moças, que hoje é o Seminário de Educadoras Cristãs. Em 1923, os Laboratórios de Ciências começaram a funcionar com todas as suas atividades, num prédio novo, exclusivamente construído para tais fins. Os aparelhos eram de alta categoria, trazidos da França e dos Estados Unidos. Todos que faziam parte dessa instituição abraçavam-na como a um ministério e se davam por inteiro. De maneira que poderiam afirmar de seus desempenhos no Prospecto do Colégio que:

“O collegio não inclui, entre os seus meios de propaganda as exibições espectaculosas, as promessas phantasticas, os artifícios tendentes a ganhar o favor e as boas graças dos senhores Paes. Tem trabalhado tranquilamente sem bulha e espalhafato, para tornar conhecidas as vantagens dos seus methodos educativos.”(PERRUCI e et al, 2006, p.35).

A excelência do colégio chega a uma dimensão de grande repercussão na sociedade recifense, e diante de tal conjectura, a direção do colégio junto à direção do Seminário decidiu

⁸VIDE ANEXO

que os alunos que se apresentavam no Seminário Teológico Batista do Nordeste para se prepararem ministerialmente, teriam que antes ter adquirido uma base educacional no Colégio Americano Batista. Essa decisão foi registrada no *Boletim Informativo do Seminário*. Esse boletim era considerado um documento de seriedade na administração da instituição. A informação, portanto, consistia que:

“os estudantes que vêm das igrejas com o intuito de se preparar para o Ministério de Jesus Cristo, entram primeiro nas aulas do Colégio Americano Batista de Pernambuco. Atualmente todos os estudantes ministeriais do Norte vêm primeiro ao CAB, onde são preparados para o Seminário (...) no curso gynasial o aluno terá dez preparatórios” (PERRUCI et al. 2006, p.35).

Com apenas dezesseis anos de existência o C.A.B procurou exercer uma pedagogia diferenciada visando “[...] *preparação dos seus educandos para preencherem eficazmente os seus lugares como cidadãos de primeira ordem*”, (PERRUCI, 2006, p.35) (SIC).

Um olhar atento para a Educação nos possibilita compreender que embora ela não seja a única alavanca que atua na transformação social, em seu processo educacional tem grande representação, e nessa esfera tanto pode reforçar os processos de dominação como desmembrar *“um estabelecimento de relações político-sociais com menor força de opressão”*, (SEVERINO, 1941, p.73), conduzindo o corpo discente a adquirir criticidade obtendo um lugar de autonomia como cidadão, nessa tônica caminha a vida educacional do CAB defendendo que todo *“systema de educação deve favorecer a independência de investigação e de pensamento. O progresso humano depende desse princípio”* (PERRUCI, 2006, p.36).

A proposta pedagógica do C.A.B permeava uma visão que objetivasse exercer influências profundas na existência humana sem tolher a liberdade de pensamento. O discurso curricular era direcionado para uma nova adequação da teoria à prática. Os conteúdos programáticos tinham que estar adequados ao cotidiano da sociedade.

Os professores em sala de aula trabalhavam temas que fossem relevantes, interessantes e que fizesse parte da realidade dos alunos, tornando-se por isso significativo; como temas referentes à liberdade, ao capitalismo, democracia, racismo, discriminação, criança, aborto, entre tantos que condissessem à realidade social que estivesse inserido. Paulo Ronca, (1995, p.27), defende ideia semelhante: *“assim todos os educadores devem fazer um*

preocupado esforço para sempre estabelecer possíveis relações entre os respectivos conteúdos a serem discutidos, em sala, com a Existência Humana, com a sociedade em geral e com aquela comunidade em particular”.

Os professores, nesse processo educacional, intentam libertar-se de uma epistemologia tradicional, adquirindo um perfil diferente, visto que dão mais ênfase à aprendizagem com estratégias e procedimentos instrumentais que desenvolvem mais o cognitivo do que os conteúdos informativos. A direção Pedagógica do Colégio Americano Batista com seu corpo docente primava para que a qualidade educacional estivesse presente não só no projeto da escola mas, sobretudo na prática.

Os reformadores protestantes tinham o pensamento de que o povo deveria exercer o seu direito de liberdade, inclusive o de não compactuar com o ensino religioso pelo colégio proferido. A Bíblia precisaria ser lida sem imposição. Seria uma abertura ao homem como incentivo a uma dimensão de vida espiritual elevada, como também a oportunidade à criticidade. Não se deveria absorver ensinamentos a respeito de determinada literatura que não se pudesse acompanhar, tendo a liberdade de aceitar, questionar ou mesmo rejeitar. No afã de despertar o aluno para o senso crítico, para o desenvolvimento de um bom caráter e levá-lo a uma reflexão de si mesmo, idealiza a instituição formar um alunado para ser um cidadão ou mesmo até um cristão não por manipulação, mas com autonomia, com poder de decisão.

O ser humano para ser ele mesmo, necessita ter autonomia; portanto, é imprescindível ter que aprender uma linguagem, uma cultura, uma educação, como afirma Morin, (1991, p.80).

Na atualidade, os teóricos e educadores aprofundam-se mais ainda nessa realidade do “*respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros*”, como afirma Freire (1996, p. 28), nos *Anais do congresso atual de práticas educativas*. O C.A. B, já nessa década, oferecia o melhor sistema de Ensino do Norte e Nordeste conforme (PERRUCI, 2006, p.39).

Machado (1999 p. 51) ao citar O Jornal Batista, (OJB, 10-11-27: 11), enfatiza a respeito da prática pedagógica batista que “*Educar é desenvolver o physico, cultivar o intellecto e formar o caráter no indivíduo; e qualquer instituição que não cuida das três coisas perde o direito de ser chamada instituição educativa*”. Na intenção de mobilizar-se em prol de tornar realidade essa ideologia, o colégio Americano Batista continuava com práticas pedagógicas inovadoras. Criou então a *Sociedade Literária Joaquim Nabuco*. De início era só

Sociedade Literária, que se dividia em dois grupos, com dois departamentos: “*Litterário e Atlético*”.

Debaixo do governo do Colégio, os alunos se desprendiam em realizar os trabalhos sociais. Os departamentos funcionavam concomitantemente; enquanto um desenvolvia o físico através dos jogos e exercícios, o outro tratava da arte literária e social. A repercussão dessa sociedade foi muito significativa na vida profissional de muitos alunos, como também na vida pessoal. N’O Lábaro, um jornal da Sociedade Literária, (recebeu os maiores elogios da imprensa evangélica e do meio social acadêmico) estão transcritos inúmeros depoimentos de alunos, Perrucci destaca o de Archimedes Lustosa:

“Há dois anos que faço parte da Diretoria da “Sociedade Literária Joaquim Nabuco”. No ano passado, não era ainda conhecido no meio da classe estudantil do CAB, quando fui surpreendido pelo gesto de pura confiança, da parte dos meus colegas, elegendo-me orador dessa sociedade (...) A história dessa tradicional organização enaltece os alunos e ex-alunos do Educandário. Traz-nos a certeza de ter atingido o alto objetivo para que foi criada: qual o de incentivar os seus associados, admiração e do gosto pela literatura nacional. E nela, algumas das figuras de maior sapiência na cultura literária em nosso país, fizeram os seus primeiros ensaios”.(PERRUCCI et al, 2006, p. 40).

Alinhado a essa pedagogia que se estendia a movimentos que incentivava à cultura, no ensino religioso verificava-se uma pedagogia, cuja didática atribuía uma participação na cultura literária. Fora um prenúncio de uma futura interdisciplinaridade, num movimento que fugia a exposição de um conteúdo numa epistemologia tradicional, e consequentemente um ensino nos parâmetros confessionais, catequéticos.

1.3 Depoimentos dos ex-alunos

Abordaremos, a seguir, depoimentos de alguns ex-alunos que, por causa de sua relevância no campo das artes e da literatura Brasileira são conhecidos no Brasil e no mundo; outros são conhecidos por seu trabalho na política e na educação e, outros cuja relevância educacional se prende ao campo Batista Brasileiro. Destes nomes podemos destacar o sociólogo Gilberto Freyre, o escritor e teatrólogo Ariano Suassuna, o filho Dr. Roberto Magalhães Melo Filho do ex-governador, ex-senador e atual deputado federal Roberto

Magalhães Melo, o professor Francisco Jose Cunha, Marcus Accioly e o atual diretor do C.A.B, Dr. Ildibas Antônio Nascimento, a Diretora Pedagógica do C.A.B entre outros.

Os depoimentos são de natureza diversa: por um lado temos depoimentos de grande escala, obtidos com base da bibliografia como procede no caso de Gilberto Freyre; por outro lado temos outros depoimentos adquiridos pelo(a) próprio(a) autor(a) e, que veriam de tamanho e profundidade de acordo com as condições que o encontro se deu. Neste capítulo mencionaremos primeiro o depoimento de Gilberto Freyre o qual nos reportamos tanto à bibliografia como a depoimentos conseguidos anos atrás num encontro com o mesmo numa atividade de Literatura que coordenávamos - a Literaprosia, e nessa gestão o sociólogo fora convidado pela nossa docência.

Nesse encontro tivemos a oportunidade de entrevistá-lo, tanto nós, como professora, como os alunos também puderam desfrutar desse convívio. No momento estavam a realizar um trabalho literário com o livro ‘Casa Grande e Senzala’ de Gilberto Freyre, tiveram na instância seus livros assinados pelo autor. E guardamos essa entrevista quando nem sequer pensávamos que um dia iríamos ter o colégio como campo de pesquisa e usaríamos fragmentos da falácia do grande escritor. Portanto, o depoimento que exporemos sobre Gilberto Freyre consiste de um teor bibliográfico, da narrativa de Perruci, notícias de jornal e dessa entrevista anos atrás, com o mesmo, no auditório do colégio.

1.3.1 Um aluno ilustre: Gilberto Freyre

Gilberto Freyre nasceu em 15 de março de 1900 em Recife e faleceu em 18 de julho de 1987. Freyre, ex-aluno do Colégio Americano Batista, sociólogo, antropólogo, historiador, escritor e pintor brasileiro, é considerado como um dos mais importantes sociólogos do século XX. Sua passagem pelo C.A.B deixou marcas indeléveis. Freyre fez história na instituição.

Freyre escreveu um livro que ele dizia ser um diário, *“uma espécie de confessor católico ou psicanalista profissional”*. Ele escreve sua vida de 1915 aos 1930. Nele encontramos vários relatos de suas experiências em vários níveis da vida acadêmica quanto nas relações interpessoais.

“documento estritamente íntimo, por ninguém lido ou conhecido”. Espécie de substituto de um confessor católico ou um psicanalista profissional [...] foi um tempo cheio de contratempos [...] um

diário não é só o registro de sucessivos encontros ou desencontros, de um indivíduo, alongado em pessoa, consigo mesmo. Envolvem outros indivíduos, pessoas, instituições, conflitos de indivíduos ou de com grupos, convenções, tendências do seu tempo e do seus meios sociais. Revolta, resistência há esse tempo e esse meio. Quixotismo e também pancismo; acomodação, transigência, subordinações. Foi um tempo cheio de contratempos”.(FREYRE, 2006, p.19).

Gilberto Freyre iniciou seus estudos no Jardim de Infância, em 1908, no Colégio Americano Gilreath. De início, teve grande dificuldade em aprender a ler. Sua avó o mimava por achar que o neto tinha alguma deficiência, sem imaginar o quanto essa criança desenvolveria o cognitivo e se tornaria um homem de um acervo cultural inigualável. Fez seu primeiro contato com a literatura através das Viagens de Gulliver. Perruci resgata um depoimento que Freyre tivera dado ao Diário de Pernambuco, onde pontua o escritor sua vida como aluno iniciando sua vida estudantil no Colégio Americano Batista. Nesse transcorrer de depoimento evidencia a importância dos professores do C.A.B para seu desenvolvimento e avanço nos estudos.

“...foi o primeiro colégio em que estive ou em que fui matriculado, isto em 1908, eu já com 8 anos. Entrei, repito, atrasado, no jardim da infância. Fora uma criança difícil! Inimigo de ler e de escrever e de contar (...) Mas graças às professoras e professores do CAB, não tardaria a recuperar tempo perdido. Em todas essas iniciativas, tive o estímulo de mestres, como o admirável Muirhead que, no curso secundário, se tornaria meu professor de História Geral, tendo se entusiasmado por um esquema, por mim elaborado e por ele considerado ‘interessante e original’(...) creio que aí madrugou minha vocação de antropólogo-sociólogo-historiador, como nos meus artigos no ‘O Lábaro’ já madrugava minha vocação principal: de escritor. Vê-se assim que pela minha mais remota formação intelectual, estou muito ligado a este Colégio (CAB). E se me tornei nas minhas atividades intelectuais em várias coisas, o que alguns consideram um original, um inovador e um pioneiro, foi aqui que tal tendência amanheceu em mim.” (Discurso publicado no Diário de Pernambuco, 1974 apud PERRUCI et al, 2006, p. 270).

Seu desenvolvimento acadêmico no C.A.B foi surpreendente e, ao perceberem o potencial de Freyre, seus professores cercaram-no, incentivando-o a se dedicar cada vez mais. Lera, na adolescência, sobre Sócrates em Platão e seus escritos, Aristóteles, Agostinho, Tomas de Aquino, Spinoza, Descarte, Hume, Hobbes, Hegel, Comte, Schopenhauer, Nietzsche, Bérghson, Marx. Gostava de estudar alemão, mas não havia recursos e, nega-se a se ver como autodidata; seu desejo era mudar-se do Recife. Leu as obras completas de Frei Luis de Souza, Camões. Sabia inglês, francês, latim, aliás, dava aulas de latim, mas se sentia aflito, pois estudava mais que os alunos para poder ensinar, grego, compunha em grego.

Desde o início, como afirma Pallares e Burke, (2005, p.35), *“sua atração pela cultura britânica na adolescência quando escolheu o tema ‘British Civilization’, para seu primeiro ensaio do curso avançado de história que seguiu no Colegio Americano do Recife”*.

Freyre foi um adolescente do seu tempo, gostava de andar de bicicleta e sentia falta de brincar com ela, mas era dedicado aos estudos e, a importância dos seus colegas de escola.

Tomou parte ativa nos trabalhos da Sociedade Literária, torna-se redator-chefe do Jornal ‘O Lábaro’. Em 1916, esse excelente aluno do CAB já marcava presença na sua primeira conferência pública, dissertando sobre Spencer e o Problema da Educação no Brasil. O Colégio não teve, nem tem preconceitos religiosos, nem tão pouco impunha a fé que professava. O Ensino Religioso extraía como essência que *“a base da bôa moral é a religião”*, A educação teria que definir-se a partir desse parâmetro, pois sua perspectiva o ensino e a sua prática seriam menosprezados. Nos Prospectos do Colégio definiam suas diretrizes afirmando que:

“Ensinaamos a liberdade de consciência e a responsabilidade pessoal de cada indivíduo para com o seu salvador. Não procuramos obrigar, por meio de prêmios ou ameaças qualquer pessoa a concordar conosco. Praticamos a tolerância, respeitamos o pensamento alheio e mantemos o nosso ponto de obediência e homenagem às leis do paiz”.(1930, p. 18)

Leu John Bunyan, escritor do século XVII, e Milton. Tinha experimentado como novo entusiasmo religioso evangélico de Bunyan. Sua formatura foi em março de 1917, no Colégio Americano Batista e foi publicado no diário de Pernambuco. Visita Oliveira Lima com o intuito de convidá-lo para ser o paraninfo da turma.

Torna-se evangélico, mas critica o fato do cristianismo evangélico tender a tornar-se burguês. Suas experiências com o cristianismo fora de uma visão em que o amor a Deus sem amar ao próximo não se concebia, e esse amor compreendia que não deveria haver lugar para nenhuma discriminação social, racial; mas que no percurso da existência olhar de lado para respeitar e amar é imprescindível a todo cristão; portanto não atentar para o humilde não havia cristianismo, dessa feita não compactuou com um cristianismo que ele considerava burguês.

Fora convidado para repetir o seu primeiro discurso sob fundamentos do evangelho por Muirhead num domingo, na Igreja Batista da Rua Formosa.⁹Sua pregação foi de uma apaixonada mensagem do evangelho. Ao fazer o apelo, muitos se convertem, mas sua mãe católica diz que eles precisam de um padre da fé católica, para guiá-los. Converteram-se pessoas simples, mas ele cita os importantes que foram assisti-lo e dá alguns nomes importantes.¹⁰

Foi participante ativo do trabalho social que a escola direcionava. Visitava pessoas que viviam na calamidade, nos mocambos de Recife. Não é de se admirar que ainda muito jovem tenha tido interesse pelo socialismo cristão. Durante toda sua formação, que se deu no Colégio Americano Batista, foi um aluno exemplar.

Após sua formatura, não parou na sua vida acadêmica. Estava enraizado em seu caráter o valor que havia em se dar aos estudos. Entrou na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Assim, conseguiu o título de Mestre em artes.

Seu primeiro contato com os evangélicos em Nova York em 1918, chegou a publicar sua tese de mestrado com o título: *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*,¹¹ o decepciona, pois vê um *cristianismo burguês*. Via “no cristianismo evangélico como algo bom para o Brasil por ser antiburguês, e não por ser antecatólico. Aqui se dá o início do ponto de mudança. Ler Tolstoi e olhar para Spencer com novos olhos, cuja finalidade era “entusiasmar por esta civilização ultraburguesa”(p. 38)

Logo em seguida, rumo para o Kentucky. Tem a experiência de ir visitar “uma reunião de crentes” numa “igreja rural”¹². Provavelmente, Freyre freqüentou uma igreja rural,

⁹Primeira Igreja Batista do Recife, que ficava na Rua Formosa, onde hoje é a Av. Conde da Boa Vista, na época era Harold Muirhead.

¹⁰Aliás, missionários que deram suporte a Freyre foram: William Taylor, David Hamilton, entre outros.

¹¹“*Social life in Brazil in the middle of the 19 th century*”. Periodic Hispanic American Historical Review, vol.5

¹²A principal matriz do protestantismo norte-americano foi o puritanismo. Os puritanos, que estavam entre os primeiros colonizadores do futuro Estados Unidos, chegaram à Nova Inglaterra a partir de 1620, estabelecendo-se inicialmente em Massachusetts, e depois em Connecticut. Esses puritanos calvinistas, que eventualmente criaram a Igreja Congregacional, davam muita ênfase à experiência religiosa, especialmente à experiência de conversão. Somente tornavam-se membros plenos das igrejas aqueles que podiam dar um

de ênfase avivalista, que poderia ser a Assembléia de Deus, com manifestações características, como o dom de línguas, e outros movimentos de cunho muito emocionais que Freyre critica com a frase “*não é ardor puramente religioso*”. Freyre ficou escandalizado por que não estava preparado para ver e ouvir esse lado que não pertencia aos Batistas e não era essa ênfase dos Batistas no Brasil. Mais adiante, em Nova York descobre “*George Santanyana que é quem está ajudando a reconciliar-se com o catolicismo*”.¹³

Em 1933, foi publicado seu livro muito conceituado Casa Grande e Senzala. Foi também escrito em Portugal. Lá conheceu João Inácio Lúcio de Azevedo, o Conde de Sabugosa. Da Europa escreveu artigos a pedido de Monteiro Lobato que foram publicados no Brasil. Ao regressar ao Brasil, em Recife conhece José Lins do Rego, incita-o a escrever romances, em vez de artigos políticos. Volta a colaborar no diário de Pernambuco, e em 1935 organiza o livro do Nordeste.

Esse jovem, ex-aluno do C.A.B, realizou uma vasta obra de interpretação da realidade brasileira; especialmente no que concerne à vida social no Nordeste. Nas obras retratou sobre o patriarcalismo rural e o paternalismo senhorial. Sua sapiência estende-se em auxiliar Baylor, o geólogo Jonh Casper Branner no preparo do texto português da *Geologia do Brasil*. Sua vida acadêmica é extensa.

Foi seminarista no Seminário Teológico Batista de Fort Worth, no Texas e de lá, foi para a Universidade Batista de Baylor, onde, como evangélico protestante, tornou-se membro da Seventh & James Baptist Church e, pregou em algumas ocasiões.

testemunho público e crível da sua conversão. Assim, em sua fase inicial o puritanismo foi marcado por uma grande intensidade religiosa, uma espécie de contínuo avivamento. Essa característica do puritanismo haveria de influenciar fortemente as diferentes manifestações do protestantismo norte-americano. Com o passar dos anos, as novas gerações perderam a visão e o fervor religioso dos pioneiros. A crescente prosperidade econômica e o avanço intelectual resultaram em um progressivo entorpecimento da vida espiritual. Em meio a esse estado de coisas, muitas pessoas começaram a orar por uma revitalização das igrejas e dos seus membros. Era comum, os pregadores lamentarem o declínio da espiritualidade e conclamarem os seus fiéis a orar pelo avivamento. Essas aspirações começaram a ser atendidas fora da Nova Inglaterra, nas colônias centrais. No início do século XX houve o primeiro movimento de renovação espiritual, que surgiu a partir de uma reunião em Los Angeles em 1906, tomando o nome de Assembléia de Deus e, se expandiu para os outros estados americanos. Chegou ao Brasil em 1910.

¹³Aqui está o erro dos missionários americanos vindos ao Brasil. Não ensinaram a Freyre as diferenças dos movimentos no Protestantismo Americano e no Brasil, onde houve uma significativa diferença quanto ao modo de ser e, em alguns grupos há em seu culto, o fervor espiritual onde há a manifestação de êxtase espiritual, os indivíduos falam em voz alta (glorificam a Deus, com gestos) etc. Freyre não tinha maturidade para gerir essas diferenças, pois os Batistas tradicionais não usam essas manifestações como a Assembléia de Deus e movimento de Renovação Espiritual.

Ibid p.84.

Ao estudar Sociologia, encaminha-se à pesquisa sobre a vida dos negros em Waco e dos mexicanos marginais do Texas. Forma-se na Universidade de Baylor no curso de Bacharel em Artes.

Como sociólogo, fez um estudo dos territórios da colonização portuguesa, de maneira que desenvolveu uma pesquisa que denominou de *Lusotropicologia*. Escreveu livros cujas temáticas descreve a relevância do papel que os portugueses tiveram na criação da primeira civilização moderna. Portugal marca o pensamento de Freyre.

Outro ponto inegável de boa influência foram seus estudos no C.A.B, a partir de seus mestres. A Fundação Joaquim Nabuco muito o influenciou, onde desenvolvia a literatura em seu cognitivo. E, mais tarde, no solar de Apipucos, Freyre dá evasão aos desejos de seu coração, um sonho que precisaria ser realizado. Com o apoio da família, cria a *Fundação Gilberto Freyre*.

A Fundação de Freyre reúne o seu patrimônio cultural e tem como objetivo estimular a continuidade dos escritores quanto à realidade nordestina. A *Fundação Gilberto Freyre*, última grande obra do Mestre de Apipucos. Até hoje, o acervo da Fundação contém 40 mil livros, e está aberto aos leitores, pesquisadores e estudiosos. Gilberto Freyre escreveu 67 livros, além de artigos, ensaios publicados em vários jornais no Brasil e no mundo.

Crabtree, (1937 p.122-128), menciona que “*é justamente no campo da educação que o evangelho produz os seus melhores frutos selectos e superiores*”. Segundo texto publicado no Relatório sobre Educação, na 13ª Reunião Anual da CBB, (1992 p. 112-113).

“Os educadores protestantes batistas registram que nos nossos collegios tratamos dos jovens que no futuro hão de ser os directores e organizadores da vida social e política no Brasil. (...) a nossa experiência testifica que o collegio é uma porta aberta para a formação de muitas relações novas de grande valor em qualquer local.

Assim se sucedeu com Gilberto Freyre e muitos outros alunos que passaram por essa instituição educacional.

Dentre as atividades do Colégio Americano, uma que permanece até os dias de hoje, são os depoimentos dos ex-alunos. E, é exatamente numa dessas oportunidades que Gilberto Freyre dá também o seu depoimento e, Perruci, (2006, p. 268-270), não poderia se ausentar de notificar a fala dele quando diz que:

“Foi com grande satisfação que, após longo afastamento, voltei um desses dias a ter contato com o meu velho Colégio Americano Batista; Colégio no qual fiz grande parte dos meus estudos primários e secundários- desde o jardim da infância, onde entrei retardado e do qual guardo não poucas recordações agradáveis (...). No Colégio Americano estive, junto com meu irmão Ulysses, mais velho dois anos e mais adiantado do que eu, justamente na época em que o Colégio ganhou grande prestígio no Recife, em Pernambuco e no Nordeste, atraindo alunos de algumas das mais ilustres famílias desta parte do Brasil e salientando-se por alguns dos seus métodos de ensino novos para o nosso País, inclusive, pela importância atribuída por seus diretores aos esportes e jogos, sem sacrifício dos estudos; uma inovação entre nós”.

Numa categoria diferente da de Gilberto Freyre, temos o depoimento de outro aluno que no presente ainda contribui de maneira significativa com seu ex-colégio, é o dramaturgo Ariano Suassuna. Nos trabalhos literários tem participado ativamente no projeto de Literaprosia ao lado da equipe da Língua Portuguesa e os alunos. Na festa dos 100 anos foi homenageado na aula espetáculo e sempre disponível a entrevistas respondendo a todas as perguntas com satisfação. Exporemos, pois, seu depoimento como a dos demais alunos que se envolveram com homenagens ao C.A.B através de seus depoimentos. Alguns ex alunos exercem suas profissões em outros estado, mas vieram de longe prestar-lhes a devida homenagem quer seja sendo participante na festa dos 100 anos como nos depoimentos; presentear o Colégio por tantos anos de contribuição à sociedade consistiu um prazer.

1.3.2 Depoimento do ex-aluno Ariano Suassuna

Filho de João Suassuna, Governador da Paraíba no período de 1924 a 1928, e Rita Villar Suassuna. Sua vida estudantil no CAB deu início a partir de 1940. Bacharelou-se em Direito. Mas não parou aí. Continua sua vida acadêmica fazendo Licenciatura em Literatura; sendo nomeado Professor de Estética e de História do Teatro da UFPE. Com muita vibração ao lado de alguns colegas funda o Teatro do Estudante de Pernambuco. Facilitador de interpretações teatrais, inspirado pelas histórias do Nordeste brasileiro foi o principal animador do *Armorial*; movimento por ele criado em 1970. Como escritor já acumula um

acervo cultural extraordinário; dentre as suas obras destaca-se *O Auto da Compadecida*. Dedicou-se também à poesia e em 1989 foi eleito “imortal” pela Academia Brasileira de Teatro.

Ariano Suassuna, como ex-aluno não perde oportunidades de honrar e projetar o Colégio Americano Batista, quer seja através de depoimentos, quer seja participando ativamente na “Aula Espetáculo”, como parte das comemorações do centenário do CAB, em 2006; coube exatamente a ele a abertura artística. Pisando o palco do Salão Nobre, onde quando aluno, viveu sua primeira experiência no teatro encenando sua primeira peça; com desenvoltura e muita alegria floresceu essa noite onde o folclore nordestino foi claramente explicitado. Prestigiado por ex-alunos, ex-professores, como também o corpo discente e docente atual aplaudiram de pé o grande mestre do teatro. Numa entrevista à equipe de Comunicação do Colégio declara:

“Estou muito contente, é uma alegria muito grande voltar ao Americano Batista, escola pela qual eu tenho um carinho muito grande. Eu estudei aqui como interno, tinha saudades de casa, claro, mas gostava muito do colégio, da convivência. O Americano sempre foi uma escola aberta, aqui agente tinha uma alegria que não víamos nas outras escolas, era o único colégio que tinha salas que misturavam homens e mulheres, aqui tive grandes amigas, como Estela Guerra, que encenou comigo minha primeira peça, aqui no CAB. Voltar hoje é reviver a mesma emoção daquele dia. Eu espero que para eles o Americano Batista seja o que foi para mim, uma extensão da minha casa, saibam aproveitar o que o colégio tem a lhes oferecer, aqui eu desenvolvi a paixão pela leitura (...)”.

1.3.3 Depoimento do ex-aluno Paulo Alimonda

O industrial Paulo Alimonda que destaca em seu depoimento a homenagem feita a sua ex-professora D. Eulália Fonseca.

“Mais do que uma mestra, Dona Eulália foi uma forjadora de gerações, sabia transmitir aos alunos, além dos conhecimentos didáticos, aquele algo mais que emana das vocações essencialmente

humanísticas. Seus alunos, por isso, jamais a esqueceram. Foram-se os arrebatamentos dos verdes anos, mas em todos ainda permanece a marca irremovível da personalidade dessa extraordinária educadora que soube dosar, com engenho e arte, as matemáticas, línguas e ciências humanas, com o sentimento abrangente da compreensão”. (PERRUCCI, 2006, p.268).

1.3.4 Depoimento da ex-aluna Cássia Virginia Guimarães Cavalcanti

Destacamos a ex-aluna Cássia Virgínia Guimarães Cavalcanti, ex-professora do CAB, Psicopedagoga, licenciada em Ciências Sociais e em Pedagogia, com habilitação em Administração escolar; Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior e Psicopedagogia Institucional e Clínica. Atualmente cursa Direito, fala Cássia com sorriso nos lábios, seu depoimento expressa sua satisfação e gratidão por ter estudado na instituição e cujo trabalho é tido como satisfatório por seus colegas e professores, assim ela expressa:

“Cheguei ao Americano Batista, no segundo semestre de 1996, com 13 anos de idade. Gosto de lembrar com carinho do Pastor José Florêncio Rodrigues Júnior que ensinava religião, discutindo o livro de 1º João, a Profª. Mnemosine que ensinava Língua Portuguesa, com elegância e exigência; como eu gostava das aulas de História Geral, da Profª. Julinha que ensinava com paixão e nos envolvia com facilidade. No Magistério, estudei com professores experientes e de nomes respeitados como Carmi Coutinho, Odete Pires, Areli Perruci, Leny Amorim e outros.

Naquele novo espaço, pude crescer em todas as áreas. Fui Líder das semanas Psicopedagógicas, do time de voleibol, nos jogos internos e, finalmente fui laureada. Por tudo isso, o Pastor Diretor interino me chamou (...) para assumir uma vaga na 2ª série do 1º Grau Menor. Aos 17 anos eu era professora do CAB e aluna da Universidade Católica. (...) vivi 27 anos da minha vida dentro do Colégio Americano Batista.(...) Exerci a função de professora de 1ª a 4ª série, por cinco anos (...) assumi a coordenação da 5ª a 8ª série onde passei 12 anos nessa função. Também exerci a coordenação de 1º grau menor, a coordenação Pedagógica Geral, fui professora do curso do Magistério, Diretora Pedagógica e, finalmente, Diretora Adjunta. Por tudo isso, sou

grata a Deus pelo Colégio Americano Batista que tanto influenciou na minha formação, entre os meus 13 e 17 anos; sou grata a Deus pelos meus 27 anos de trabalho dedicado nesta instituição de ensino; sou grata a Deus pelos ensinamentos proporcionados aos meus filhos André Filipe, Anderson Carlos, Alexandre César e Ana Carolina. A vasta experiência profissional vivida no CAB me possibilitou novos rumos na vida. Hoje, sou diretora geral do Colégio Batista “Daniel de La Touche” em São Luís do Maranhão. As boas recordações do CAB são tantas, mas não se restringem apenas às belas árvores, às aulas, às salas de aula. As melhores recordações são das pessoas que influenciaram a minha vida, que criaram vínculos indestrutíveis, das mais simples às com as maiores autoridades. [...]. O MEU MUITO OBRIGADA!”(PERRUCCI, 2006, p. 259-261).

1.3.5 Depoimento do ex-aluno Roberto Magalhães Melo

Em meio à luta, no primeiro ano de residência, no Hospital da Unicamp; como na jornada que se acrescia à rotina de um plantão noturno semanal, o ex-aluno Dr. Roberto Magalhães Melo Filho cujo pai é o Dr. Roberto Magalhães Melo, ex-governador de Pernambuco, declara que:

“As pessoas que faziam o CAB, na minha época, desde o mais humilde empregado até o diretor usaram mais do que meras palavras, para repassar aos alunos uma visão de mundo, um sentido para a vida; ensinaram-nos, com atitudes, posturas diante dos desafios do cotidiano (...) fundados na leitura da Bíblia, formaram, em mim, a estrutura psíquica e espiritual que tem alicerçado o meu viver e mantido o rumo, nas horas difíceis. O significado deste colégio para mim é muito profundo; está gravado dentro o melhor que há em mim. Especial gratidão aos ex-diretores Efraim e Daisy Santos e aos professores José Roberto, Cláudio Lísias, Evódia, Edinária, Cleide Viana e Carmem. Muito obrigado CAB, “eternamente o nosso bem”, porque como está dito no teu hino, em nossas almas viverás!”(PERRUCCI, 2006, p. 255).

Ao pesquisarmos os depoimentos de infinidade de alunos, quer sejam os alunos da geração passada quer sejam os da nova geração; todos de uma só voz, demonstram a plena satisfação em terem sido alunos do Colégio Americano Batista. Denotam em suas falas o quanto de influência positiva na sua vida educacional, na sua profissão, e em seu emocional, como na sua autonomia esse Colégio exerceu.

1.3.6 Depoimento do ex-aluno Marcus Accioly

Uns descrevem seus sentimentos a respeito do CAB, outros narram, outros poetizam como o ex-aluno Marcus Accioly, hoje um conceituado poeta.

“Ao velho\novo CAB (alfabeto que começa do centro e se volta da direita para a esquerda), este canto do seu ex-aluno que após substituir juazeiros e canários do engenho Laurerno, em Aliança, pelas mangueiras e sábias do Colégio, no Recife, aprendeu a lição de poesia e vida do livro-Deus: a Bíblia”.

Outro poema interessante de Accioly com o título *Colégio Americano Batista*:

“Dentro de mim era o menino eu mesmo \ (com sapatos de números) com letras\no alfabeto do bolso (onde era seixo)\ e gravatas (em vez de borboletas). (...) o adolescente estava na criança\que do engenho ao colégio se perdeu sob o menino estava o homem eu (...) (quem fardado de cáqui era paisano?) Quem era o outro que é meu duplo agora?\(quem que chorava a dor que estou cantando\ e cantava a alegria que em mim chora?)\quem tatuou a Bíblia em minha carne \feito um mapa da cruz? (Quem me cresceu tão cedo homem para que mais tarde\eu fosse esse menino que sou eu?)”. Marcus Acioly, *Olinda*, 26-09-78. (PERRUCCI, 2006, p. 274)

1.3.7 Depoimento do ex-aluno Francisco José Cunha

O grande e bem conceituado repórter e jornalista Francisco José Cunha que estudou no CAB, no período de 1964 a 1966, não quis ficar de fora em depor a respeito do Colégio que

tanto marcou sua vida. De maneira que ele mesmo se reporta aos momentos vivenciados nessa instituição tão querida e declara que:

“Foi no colégio Americano Batista, quando eu fazia o curso Científico, que decidi ser Jornalista. Tudo começou com um concurso Literário, promovido pelo Colégio. O tema era Abrahan Lincoln. Li bastante sobre o ex-presidente americano e ganhei o concurso. A entrega do prêmio foi uma apoteose. Com o auditório lotado, o Pastor Florêncio anunciou o resultado e fez boas referências à minha forma de escrever. Chegou a dizer que eu poderia ser um bom jornalista, no futuro. (...) E, pela primeira vez, passei a pensar na possibilidade de me tornar jornalista. Foi o despertar de uma vocação, que descobri estar no meu sangue. Já estou com 40 anos nessa profissão. Corri o mundo, de Leste a Oeste, de Norte ao Sul. Reportagens nos cinco continentes e nos pólos Norte e Sul. Mergulhos nos sete mares. Há 30 anos, repórter especial da Rede Globo. E tudo começou com uma redação, no Colégio Americano Batista”. (PERRUCI, 2006, p.250).

1.3.8 Depoimentos dos ex-alunos Ildibas Nascimento e Eudina Caetano

Esses dois alunos merecem um destaque muito especial, visto que na atualidade tem cabido a eles a responsabilidade da direção do Colégio. O Dr. Ildibas é o Diretor Geral e a Dr^a Eudina a Diretora Pedagógica, ambos têm desempenhado um excelente trabalho. Com muita satisfação participam do depoimento dos ex-alunos.

Segundo Eudina em Perruci, (2006, p. 203), *“quando o verão começava a dar lugar às flores trazidas pela primavera”* em março de 1960 aos treze anos de idade ela chega no Americano Batista para construir grande parte de sua vida. Ficou encantada com a exuberância física do Colégio com a atmosfera de vida que respirava em todas as partes por onde passava. O número de internos era grande, eram jovens vindas de vários Estados. Filha de uma família de pouco poder aquisitivo, teve que começar a trabalhar cedo para custear seus estudos. Trabalhou no CAB como censora, na portaria do internato feminino, entre outras funções, ela declara que:

“Os trabalhos que desempenhei, durante minha passagem pelo Colégio, me deixaram marcas profundas e foram determinantes na

formação do meu caráter para o meu crescimento pessoal e para minha vida profissional. Não posso negar que as lembranças mais coloridas são das pessoas bondosas com as quais convivi no CAB, desde os superiores, que souberam reconhecer o meu valor pessoal e não a minha condição social, como o Pastor José Florêncio Rodrigues, diretor do Colégio, que me ofereceu uma turma para ensinar no curso primário, após a conclusão do magistério. Lembro com carinho os colegas e funcionários. Além de mim, outros da minha família foram abençoados no CAB, meus irmãos (...) e meus primos(...) Construí aqui grande parte de minha história, em 1988 exerci funções na área pedagógica ficando até 1992 (...) Dr. Ildibas me convidou para retornar ao Colégio, na função de Diretora Pedagógica, cargo que exerço até hoje com amor, prazer e muito orgulho”. (2006.)

Dr. Ildibas Antônio Nascimento ingressou no Colégio Americano Batista em 1959, na 5ª série. Coursou o Ginásio na época da direção do Pr. José Florêncio Rodrigues, de quem guarda agradáveis recordações, por sua influência marcante na formação dos jovens de sua época, assim como proporcionar aos seus pais, pertencentes a uma classe social modesta, descontos nas mensalidades escolares, possibilitando assim o ingresso num colégio de alto nível, como nos informa Perruci, (2006). Em seu depoimento ele declara:

“Eu guardo ainda gratas lembranças, notadamente de professores ilustres. (...) Recordo ainda colegas contemporâneos (...). Em 2002, fui convidado pelo Presidente da Convenção Batista de Pernambuco para assumir a administração do CAB, na condição de interventor. No mês de abril do ano seguinte, fui efetivado na função de Diretor Executivo do CAB(...) Louvamos a Deus pelas vitórias já alcançadas assim como pelo contingente de servos que não têm medido esforços nessa peleja”.

Ao iniciar seu trabalho à frente do CAB, entende o Diretor que essa instituição pertencente aos batistas de Pernambuco, é um grande campo missionário na cidade do Recife,

Rosely Pereira - A influência do Protestantismo na Educação do Colégio Americano Batista em Pernambuco tem sobre seus ombros a responsabilidade da formação ética, moral e espiritual, cultural e intelectual das crianças, adolescentes e jovens da nossa sociedade.

2. O ENSINO RELIGIOSO NA SOCIEDADE BRASILEIRA E A PROPOSTA DE TRABALHO DO C.A.B

Muitas são as especulações a respeito do Ensino Religioso na Sociedade Brasileira. Enquanto uns consideram-no indispensável, outros não concebem sua vivência; visto idealizarem a religião inserida somente numa única instituição, a igreja. Mesmo em senso comum, não são poucos os que se fazem ouvir em bom alto som: se vivemos num mundo democrático, como aceitar religião na sala de aula? Não deve cada cidadão ter o direito de escolher sua própria religião? E, se o Ensino Religioso está inserido na matriz curricular, como dizer que vivemos numa sociedade democrática? Não seria isso uma imposição?

Talvez um dos fatores que levem muitos a essa contestação seja o fato da influência da eclesiologia no ensino religioso, por esse ter sido totalmente ligado ao dogmatismo da Igreja Católica, segundo nos conta a história.

Enquanto nesse ideário muitos se delineiam; outros, entretanto, consideram tal pensamento uma discrepância, visto compreenderem que a integração dessa disciplina no âmbito educacional, significa buscar uma solução, para resolver, senão minimizar a problemática da grave crise cultural que se desencadeia pela ausência de valores cristãos, e segundo Graça, (2002, p51, 77), “*conseqüente desencanto social*”. Nessa perspectiva, o Ensino Religioso define-se na conquista de “*uma cosmovisão cristã que informe e forme seres íntegros, dando ênfase à capacidade de superação das diferenças*” conforme assegura Graça, (2002, p. 77).

O Ensino Religioso, em sua implementação, desenvolvia uma consciência dogmática, catequética numa finalidade institucional. Com as diretrizes atuais da legislação ele cresce sobre o fundamento “*na dimensão religiosa do ser humano e está a serviço da promoção da vida*”(RUEDELL, 2007, p. 131).

2.1 Análise histórico jurídico do Ensino Religioso

Sobre o papel, a pena corre em delinear a respeito do Ensino Religioso (E.R.) conforme as pesquisas do historiador, que o apresenta, em determinados aspectos, numa realidade um tanto quanto controversa, afigurando-se numa dualidade que protagoniza e antagoniza, assim é o ensino religioso confessional, e a laicidade na sociedade brasileira.

Ao nos reportarmos ao passado, deparamo-nos com o registro do período Colonial

Imperial, em suas instâncias de domínio; assim, na agilidade cognitiva de Figueiredo (1995), o Ensino Religioso representa um dos elementos de sustentação ideológica no processo de formação do povo brasileiro.

Thomas Bruneal, (1974), enfatiza esse pensamento de Figueiredo ao comentar sobre a aliança que os Reis de Portugal estabeleceram com o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana. Significava, portanto, que o processo educacional religioso se dava através do “regime do padroado, em que a igreja católica figurava como religião oficial, a instrução religiosa cabia de direito na legislação escolar e na prática educativa”, (RUEDELL, 2007, p. 19).

O Ensino Religioso abrangia todo um currículo confessional católico. Eram os dogmas da Igreja Católica que imperavam em toda instituição religiosa, constituindo-se num verdadeiro paradoxo em relação à liberdade religiosa que a Carta Magna de 1824 registrava como um de seus princípios de conveniência social. De maneira que na Constituição do Império Brasileiro de 1824, cujo título: “*Do Império do Brasil, seu Território, Governo, Dynastia, e Religião*”. no art. 5º.

“A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico em particular, em casas para isso destinadas sem forma exterior do templo”.
(BONAVIDES, AMARAL, 1996, p. 200, V. e VIII)

A Igreja tinha o monopólio das cidades. Os sinos ecoavam registrando a discrepância da manipulação. Não só determinava a convocação para a realização das missas, como também para as demais atividades como casamento, óbito, nascimento, títulos de terra, registro até mesmo de incêndios, entre outros no cotidiano. Como informa Gomes (2007, S.N.) “tudo era à base de um comportamento que estava pautado pelas regras da religião oficial”.

É perceptível, pois, que “a religião continua sendo um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, concorrendo para o fortalecimento da dependência do poder político por parte da igreja”, (FONAPER, 2006, p.13), e, interfere enfaticamente no processo educacional, abrangendo nas legislações de ensino.

Observa-se no decreto de 15 de outubro de 1827 ao determinar que “*Os professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de aritmética[...] e os princípios de moral cristã e da religião e católica e apostólica romana*” (BONAVIDES, AMARAL, 1996, p.142, V.I)

Delineava-se uma cultura brasileira caracterizada pelo intelectualismo elitista, Na medida em que a realeza estabelecia a educação como privilégio das elites que se configurava nos filhos dos colonos ou principais das terras que os desejavam padres ou advogados.

Segundo Ribeiro, (2006, p.53), a catequese, que os Jesuítas com afinho e dedicação explanavam, interpretava uma gama de promessas para um futuro promissor em ocorrência numa nova pátria, em um novo mundo, é a “esperança única de salvação[...] será o apocalipse”.

Deixemos, pois, as interrogações e continuemos o discurrir dos acontecimentos. No cenário desse século, a característica confessional continuava presente na legislação configurando-se com novos contornos a partir do Decreto 119 ‘A’, de 7 de janeiro de 1890, dispositivo do Governo Provisório da República que intervém, estabelecendo a separação entre o Estado e a Igreja, (Ruedell, 2007). O Padroado que durante quatrocentos anos fora o sustentáculo político do Ensino Religioso fora extinto, conforme Figueiredo, (1995).

A tarefa, porém, de escrever paulatinamente, pareceu ficar menos densa ou mais densa para os historiadores, pois através das sutilezas da percepção testemunharam um marco na história com a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891, torna-se o Ensino Religioso Laico. É o sabor da liberdade religiosa extensiva a todos cidadãos respeitando os princípios constitucionais de convivência social: “*A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil-1891 Art.72, assegura a brasileiros e estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, segurança individual e propriedade[...]*”, (BONAVIDES, AMARAL, 1996,p. 193, V. 8).

Sistematizar a historicidade da educação quanto à laicidade, denota o enunciado do Art.72,§ 6: “*será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos*”, aceita-se a liberdade religiosa respeitando os princípios constitucionais.

Inúmeras, porém, foram as interpretações quanto à laicidade do Estado e do ensino. Rui Barbosa aceitou o Ensino Religioso confessional na escola pública; deixa isso claro quando declara que “*a escola não fornece o Ensino Religioso, mas abre as portas de sua casa sem detrimento no horário escolar, ao Ensino Religioso ministrado pelos representantes de*

cada confissão ,(RUEDELL, p. 20). Outros líderes, entretanto, eliminavam o Ensino Religioso da legislação e vedavam sua prática na escola oficial.

Na década de 1920, assim como na de 1930, a Igreja Católica, porém, manteve um cunho perseverante na luta pela conquista da reintrodução do Ensino Religioso na legislação. Sua presença venceu a laicidade? O Decreto de 30 de abril de 1931 responde ao revogar a concepção de um ensino laico e cede aos que defendem como inviável a neutralidade religiosa e o Ensino Religioso volta a fazer parte do projeto pedagógico das escolas.

Segundo Figueiredo, (1995, p.68). *“esta fase é considerada como a da conquista do que vinha sendo reivindicada pela liderança católica, durante as três primeiras décadas da República”*. Ruedel, (2007, p.23), menciona que *“esta conotação laical[...] geralmente provocava discussões acaloradas”*. Era uma luta constante da Igreja Católica com os que defendiam a laicidade do ensino oficial, especialmente no período em que a Escola nova surgia. É a narrativa acirrada com seus protagonistas e antagonistas, como será delineado um final feliz para a sociedade?

A sacralização e a dessacralização parecem caminhar numa contínua luta para conquistarem seu espaço na sociedade. As nossas origens estão embargadas de uma interpretação sacral em tudo que faça parte de nossa vida. Suas raízes estão bem arraigadas como menciona Strieder, (2003, p.25), *“Esta transcendência influenciava ativamente, de todos os lados, a esfera empírica da existência humana”*.

Era o sagrado para muitos um personagem protagonista bem conceituado na narrativa do cidadão brasileiro. Passa, porém, a ser visto como um terrível personagem antagonista; na sociedade moderna, clama-se pela sua ruptura para dar lugar à dessacralização. Na sociedade industrial, o encanto está no desenvolvimento científico, na ênfase da razão. A epistemologia teocêntrica onde Deus é o Senhor absoluto não mais se concebe à luz do racionalismo.

O fato de a razão questionar a sacralidade no sol, na lua, nos montes, árvores, concebendo-os como espíritos, tal delírio da religiosidade traz credibilidade à ciência ocupar um espaço de grande relevância, enquanto a religião na visão de Freud é percebida como *“uma neurose obsessiva, pois é fruto da imaginação e quem fica imaginando coisas é neurótico”*, (STRIEDER 2003, p. 25).

Mudanças significativas, porém, ocorreram após a 2ª Guerra Mundial, e com elas o surgimento de novos paradigmas. Tais mudanças repercutiram no Campo religioso e, é, no profundo das religiões, a partir de uma nova visão que se pode assinalar a afinidade de

compreensão da religião e do Ensino Religioso com o pensamento de P. Tillich comentado por Ruedell “religião e laicidade coabitam na profundidade do ser humano”.

Sobre o Art. 113, da Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1937, Bonavides, Amaral, (1996), informa que apesar do Ensino Religioso articular como disciplina, não consta como obrigatoriedade nem para o corpo docente, nem para o corpo discente.

Durante o período de 1946 a 1964 o avanço das forças democráticas (ainda que limitado) repercutiu no desenvolvimento dos movimentos populares. No campo educacional, o avanço se estabeleceu no ensino técnico-profissional em equivalência com o secundário. Durante 13 anos, no Congresso Nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961, foi discutida, em detrimento de épocas passadas quando eram totalmente impostas pelo Poder Executivo. Campanhas de educação foram realizadas em grande escala, principalmente as de alfabetização de adultos, com especial denodo o Método de Paulo Freire.

Pillet, (1997, p. 187), citando Chagas, com respeito à Constituição de 1946 restabeleceu o regime democrático reintroduzindo alguns princípios, entre eles “*a educação como direito de todos, a escola primária obrigatória, a assistência aos estudantes e a gratuidade do ensino oficial para todos ao nível primário e aos níveis superiores, para quantos provassem falta de insuficiência de meios*”.

Esta mesma Constituição estabeleceu como regra que o ensino religioso estivesse na matriz curricular das escolas públicas, porém de matrícula facultativa e de acordo com a confissão de fé dos alunos ou de seus representantes legais. Contudo, no tocante às escolas privadas lhes concedeu liberdade dentro do limite da lei. Manteve, também, o Ensino Religioso obrigatório para os estabelecimentos e ministrado como segundo a confissão religiosa dos alunos.

*A Constituição dos Estados Unidos do Brasil-1946
art.168 A legislação do ensino adotará os
seguintes princípios: [...] V- o ensino religioso
constitui disciplina dos horários das escolas
oficiais, é de matrícula facultativa e será
ministrado de acordo com a confissão religiosa do
aluno, manifestada por ele, se for capaz ou pelo
seu representante legal ou responsável. Art. 171
Os Estados e o Distrito Federal organizarão os
seus sistemas de ensino.(BONAVIDES,1996,
p.296, V.9)*

Bonavides e Amaral (1996) continuam relatando que na Constituição Federal de 1967 as questões discutidas não foram acirradas e quanto às diretrizes da confessionalidade fora inusitado na história por não serem mencionadas; nem mesmo as aulas ministradas conforme a confissão religiosa vigorou em pauta. Declara o artigo 176, § 3º “*A legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas: [...] IV – o ensino religioso de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio*”, (ibid,p. 392).

2.2 A religião e a criticidade

Há muitas denúncias contra a religião profética, cuja base fixa na magia, no medo, na ignorância, fixação infantil, e como mecanismo de opressão das classes dominantes, comenta Strieder, (2003).

Não é sem fundamentação que homens como Freud, Nietzsche, Feuerbach, Marx entre outros, criticaram a religião.

Nietzsche tornou-se famoso por anunciar a morte de Deus e o surgimento do super-homem. Faz-se necessário para que esse homem surja que se rompa com todos os movimentos atávicos que ameaçam o agir do homem com autenticidade. Com a morte de Deus, a ascendência humana e a racionalidade realizam-se.

Diante de tais nuances, interpretamos o assassinato de Nietzsche como uma necessidade, pois o Deus que castra a liberdade, aprisiona, provoca o medo; esse entende-se que precisa realmente morrer.

A partir dessa concepção, o caminho da solução parece ser, a princípio, a dessacralização, a ruptura com a religião. Mas, um paradoxo mencionaremos; Deus jamais será morto pelo homem, pois ele sente a necessidade de explicar-se como ser vivente no mundo, e as questões tais como: de onde vim, para onde vou e quem sou, ainda não foram plenamente respondidas, apesar do progresso das ciências e das ilimitadas descobertas científicas, que ainda não conseguiram detonar Deus da mente humana.

Ao narrar parte do texto de Nietzsche, Strieder, (2003), fala que o fim da religião não está em decretar a morte de Deus, e dá como exemplo a morte de Buda, cuja sombra na caverna ainda continuou por um período. Assim, a religião, por que a sombra ainda se

perpetuará apesar de ver as igrejas como sepulcros da religião. Para tanto, é preciso destruir as sombras.

Concordamos com Strieder, (2003), ao citar Nietzsche, como sendo aquele que fez uma crítica pertinente a uma religião engessada, cujo linguajar não atingia as necessidades dos indivíduos inaptos para combater de forma realista os percalços de sua existência. Nesse sentido, Nietzsche assinala uma religião morta, cujo Deus está morto, reflexo de sua inoperância efetiva. Cristo jamais seria aquele que ficaria pregado numa cruz, mas o único que ressuscitaria para dominar o mundo através da religião.

É salutar a busca do equilíbrio. Em vez de cognominarmos Nietzsche de doido como tantos assim o fazem, quando este chama a atenção para a realidade alienante da religião, dever-nos-íamos analisar sobre a existência de Deus e jogar na lixeira ou mesmo matar, enterrar tantos ensinamentos atroz, aberrantes que não se concebe registrar como divinos. Não será necessário, portanto, como Nietzsche buscar conhecer o desconhecido para que depois de conhecido compreender a profundidade do mistério Divino e envolver-se de forma transcendente com a sua realidade, tendo o mistério a si sendo revelado?

Faz-se pertinente registrar a oração que Nietzsche faz ao *Deus Desconhecido*:

“Antes de prosseguir em meu caminho e lançar o meu olhar para a frente uma vez mais, elevo, só, minhas mãos a Ti na direção de quem eu fujo. A Ti das profundezas de meu coração, tenho dedicado altares festivos para que, em cada momento, Tua voz me pudesse chamar. Sobre esses altares estão gravadas em fogo estas palavras: ‘Ao Deus desconhecido’. Sei, sou eu, embora até o presente tenha me associado aos sacrílegos. Sei, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo. Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servi-lo. Eu quero Te conhecer, desconhecido. Tu que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida. Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero Te conhecer, quero servir só a Ti”. (BOFF, 2000, p.31).

Que paradoxo, o assassino de Deus, parece desejar ressuscitá-lo, mas será ressuscitar o deus religioso, místico, repressor, manipulador, ou o Deus desconhecido, porém bem vivo envolvido em todo ser, penetrando toda alma preenchendo-a de tal maneira que desperte um só desejo de servi-lo e profundamente conhecê-lo, compreendendo que esse Deus é repleto de sincero amor, pois é amor e o único que poderá saciar todo ser ser.

Feuerbach citado por Strieder, (2003, p. 13), foi o primeiro a denunciar a religião do século XIX que a teologia podia ser substituída pela Antropologia, pois a religião é o reflexo que o homem tem de si mesmo: “*A consciência de Deus é a autoconsciência do homem, e a religião surge porque o homem exterioriza sua essência humana e depois vê como algo extinto, separado dele*”. Dessa forma, nessa projeção para fora de si, dá-lhe autonomia e passa a adorá-lo. Logo, Deus é uma projeção do homem [...] “*O homem é o Deus para o homem e uma religião é um sonho da mente humana*”.

Neste estado de alienação, o homem projeta sua crença em um Deus, cujo desdobramento dá-se a partir de si mesmo que, segundo Engels nada existe fora da natureza humana. Porém, Feuerbach não via tudo ruim. Ela está certa quando “*conscientiza o homem a partir de sua própria essência*”.

Um dos pensamentos de Feuerbach mais interessante é que “*na religião o homem transforma em seu Deus o que ele gostaria de ser*”, (ibid, p.14). Dá-nos subsídios para entender que é seguindo esses passos que ela “*como um produto de conservação*”; é um sonho da mente humana, mas mesmo sendo um sonho ele não ‘abandona a terra’.

Feuerbach proclama o fim do cristianismo, e em seu lugar a descrença, no lugar da Bíblia a razão, no lugar da religião e da igreja, a política, em lugar do céu, o trabalho, o inferno vem a miséria material, em lugar do cristão, o homem.

Strieder, (2003), reflete e comenta com criticidade que em parte Feuerbach tem razão. A realidade tem nos apontado um mundo secularizado, visivelmente quando os governantes tomam decisões em que não consultam a população, ao teólogo e agem de acordo com poder econômico e político. Todas as grandes realizações executadas no território nacional e que redundaram em fracasso como a Transamazônica e outros empreendimentos, a sociedade não foi consultada, as instituições que cuidam do meio ambiente sobre o impacto ambiental que isso causaria. E, de forma alguma, Deus não entrou nessa discussão.

O que se tem aprendido ao longo dos tempos, é que a ciência, a política, a sociologia a psicologia não disse tudo sobre o homem. Logo a teologia (a religiosidade) continua tendo um papel importante no ser do homem, pois esse homem continua com os mesmos questionamentos que Feuerbach tanto enfatizou que não existiriam mais no futuro.

2.3 Proposta pedagógica do Colégio Americano Batista na atualidade

No conteúdo Curricular não se concebe mais uma doutrina confessional, a consciência é de um sentido transcendente procedendo da experiência e haurido nas culturas, na história e na vida das pessoas. A abrangência da cultura do colégio Americano Batista - CAB depara-se com um grande desafio de ser responsável por preservar e propagar o saber sem andar dissociado da fé que Deus é a fonte de todo saber, sabedoria em plenitude e perfeição, dar-se-á, pois, a evangelização através da educação assimilando à luz da Sabedoria Divina “contribuirá para a civilização do mundo”, (GRAÇA, 2002, p. 52).

Nessa demanda poder-se-á formar cidadãos com responsabilidade, desenvolvendo suas capacidades, quer naturais, quer adquiridas; desfrutando delas em seu benefício próprio, assim como promovendo o bem-estar à sociedade que está inserido. De acordo com os Parâmetros Curriculares da Educação Nacional- PCNs, o Ensino Religioso visa à promoção da participação no processo histórico de propagação e desenvolvimento do saber humano.

Adentrando numa cultura pluralista, na confluência de novos paradigmas, influenciando nos parâmetros pedagógicos, o Colégio Americano decide “repensar suas configurações e sua estrutura”, (IMBERNÓN, 2004).

Nessa fluência, direciona seu currículo, numa concordância com Rafael Rodrigues da Silva, (2007, p. 125), para um Ensino Religioso “caracterizado no âmbito das ciências humanas como uma forma de abordar as práticas religiosas levando em conta os valores e princípios éticos que norteiam uma vivência de acordo com a mútua tolerância e compreensão da religiosidade do outro”.

Dessa feita, ainda que se intitule um colégio confessional protestante batista, sua educação tem como objetivo ser pautada numa dinâmica que *“não caia nas armadilhas da doutrina de uma religião, as discussões e intrigas intra-religiosas e que se possa pensar esta disciplina ampla numa perspectiva macro-ecumênica (por isso anti-ortodoxia)”*, (idem).

Numa convergência cristã, permeiam-se na educação religiosa valores baseados na justiça, no amor, na solidariedade, semeando uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais cheia de amor. Voltada para esse olhar solidário, vale salientar que nesta prática educativa enfatiza-se *“favorecer o exercício da liberdade para exteriorizar suas ideias religiosas e confrontá-las com a exposição do outro, na tentativa de superar preconceitos”*, como é estabelecido nos Parâmetros Curriculares, (1998, p.14).

Confrontar o outro é significativo na assertiva do pluralismo religioso. É uma mudança epistemológica de um cunho extremamente revolucionário, visto que não se tem

mais uma visão única, centralizada numa só verdade; mas novos conhecimentos religiosos são apontados, de maneira que a liberdade de escolhas, de questionamentos é oferecida.

O pluralismo é uma decorrência inegável da cultura pós-moderna, e diante desse processo as mentalidades são transformadas não só em relação à cultura como também em relação à religião, como menciona com propriedade Ruedell, (2007, p. 75), “*Religião e cultura são inseparáveis*”.

Verdadeiramente, o pluralismo religioso é um fenômeno incontestável de um grande desafio para a teologia cristã. Esse novo paradigma convoca a teologia para reconhecer-se publicamente a sua dimensão hermenêutica, observando a importância da atualização da mensagem cristã em face da pluralidade.

Nessa conjuntura, o olhar pedagógico do C.A.B encontra na filosofia de Descartes uma referência de sabedoria ao estabelecer a dúvida como meio de raciocínio, é pertinente diante da exposição do pluralismo religioso, pois como aborda Cury, (2010, p. 91-3), “*dúvida significa ‘pensar’, duvidar freia o excesso de subjetivismo, filtra as falsas crenças [...] os paradigmas irracionais e pensamentos que destroem*”.

Indaga Morin, (1998), o quanto o racionalismo teve seu auge de contribuição promissora na sociedade, abrindo caminhos para que o homem saísse das trevas que o aprisionava, proporcionando-lhe luz para que se libertasse da superstição e da tutela religiosa em termos culturais, filosóficos e morais.

O C.A.B como uma Instituição Confessional Protestante, em busca de um equilíbrio diante do pluralismo pós-moderno, elenca o desafio de não ter receio de assumir a verdade que professa “*Cristo como esperança da humanidade*”, sem tolher, ou mesmo desarticular o poder de autonomia e liberdade de escolha no processo educacional.

Cientes da influência que o mundo educacional acadêmico exerce na formação da personalidade humana, ainda que se busque uma neutralidade científica, dessa feita objetiva a instituição primar por uma educação que forme o indivíduo como “*sujeito do seu próprio desenvolvimento*”, (GRAÇA, 2002, p. 53).

E como enfrentar a grande controvérsia em respeitar os expoentes da nossa legislação no ensino religioso de forma laica sem deixar de valorizar o uso da Bíblia; delineando-a, porém, no parâmetro da não confessionalidade?

Uma educação que comporte os parâmetros cristãos, prima pela liberdade de escolha em detrimento da manipulação, da repressão ou do constrangimento.

Em Cristo, há liberdade para se construir sua história sendo responsável eticamente pela direção de seu destino, assumindo as respectivas consequências. Como afirma Graça “*A liberdade é a mesma atividade humana, capaz de transcender os limites da ordem social da ordem sociocultural*”. Nessa perspectiva, ao aluno, ser-lhe-á oportunizado conhecer através da condução da docente em conteúdos e realizações de pesquisas os fundamentos do Cristianismo Protestante como se despertará conhecer e refletir sobre as inúmeras crenças, abrangendo as diversas culturas, num diálogo interreligioso consequentemente intercultural.

“Pensar sobre a liberdade como um dos princípios fundamentais na educação, não é deixar o educando fazer o que ele pensa, mas propiciar-lhe uma liberdade de escolha estabelecendo que o educador não pode nunca deixar de impor certos limites à liberdade do educando, sob pena de prepará-lo mal para a vida, deixando fazer todas as vontades. Entende-se a liberdade como autodeterminação, a possibilidade escolha e de superação dos condicionamentos impostos pela sociedade”. (SIEGEL, 2005, p. 41).

Vivenciar essa realidade, portanto, tem sido uma prioridade da direção dessa instituição que se move em “*possibilitar ao aluno entender as diversas manifestações da religiosidade presentes no seu dia-a-dia e o Transcendente nas várias culturas e tradições religiosas*” como menciona Mendes Neto, (2002, p.53), apud Gilz et Junqueira, (2007, p. 180).

No período histórico em que se deu a fundação do C.A.B, o pluralismo religioso não era uma realidade tão percebida, pois ainda se buscava a adesão do educando a uma confissão de fé. Entretanto, mesmo ainda tendo certos direcionamentos que caracterizavam uma instituição confessional, sua percepção educacional já dispunha de uma visão mais ampla, numa abrangência de respeito à liberdade do outro.

De maneira que a escola recebia calorosamente a todos que desejassem fazer parte do quadro dos discentes, sem ter, contudo, que professar a mesma fé, nem serem obrigados a participar das práticas religiosas que a direção do colégio exercia.

Como prática dessa vivência, o Colégio contou com a participação do Dr. Alberto Freyre, que prestou grande contribuição a essa instituição, ainda que católico, foi bem aceito pela direção da instituição; sem, entretanto, ter que deixar as suas convicções religiosas. E, nessa época havia uma perseguição acirrada da Igreja Católica com a Igreja Protestante. Dr.

Freyre, porém, manteve durante muitos anos um excelente relacionamento com os que abraçavam essa obra educacional, quer seja no âmbito profissional quer seja em relação à amizade.

Dr. Freyre antevia a possibilidade de crescimento da instituição e dedicou-se por inteiro, e como prova dessa apreciação, matriculou seu filho, o futuro famoso sociólogo Gilberto Freyre. Foi respeitado, inclusive, nas suas convicções religiosas, num momento que se declarava uma grande perseguição da Igreja Católica contra a Protestante. Em nenhum momento, porém, foi tolhido da liberdade de não acatar qualquer ensino que pusesse em pauta o credo que se identificasse. De maneira, que mesmo fiel à sua fé dogmática à igreja Católica, sua atuação brilhante perante o corpo docente, discente e a direção técnica-administrativa, permaneceu intacta. À sua pessoa foi prestada uma homenagem, pondo o seu nome em um dos edifícios do Colégio.

Uma das necessidades que compreendiam os fundadores da instituição era promover aos filhos dos protestantes a condição de terem uma educação tranqüila sem repressão; visto muitos serem impedidos de estudarem nas escolas confessionais católicas; para serem bem-aceitos teriam que comungar da mesma fé e ordem. Sendo assim, o C.A. B objetivava neste contexto abrir as portas a todos, sem pressionar a fé, embora procurasse proclamá-la com evidência.

2.4. Avançando na educação

Os anos passam, as conquistas avançam e se constroem momentos novos na história do Ensino Religioso no Brasil, conseqüentemente no C.A.B. Nessa construção, perfis são mudados e a escola cresce moldando-se às novas diretrizes educacionais. Sempre empenhado no aperfeiçoamento, embora sendo uma escola confessional, procura não se restringir ao proselitismo; tem, entretanto, como parâmetros estabelecer *“um diálogo que parte da fé, mas transcende o aspecto dogmático e doutrinal das instituições religiosas [...] respeitando as crenças, criando-se nas escolas um espaço para a reflexão sobre a religiosidade humana como algo intrínseco à vida, independente do seguimento ou não de uma religião”* como menciona Scussel, (2007, p. 252).

A educação do C.A.B não tem como premissa um simples processo de aprendizagem, mas projetar uma perspectiva em que o Ensino Religioso Protestante seja um elemento integrante da educação, influenciando positivamente no desenvolvimento da

autonomia do aluno, na formação de seu caráter e como acentua Graça, (2002, p.77), *“pretende o ensino religioso desenvolver as habilidades dos alunos, como pessoas que buscam a felicidade em valores solidários e justos”*.

Nessa formação educacional, o C.A.B prima em delinear seu projeto pedagógico inserindo os princípios do cristianismo quanto ao que concerne os valores solidários. As desigualdades são normalmente geratrizes de conflitos que levam a um mundo de desencontros e violência. A ausência do amor, a falta de respeito à individualidade de cada um nas diversas diferenças de pensamento têm contribuído a estarmos inseridos em um mundo sem encanto, sem harmonia, sem paz.

A essência é poder contemplar o amor de Deus nascendo e transbordando em cada coração enchendo a terra com essa semente inigualável, pois como ainda afirma Boff, (2000, p.30), *“essa é a singularidade do cristianismo, não raro obnubilado pelo excesso de doutrinas e de dogmas que se agregaram a essa experiência originária”*.

Delineando seu projeto pedagógico nessa perspectiva, a escola esquematiza-se em oferecer uma educação cujo paradigma constitui o desenvolvimento humano em :

“Educar para a cidadania requer que os educadores, em sua reflexão ética, incluam conteúdos que levem ao desenvolvimento da personalidade [...] à formação para a não violência [...] e que façam dialogar a prática educativa com os desejos humanos e as necessidades desse tempo”. (BRASIL. MEC, 2000, v. 8, p. 93).

O século XX caracterizou-se pelo avanço científico-tecnológico transformando usos, costumes, pensamentos; permeando a cada dia uma nova cosmovisão. Tal abrangência de avanço trouxe significativas contribuições a cada habitante do globo terrestre. Concomitantemente, porém, afloram-se as desvantagens ainda, na atualidade, causando muitos transtornos em nosso planeta. Mediante tais questões caóticas encontra-se o homem conforme Aranha, (1996, p. 235), *“homem contemporâneo perplexo a respeito de seus valores e das categorias que utiliza para compreender o mundo e a si mesmo, alterando-lhe de forma contundente as maneiras de pensar, sentir e agir”*.

As mudanças estabelecidas em função de um mundo moderno provocaram situações de “*crise do século, a crise do vazio, a crise do desencanto*”. Aranha, (1996), afirma “*que poucas vezes na história os homens defrontaram com uma crise de paradigma*”.

Com a superação do modelo da ciência Aristotélica, a modernidade desponta com paradigmas cujos valores estabelecem a razão como a única capaz de trazer uma direção precisa para nortear o homem perante o mundo e a si mesmo. A razão que delineia o cérebro da ciência e da técnica traça seu progresso na busca de saber o que fazer, e como fazer assim comenta Aranha, (1996). E, nessa perspectiva avança de início transformando o mundo proporcionando-lhe grandes benefícios. O “*saber o que fazer*” aliado ao “*como fazer*”, faz com que a ciência caminhe velozmente de tal forma que o avanço do fazer tapa os olhos para perceber o valor da reflexão sobre o “*para que fazer*”, qual a finalidade do tanto fazer?

O avanço científico usufrui da natureza com tanta ênfase, que não se dá conta que seus objetivos nem sempre são tão nobres. Fazer com que intencionalidade? Está na pauta dos objetivos da ciência e da tecnologia voltarem-se para o sentido da vida? Ou tem o progresso técnico-científico se detido em fins práticos e lucrativos à mercê do capital e da fama e do poder? O que terá acontecido que o predomínio da razão tornou-se uma irracionalidade nos parâmetros de vida no mundo moderno? O “*para que fazer*” tem sido ignorado na maioria das vezes, e os objetivos já não se alargam com pureza em benefício do bem estar da sociedade.

No dizer de Habermas em Aranha, (1996, p. 236-237), a razão quando deixa de ser meio para ser princípio e fim, difunde-se no meio ambiente contaminando-o, em vez de marcar a humanidade pela sociabilidade, afeto, reciprocidade e solidariedade.

Consequentemente predomina a competição, o egoísmo e a exploração, atingindo assim as relações humanas. Estabelecida, portanto, a crise da modernidade, assim fala Habermas “*que o projeto da modernidade está incompleto, tendo de realizar as promessas não cumpridas*”.

Olhar o outro mediante as nossas competições, crescimento industrial, tecnológico, segundo as nossas ideologias nos torna insensíveis para perceber o outro tal qual ele é, sem respeitar a diferenças, tem provocado muitos equívocos e tragédias.

Diante de tais intempéries a educação no C.A.B não passa despercebida, comprometida com os PCNs formando vidas para vencer todo tipo de violência, formando o indivíduo em sua personalidade segundo as necessidades de seu tempo, concorda com o psiquiatra Augusto Cury,(2010), em ser imprescindível que busquemos alternativas para

solidificar as relações, proporcionando solidariedade, respeito, amor e consequentemente paz e justiça.

Um processo educacional que componha essa demanda possibilita uma explicitação de uma nova percepção de realidade, como diz (Freire, 1996, p. 82) “*é uma dimensão de psicanálise histórico-político-social*”. Desenvolver um ensino que trabalhe com o desenvolvimento do caráter requer um treinamento contínuo para que não se transforme esse ensino numa leitura de normas e lei; mas que no exercício da autonomia e reflexão perceba-se o valor da conquista num treinamento que leve-os a ver o outro numa posição do outro como menciona Cury, (2010, p.29), “*enxergar os outros com nossos olhos é uma tarefa superficial, não exige treinamento, mas enxergá-los com os olhos deles, exige refinado treinamento*”.

Ainda que compreender o outro seja um exercício de grande profundidade, entende-se que voltar-se para olhar o outro em respeito, em amor, não é uma opção, mas uma veemente necessidade, como afirma Tracy apud Teixeira, (1997, p. 47):

*“[...]compreender o outro é antes de tudo, uma
“arte” que exige uma atitude de grande abertura e
despojamento, e, sobretudo uma sensibilidade
hermenêutica, na medida em que a relação com o
outro envolve sempre a possibilidade efetiva de
uma apropriação de outras possibilidades”.*

Uma educação que esteja em confluência com os parâmetros dos PCNs faz parte do projeto pedagógico que delineia o C.A.B não só no que concerne o currículo do Ensino Religioso Protestante, como também das demais disciplinas; reportar-se para o sentido ético das relações humanas é “*dialogar a prática educativa com os desejos humanos e as necessidades deste tempo*”(BRASIL.MEC, 2000, v.8, p. 93).

As necessidades de um tempo em que os ideais que permeiam concentram sua verdade no fascínio pelo lucro, de maneira que a consciência ética perdeu a sensibilidade, acarretando no âmago do homem um caráter gélido, desumano, frio e insensível. É “*A confiança no Homo Sapiens-sujeito racional esvaziado de toda afetividade[...]*” (MORIN, 1998, p. 161).

Evidencia-se uma razão que perde todo consenso no afã da industrialização. É uma ideologia de emancipação e de progresso cujo caráter transforma todas as relações em mercadorias. É a razão que comete o devaneio de tornar obsoletos valores como a

solidariedade, o amor, a justiça; como declara Morin, (1998, p. 161), é “*a crise moderna da racionalização é a detecção da desrazão dentro da razão sábia*”.

Por conseguinte, a direção pedagógica do C.A.B, com mais evidência nos meios operacionais do Ensino Religioso Protestante, propicia uma educação religiosa na base dos princípios cristãos colaborando com o núcleo central da educação que compila no ser humano o desenvolvimento das quatro competências básicas¹⁴ que objetivam nos seus parâmetros dimensionar o fluxo da prática educacional para esse fim.

2.5 A Educação e a Transcendência

Concordamos com Boff quando aborda na perspectiva da transcendência e imanência, a singularidade com que Deus expressou sua encarnação, essa é a hora em que o Cristianismo transcende ao “mergulhar dentro da fragilidade humana”; pois diante de seus atributos divinos Cristo emergiu envolto em simplicidade e humildade premiando a pobreza ao habitar entre nós, em circunstâncias inóspitas, ausente do mínimo de conforto e higiene, “Para eliminar as distâncias entre os seres humanos se fez o último dos homens [...] Se ele desceu até lá foi para nos dizer ‘que mesmo que você vai até o inferno, eu estou com você. Você não vai sozinho, eu vou junto’. Tanto descer até nós, quanto subir aos céus, isso é transcendência. Esta ação nos levavergar-se como o bom samaritano sobre o outro caído. É o amor que desce”.¹⁵. E, é nessa dialógica que permeia o Ensino Religioso pautado no currículo do Colégio Americano Batista.

Assim, nessa assertiva, tem o C.A.B a perspectiva de que na interação do processo pedagógico, essa ideologia cristã repercute nas vivências sociais positivamente. Como afirma Cabanas in Scussel, (2007, p.252), “*essa interação que acontece no processo pedagógico não é neutra. É muito difícil educar um indivíduo sem influenciá-lo; no limite diríamos que é impossível, [...] o educador corre sempre o risco de dar algo de si ao seu educando*”.

E nessa necessidade da construção de novas realidades, além dos limites de sistemas de instituições dogmáticas de significado culturais e religiosos existentes. A carreira pedagógica que o Ensino Religioso no C.A.B se propõe é influenciar gerações ao diálogo com

¹⁴1. Aprender a ser (Pessoal); 2. Aprender a conviver (Relacional); 3. Aprender a fazer (Produtiva); 4. Aprender a conhecer (Cognitiva).

¹⁵Nisto conhecereis que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros” disse Jesus relata o evangelho de João. “Pois se dissermos que amamos a Deus e odiarmos a nosso irmão somos mentirosos, pois aquele que não ama a seu irmão, a quem não vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. (1JOÃO 4.20).

peças religiosas de características religiosas diferentes como afirma Harpprecht, (2011, p. 35):

“É preciso que, nesse caso, compreensão intercultural inicie, obrigatoriamente, no desenvolvimento, pois é somente quando esse distúrbio for trabalhado por meio da diferença que pode acontecer comunicado com sentido”.

Dessa forma, o Ensino Religioso Protestante trabalha com os princípios do cristianismo como o amor que é sua marca, como um conhecimento religioso que *“ganha, na escola, um espaço de estudo científico, onde não se centra a discussão na fé, mas nas manifestações desta cultura e na vida do povo”*, (SCUSSEL, 2007, p.257).

Como Leonardo Boff pôde entrever um universo que professa um clamor por cooperação de todo aquele que se diz ser humano, necessita-se que haja um dar-se ao outro numa solidariedade voluntária, consciente. É uma consciência de que:

“... seremos julgados (...) não porque obedecemos a todos os dogmas e nos filiamos às igrejas, ou porque fomos bons dizimistas ou cidadãos honrados (...). Seremos julgados por aquele mínimo de amor que tivemos pelo sedento, pelo nu, pelo faminto. Quem assumiu essa transcendência escuta as palavras benditas: “Vinde, herdai o Reino”. (BOFF, 2000, p.30).

A partir desses princípios, a escola delineia, numa proposta pedagógica interdisciplinar, um conteúdo programático do Ensino Religioso, que permita trabalhar como observa Jacirema Maria dos Santos, (2007, p. 208), *“a sua religião, em cima de valores que são considerados universais em todas as outras religiões (amor, perdão, cidadania, ética, solidariedade e outros). No Cristianismo, Jesus; no Hinduísmo, Gandhi, no Budismo, Buda são exemplos encarnados desses valores”.*

Diante dessa perspectiva, espera-se que o corpo docente esteja imbuído da competência necessária para intervir na sua gestão pedagógica de maneira que *“venha respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo”*, Freire, (1996, p.64).

Faz-se pertinente aos professores que partilham a disciplina de Ensino Religioso ter consciência sobre os aspectos religiosos em relação a si mesmos, e que rumo da fé se

encaminham. A maturidade adquirida quanto a essas nuances contribuirá, certamente, “*em construir um espaço de partilha e estudo do fenômeno religioso*”, (SCUSSEL, 2007, p. 260).

2.5.1. Educar para a Cidadania

Sigel, (2005), introduz seu ponto de vista a respeito da cidadania, mencionando que a mesma não vem registrada no indivíduo enquanto criança, mas durante o percurso da educação que recebe. É imprescindível o exercício da cidadania na educação, na família, na área profissional, como também nas demais instituições. Educar para a cidadania implica trabalhar o caráter, a personalidade das pessoas de maneira que elas amadureçam e sejam mais humanas e dignas. Pois, não é apenas o “desenvolvimento científico e tecnológico que tornará a vida das pessoas melhor, mas as relações que se estabelecem entre elas”, (p.51).

Educar para a cidadania reporta-se para o sentido ético das relações humanas, direcionando para a forma como estas criam raízes no ambiente e em suas nuances como a cultura, profissão, religião e política.

“Questões éticas encontram-se a todo o momento em todas as disciplinas, por professores das diferentes áreas de conhecimento, o que possibilita uma reflexão diferenciada sobre os hábitos, atitudes, valores e preconceitos presentes entre as pessoas. [...] Educar para a cidadania requer que os educadores em sua reflexão ética, incluam conteúdos que levem ao desenvolvimento da personalidade; ao respeito dos direitos à liberdade dos outros; aos princípios democráticos da convivência e tolerância; à participação social crítica e responsável; a formação para a não violência, para a cooperação e para a solidariedade. É importante que eduquem para o estranhamento e para a interrogação e que façam dialogar a prática educativa com os desejos humanos e as necessidades deste tempo.”(BRASIL. MEC, 2000, v. 8, p. 93).

A idade moderna ascendeu com o desenvolvimento técnico-científico. Esse fora um momento muito significativo; momento de ascensão, de instauração que traria à humanidade uma consciência do que é real em detrimento de fantasias, ilusionismo místico tão evidenciado na Idade Média, por ela ser considerado um “*período de fixismo intelectual*”, pois

o conhecimento está ao alcance de uma minoria privilegiada, submissa ao controle rigoroso de uma classe que tem domínio religioso, econômico e político.

Deu-se a transição do senso comum ao cientificismo. Era o senso comum com suas conjecturas, algumas vezes propiciando benefícios; outras, porém, prejuízos, pois os olhos voltados para a simplicidade do senso comum, o cientificismo poderia ficar abafado, impedindo a sociedade de desfrutar de melhores entretenimentos, conforto, como o mais relevante - a saúde. Como declara Santos, (2000, p. 37), *“Tem várias concepções do Senso Comum, uma salientando sua positividade, outras sua negatividade”, dessa forma, o Senso Comum pode ser, “[...] o menor denominador comum daquilo em que um grupo ou um povo coletivamente acredita [...]”*.

Morais, (1988), entretanto opina que existe uma intenção radical no que concerne um conhecimento adquirido no aspecto simplório da realidade oriunda do Senso Comum para adquirir um conhecimento através da ciência. É *“[...] inestimável o valor daquilo que o povo levanta de suas experiências cotidianas, pois este é o seu saber, mais ainda: não se pode negar que é do conhecimento vulgar que parte a atividade científica”*, (ibid, p. 23).

Assim, o surgir do cientificismo fora um período de júbilo, em que a razão se interpôs, vencendo o dogmatismo exacerbado, desfazendo o engano místico que acorrentava a humanidade, levando-a cometer arbitrariedades em nome do sagrado, como aborda Cherétien (1994), *“a ciência substituiu a religião e eliminou o obscurantismo sobre os fenômenos mitológicos da história, colocando-se no lugar da religião e da história, ou seja, pregando a sua mística e a sua mitologia”*. Entretanto, as descobertas científicas e tecnológicas não dissociavam o transcendente divino. Caminhavam juntos Deus e a ciência conforme aborda Morin, (1999 b, p.21), *“[...] durante muito tempo o fundamento em filosofia era Deus e, mesmo nas ciências, pois Newton ainda se referia a Deus. Foi Laplace que excluiu Deus do cosmos e do domínio científico”*.

O fato, porém, da razão ter autonomia de dissipar a escuridão enclausurada no despotismo religioso não significa que no início do desenvolvimento científico Deus tenha sido rejeitado. A razão era uma protagonista que declarava indisposição com as arbitrariedades da religião, com os abusos de poder que existiam por parte de muitos líderes religiosos. Verificou-se, no entanto, no processo histórico que a ciência não substituiu a religião; ela está presente na humanidade pós-moderna e de forma pluralista.

O modelo da racionalidade científica não corresponde mais as perspectivas da sociedade do século XXI. Esperava-se no mundo iluminista o equilíbrio, a direção precisa, o

bom senso. A razão que seria um horizonte ao qual o homem movia seu olhar gera, porém, a fragmentação do conhecimento, adquirindo uma visão dualista do mundo, não há mais sabedoria na razão. Para que aconteça a reaproximação das partes, faz-se necessário a superação desta visão que separa razão de emoção.

Sutilmente, os valores éticos foram escanteados, passou-se a valorizar o homem pelo que ele tem como lucro financeiro e não pelo que ele seja como caráter ímpoluto, conforme assinala Moraes (1997), que no apogeu do avanço científico-tecnológico os valores humanos foram subvertidos pelos interesses industriais, cujo deslumbre faz o homem voltar-se a uma conquista frêmita unicamente da produtividade que possa dar um grande e contínuo lucro.

Boaventura Santos, (2000), também manifesta seu ponto de vista em concordância com Moraes na abordagem de que a ciência e a razão como propulsora da sociedade nos dias da modernidade traria ao homem uma sociedade plena, ajustada, na instância de se ater soluções aos problemas. Porém, a antítese foi verdadeira. Ressalta Boaventura que justamente a ciência que se esperava ser a solucionadora das problemáticas, tornou-se ela um grave problema, estando a acirrar o processo de desumanização do homem. Acrescenta ainda Morin, (2004), que essa visão paradigmática na formulação da especialização e a superespecialização causou o transtorno da fragmentação e, sobretudo despertou a competição entre os homens em detrimento à solidariedade.

Faz-se notório uma sociedade, que nessa instância, caminha para a necessidade de ajustar-se ao caráter a solidariedade. Será a busca de dias em que a generosidade seja a marca preponderante do humano. Doar-se por inteiro sem esperar recompensa é tudo que o mundo precisa, pois, como informa os textos extraídos dos PCNs, (2000, v.8, p. 131 -133), *“A rigor se todos fossem solidários nesse sentido, talvez nem se precisasse pensar em justiça cada um daria de si para os outros”*.

Siegel, (2005), nos desperta a atenção sobre a solidariedade ser vista com acuidade, visto que seu valor pode está embargado pela ambiguidade. Como ser solidário a um assassino, a uma quadrilha de ladrões, ou até mesmo a um colega de escola que esteja maquinando barbaridades? Porém, a praticabilidade da solidariedade no exercício da cidadania tem sido pertinente. *“Ao se enfatizar a solidariedade, o ideal de dignidade do ser humano a move, o respeito mútuo a reforça, o senso de justiça lhe dá rumos, o diálogo a enriquece”* (idem).

Os valores são interligados, pois não se pratica justiça se o respeito não estiver inserido no caráter; automaticamente um ser que tem como parâmetro amar, respeitar, saberá

agir com dignidade, com solidariedade. Segundo Assman; Mo Sung, (2000, p.177), abordam a cerca do entrelaçamento das nossas vidas, o quanto devemos nos mover para nos ajudarmos mutuamente. Não é uma questão de opção, mas de grande relevância no funcionamento das organizações sociais, pois é um fato [...] *“que o que afeta uma pessoa, afeta a si própria e ao seu grupo, porque todos nós estamos interligados [...] O reconhecimento disso é o primeiro passo para uma atitude de solidariedade ativa”*.

Costa, Cascino e Saviane, (2000), assegura sobre o apoio que a educação no século XXI tem recebido dos PCNs que apoiam uma educação centrada nas quatro competências básicas- Competência Pessoal-Aprender a Ser; Competência relacional-Aprender a Conviver; Competência Produtiva-Aprender a Fazer; Competência Cognitiva-Aprender a Conhecer. Os desafios têm sido enfrentados com otimismo e esperança de maneira que a escola com todo esse acompanhamento pedagógico caminhe objetivando formar vidas que atuem numa capacidade intelectual e num bom desempenho com os embates da vida.

Assim, no que diz respeito ao convívio escolar, ao invés do incentivo à competição entre os alunos, há um redirecionamento numa orientação didática para a solidariedade e os demais valores que estejam entrelaçados. A visão pedagógica não será mais estática, mas *“deve-se também instrumentalizar os alunos para que possam, de fato, traduzi-la em ações.”* (COSTA, CASCINO E SAVIANE, 2000, p.15)

A escola tem um papel de instrumentalizar seu aluno para que a praticidade do conteúdo aconteça. Os alunos deverão adquirir tais habilidades com a instrução do saber como se portar diante das crises. Como deverá ser a prática da solidariedade diante das crises? Será, portanto, pertinente uma educação com uma estrutura curricular vigente a uma nova concepção que se atenha às necessidades com que os alunos venham defrontar-se no dia-a-dia. Dessa feita, a escola compreende educar para a cidadania.

Os parâmetros curriculares que moldam a educação do C.A.B enfoca a efetiva contribuição na gestão do Ensino Religioso Protestante quanto à abordagem da transcendência nos princípios cristãos e dos valores morais sem excluir as demais religiões.

2.5.2 A Educação Religiosa como fomentadora da integralização do homem no contexto psicossocial e religioso

A escola procura na instância do processo educacional, no que concerne ao respeito às demais religiões, a explanação dessa diversidade ressaltar o que porventura haja de unidade. É

um fato que a escola confessional no Cristianismo Protestante não abrace a noção de que todas as crenças religiosas sejam verdadeiras. Na compreensão de que se o Cristianismo é verdadeiro, então, *“não ser cristão é arriscar seu destino eterno; do mesmo modo, se o Islã é verdadeiro, então é perigoso não ser muçulmano se o assunto é o seu destino final”* como acentua Geisler e Turek.

Na maioria das escolas brasileiras, o fardamento é requisito obrigatório, pois um dos argumentos é o nivelamento social. Como lidar com questões como o uso do véu pelas estudantes muçulmanas e as que pertencem à Igreja Cristã do véu? É uma situação um tanto quanto delicada para a gestão da escola. Tem esta, porém, procurado delinear um projeto religioso no que consiste na informação das práticas de cada religião, sem um questionamento em alguns pontos divergentes, visto tomar-se como padrão pedagógico abraçar o pluralismo numa atitude de respeito e liberdade de opção sem perseguição. Sem, contudo, descaracterizar a Instituição de Ensino.

É uma tarefa difícil quando abrange situações como essa entre outras como não doar sangue mesmo em detrimento da morte de um ser por motivo religioso. Diante de tais conjunturas, a liberdade de escolha e respeito para com o outro é o que se procura primar Sabendo-se que perante tantas questões, faz-se necessário a reflexão.

Nas questões sobre o processo educacional religioso prioriza-se a comunhão com Deus e seus princípios de uma vida conduzida pelo Espírito Santo, consequentemente, uma vida transbordante de amor¹⁶ e, quanto às demais religiões, acentua-se também as articulações dos valores de amor, respeito, solidariedade, paciência e todas as formas que possam transmitir o incentivo a se viver em contínua harmonia. Essa é a pauta do Ensino Religioso no Colégio Americano Batista.

O fato da visão cristã quanto a ter Deus como divindade absoluta, divergindo do relativismo quanto aos valores estabelecidos pela fé cristã, não significa que não haja como proposta pedagógica a valorização dos diferentes grupos religiosos, diferentes etnias e culturas reconhecendo a diversidade como direito dos povos e convívio com as diferenças em contraposição à discriminação e ao preconceito.

A educação cristã abrange o estudo dos pressupostos e dogmas de fé, inclusive de religiões comparadas. Há uma exposição do pluralismo religioso vigente em detrimento da

¹⁶ *Deus é amor e importa que seus seguidores amem o próximo como a si mesmo [...], pois quem diz que ama a Deus e não ama ao seu irmão é mentiroso.*

credibilidade no monoteísmo. É um grande desafio dispor de habilidade na convivência pacífica entre as diferenças tão salutar em nossa cultura brasileira.

A educação não é só para a ciência, para o desenvolvimento intelectual, mas, sobretudo para o amor é uma necessidade da humanidade. É o mundo da lógica dando lugar ao amor, em todas as suas dimensões. Fugir da lógica é amar a quem não nos ama, é esquecer-se de si mesmo para pensar na dor do outro; totalmente ilógico, é insano, mas totalmente coerente com o amor. A fonte do amor transcenderá *“os limites das leis da matemática, no indecifrável e imprevisível mundo da mente humana”*, (CURY, 2010, p.35).

O Colégio Americano Batista desde sua fundação desenvolve, entretanto, um projeto de educação no Brasil, cujos educadores, na qualidade de cristãos, acentuam uma educação com via de mão dupla, que trabalha o desenvolvimento acadêmico cultural e fortalece o caráter. A matriz curricular deveria assegurar essa formação ao estudante.¹⁷

Alicerçado cognitivamente mediante o conhecimento adquirido, não sendo mais sujeito à passividade sem crítica, adquire a condição de discernir tanto as crendices, superstições, com o que possa ser considerado o Divino ou não divino. Na compreensão do mandato cultural, o educador cristão compreende que Deus é a fonte de todo saber, sabedoria em plenitude e perfeição. As atividades científicas devem existir resultando da racionalidade compartilhada por Deus com o homem.

Na formação do caráter, o C.A.B não abre mão desses parâmetros. Nessa demanda poder-se-á formar cidadãos com responsabilidade, desenvolvendo habilidades quer naturais, quer adquiridas, vindo a usufruir delas em seu benefício próprio, como promovendo o bem estar à sociedade que nela está inserido. Nenhuma prática educativa é totalmente neutra; Borges esclarece afirmando que *“A educação exerce profunda influência na formação da personalidade humana, e a visão que se tem do ser humano sempre determina a prática educativa adotada”*.

Participante de uma educação cujo fim é estabelecer uma linha de raciocínio em que a proposta curricular esteja definida *“a partir de uma cultura sólida, não só física, mas intelectual e moral”* conforme Machado, (1999,p.104). No Relatório sobre Educação,

¹⁷ *“Na nossa educação precisamos apontar claramente um ideal mais alto. Ao mesmo tempo não podemos deixar si queremos sobressair com o nosso trabalho de educação de providenciar para satisfazermos as exigências actuais [...] Precisamos esclarecer bem o facto de que o nosso fim na educação, é a vida mais abundante por meio da edificação do verdadeiro carácter. “[...] O sábio da Galiléia resumiu todo o processo naquella memorável palavra: ‘Eu vim para que tivésseis vida e vida mais abundante’. A vida mais abundante é o fim verdadeiro na educação. O modo de atingir esta vida mais abundante é pela edificação de carácter”.* (Relatório sobre Educação, na 13 reunião anual da CBB, realizada de 21 a 25-6-22, p. 89). SIC

apresentada na 10.^a Reunião Anual ficou decidido que: “[...] *Mediante a educação esperamos banir do seio das nossas igrejas baptistas a ignorância, o analphabetismo, e salvar os intellectos da mocidade baptista para o serviço de Deus e da humanidade*”.

2.6 A experiência teórico-pragmático da educação no C.A.B na atualidade

Participantes de uma cultura fragmentada e consequentemente, tendo uma vivência com valores fragmentados; o homem, a cada dia, se inclina a preconceitos raciais, econômicos, sexuais, religiosos. Inseridos nesse contexto social, desde a mais tenra idade, já se tem a prática de motivação a competições, disputa de prêmios, disputa a vagas. É a luta para se conseguir um lugar de honra na sociedade. Todas essas questões são responsáveis por um resultado de conflitos, violências e guerras.

O homem racional abafa suas emoções, dando evasão a um ser frio, sem abertura para nutrir relacionamentos. A vida está ameaçada, consequência do atual modelo de desenvolvimento, produtor de exclusão social, da miséria, do consumo exagerado, que levam uns ao desperdício e outros, a maioria, à fome. O obscuro poder da miséria vai-se infiltrando, o nosso mundo contemporâneo clama por mudanças. E, enquanto escola, o C. A. B. cria um espaço de discussão e construção de uma nova consciência.

Considerando o homem em sua totalidade, o C.A.B, num processo formativo de educação, traça parâmetros através de uma pedagogia interdisciplinar num campo de interações entre a cultura, a sociedade, a religião, o conhecimento. Um projeto que se inicia a partir da vida pulsando em ritmo de interdependências e interligação em dimensões do corpo, mente e espírito.

A proposta de interdisciplinaridade contempla desenvolver a formação do ser humano harmoniosamente e equilibradamente nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva, social e espiritual. Nessa perspectiva, a instituição tem evidenciado o ensino religioso como defende Ruedell, (2007, p. 15), como um “*elemento indispensável para a educação integral do cidadão e para a obra de edificar uma sociedade justa e solidária*”.

Caberá à educação religiosa delinear princípios que venham nortear o ser humano na descoberta do sentido à vida na abertura à transcendência. É uma escola confessional, batista protestante com um fim religioso que dá abertura para uma atuação bem diferente do que era oferecido tradicionalmente. Tem assumido os princípios fundamentais da República Federativa do Brasil, explicitados na Constituição de 05 de outubro de 1988, promulgada “sob

a proteção de Deus”. Não se opõe ao disposto no artigo 19 da mesma constituição, pelo fato de não se identificar com nenhuma denominação religiosa, nem também com nenhum agrupamento ou movimento da mesma índole. Quando se fala de não se identificar, significa que por se tratar de escola, o protestantismo cristão se insere nessa nova visão, dissociando-se dos dogmas denominacionais no processo de aprendizagem do ensino religioso.

Esse ensino religioso evoluiu dentro de uma atmosfera de tensão gerada entre uma revelação específica de cada denominação, sendo em certos momentos, muitas vezes pervertidas, quanto ao ensino puro do Cristianismo que se professa, e a dimensão religiosa que se desvincula dos paradigmas denominacionais para seguir um livre curso como aponta Ruedell, (2007), o ser humano presta um culto ao divino de maneira que o próprio homem seja dignificado; essa reverência em adoração promova um bem estar a toda humanidade como também a todo o Universo.

Esse dualismo religioso de forças antagônicas percorre mitos e crenças de muitos lugares e em vários períodos de tempo. Entra em pauta, portanto, o currículo do CAB que procura vencer essas obscuridades, abrindo caminho numa nova dimensão da que era vinculado antes da legislação em vigor. Centra-se, assim, na essência do cristianismo que é adotar o pressuposto da unidade e da conexão entre Deus e o ser humano e não mais teológico-doutrinário.

Ruedell comenta sobre a Lei n. 9.475/97, onde o relator Roque Zimmermann descreve as novas pontuações:

“Pela primeiravez no Brasil se criam oportunidades de sistematizar o Ensino Religioso como disciplina escolar que não seja doutrinação religiosa e nem se confunda com o ensino de uma ou mais religiões. Tem como objeto a compreensão da busca do transcendente e do sentido da vida, que dão critérios e segurança ao exercício responsável de valores universais, base da cidadania. Este processo antecede qualquer opção por uma religião”. (RUEDELL, 2007, p.34).

Na visão da Lei citada, segundo Ruedell (2007, p.59), todo ser humano vive a busca pelo sentido da vida. O homem com sua natureza expressa questionamentos e indagações que permeiam seu interior. Seu ser clama por querer saber a origem de sua existência. Anseia por descobrir o mistério além da morte. O porquê de estar no planeta terra, como obter a plena

felicidade? Qual o sentido do viver? Indagações como estas centralizam-se numa dimensão religiosa. Conforme Tillich, comentado por Ruedell (p.41), *“Ser religioso significa perguntar-se de modo apaixonado pelo sentido da vida e estar aberto à resposta, ainda que nos abale profundamente”*.

Para Tillich, (2005, p. 568), a busca do sentido da vida consiste na experiência da presença Espiritual, é o transcendente divino envolvendo o espírito humano. Um espírito que representa fragilidade, limite, finitude impactado pelo infinito, ilimitado, pelo poderoso. Como menciona, *“uma dimensão de vida finita, levado a uma autotranscendência efetiva”*.

Nessa experiência do transcendente envolvendo o espírito humano, este, sem descaracterizar-se, “sai de si mesmo” para se deixar ser impactado pela Presença Espiritual do Divino. É nessa compreensão que o Colégio Americano, na atualidade, procura demarcar um ensino religioso que se alicerce numa dimensão referente ao envolvimento do divino com o ser humano.

A implementação desse ensino religioso cumpre ser participante na construção da formação do corpo discente, numa ação educativa que, segundo Pedro Ruedell, (2007, p.55), *“expurgue suas expressões de desvirtuamentos e, sobretudo, direcione a força construtiva da verdadeira religião para o pleno desenvolvimento de indivíduos e a edificação de sociedades solidárias”*. Segundo esse mesmo autor, o processo da nova dimensão religiosa é conduzir o ser humano na primeira instância a autotranscendência, de maneira que nessa dimensão conseguirá ir além de si mesmo e vencerá a sua finitude projetando-se *“rumo ao ser último e infinito, para o Transcendente divino”*, (ibid, p.55).

O Apóstolo João delineia sua narrativa na perspectiva de que o Transcendente divino tem como atributo “ser amor”. O espírito humano ao se relacionar com a presença desse ser divino cognominado de amor, e se amalgamar com ele, a essência do amor de Deus interiorizar-se-á no âmago do indivíduo e, conseqüentemente, transbordante do amor divino exalará amor à humanidade fortalecendo a solidariedade e promovendo a paz. Acontecerá um dar-se em totalidade de si mesmo em direção ao outro. Como menciona Tillich, (2000, p.234), *“Amor é o movimento da totalidade do ser em direção ao outro ser para superar a separação existencial”*.

E, tratando-se da limitação do homem em amar ele busca superar essa instância de finitude quando o *“coração humano procura o infinito porque o finito quer repousar no Infinito.No infinito ele vê a sua própria realização”*, (TILLICH, 1996, p.13). Segundo Ruedell, (2007, p.55), no Novo Testamento da Bíblia, o amor divino é cognominado de Ágape de

forma que o finito (*homem*) ao achar o infinito (*amor ágape*) estará se realizando enquanto “maximiza-se em uma relação de amor, não um amor limitado a um círculo restrito de pessoas, mas abrangendo a todos, o mundo inteiro, instaurando a justiça, fortalecendo a solidariedade e promovendo a paz, por meio de um processo de conhecimento e confiança recíprocos.”

Ferreira, (1993, p. 221-4), concorda com Ruedell quando aborda que “*o sentimento de solidariedade, integração, respeito mútuo, amor é indispensável à sociedade para que ela seja solidificada*”.

É, nesse amanhecer, que o protestantismo, nas salas de aula do C.A. B se manifesta como revelação dos mistérios da existência. O projeto pedagógico, em vigor, é comprometido em penetrar no profundo do indivíduo e promover o suporte que o subsidie de maneira que através da educação recebida possa alcançar um desenvolvimento pleno. Como declara Braslavsky, em Ruedell, (2007, p.13), “*o ensino religioso é um meio de ajudar os alunos a se encaminharem para uma vida com sentido*”. Para Braslavsky o mundo se encontra numa avalanche de conflitos que repercute acirradamente em todo universo. Diante de tais intempéries, percebe-se que mudanças positivas só poderão acontecer com a mobilização que conduza uma formação de caráter, onde valores como o respeito, a paz, a solidariedade, o amor sejam interiorizados no ser humano.

Os educadores do C.A.B conscientes do papel que a educação representa, e da necessidade veemente em que se encontra a humanidade, se vale de tal coluna da sociedade para gerar essas estruturas e valores que estabeleçam relações onde o amor e a fraternidade sejam plenos na sociedade.

Ferreira, (1993, p. 221-224), aponta para a relevância desse ensino religioso que abre perspectivas para a solidez de relacionamentos que permitam à sociedade viver princípios que expressem a sinceridade e abominem a mentira, valorizem a justiça, a fraternidade, assim como a solidariedade e o amor.

Ainda Ferreira, (idem), afirma que é salutar a reflexão quanto a questão de que adquirir conhecimento é estar se nutrindo de uma arma muito poderosa. E o que se vai fazer com essa arma, é a questão. O mau uso dela poderá acarretar consequências desastrosas. Gênios sem caráter, cientistas sem ética, cidadãos que objetivem o poder, sem serem constituídos do amor, conquistarão um poder elevado; tornando, porém, a cada despontar do sol num mundo de trevas em lugar do luminoso.

Na pós-modernidade a vida do ser é encarada sob o olhar dos interesses individuais, e postos acima de qualquer coisa. Reflexo da redução do homem a imagem de uma máquina, desprovido de emoções, como descreve Descartes, (1979, p.151), “*imaginarmos homens em tudo a nós semelhantes, mas consideraremos, inicialmente, neles esperar uma máquina, sem alma, sendo esta, como se sabe, realmente distinta do corpo*”.

Dentre as quais, há aqueles que em vida são resumidos a construir a felicidade dos outros em detrimento de sua vida agonizante, que lhe é subjugada como bem descreve o poeta Buarque de Holanda, usando palavras proparoxítonas no final de cada verso da música *Construção* que realça a mecanização dos dias que cercam esse operário, denota o ritmo monótono de vida de seres humanos excluídos da sociedade. Fazendo das palavras tijolos, vai o poeta construindo o poema e delineando entre linhas a vida de agonia dessa classe de humanos.

São os verbos no pretérito perfeito que Buarque de Holanda utiliza, indicando um passado tão perfeito que não tem mais retorno, ocupando todo espaço da construção poética, descreve os sentimentos do operário, saindo do seu aconchego simplório sem saber se retorna. A esperança é mínima, visto os recursos de proteção ao trabalhador serem irrisórias. Então, beija, ama como se fosse a última até que “*se acabou no chão, feito um pacote flácido*”¹⁸, atrapalhando o empresário, outro operário, interrompendo o tráfego, se não o passeio do sábado, as compras do sábado; enfim, tirei do caminho esse “*pacote flácido*”, e quem sabe atrapalhando os religiosos a caminho da adoração e esquecem que neste percurso há o caminho da transcendência, como fez o bom samaritano. Pois, nesse progresso avassalador e contínuo não dá tempo de olhar o outro, tira-o, pois ele está atrapalhando o crescimento racional, científico e religioso.

Nesse contexto de complexidades catastróficas, acrescentando às religiosas onde se mata e desrespeita o outro por conta de suas convicções, a pesquisa indica que os direcionamentos do E.R. convergem na formação da conduta do ser humano no âmbito em que:

“[...] todos os seres humanos, apesar das inúmeras diferenças biológicas e culturais que os distinguem entre si, merecem igual respeito, como únicos entes no mundo capazes de amar, descobrir a verdade e criar a beleza. É o reconhecimento universal de que, em razão dessa radical

¹⁸Vide em anexos a letra da música

igualdade, ninguém, nenhum indivíduo, gênero, etnia, classe social, grupo religioso ou nação-pode afirmar-se superior aos demais".
(COMPARATO, 1999, p. 32).

Porfírio Pinto, (2007, p.379), enfatiza esse pensamento citando a fala do Papa Bento XVI, quando menciona “... *é aqui que o Papa propõe um diálogo, (e uma autocrítica), entre o cristianismo e a Modernidade: o progresso é ambíguo, trouxe muitas coisas boas, mas abriu também muitas possibilidades para o mal; a razão sem a fé torna-se uma razão “do poder e do fazer”*”, com deficiências no discernimento do bem e do mal; e a própria liberdade requer o concurso de várias liberdades.

Evidencia-se a necessidade da humanidade priorizar em sua vivência questões morais. Urge que as estruturas da sociedade ver essa questão com certa acuidade e urgência. A educação precisa ter uma ação de transformação e crítica, movendo-os para que como sujeitos interfiram no sistema inoperante.

Refletir, portanto, a respeito do que será fundamental acontecer na escola para que o aluno na conclusão do curso, não saia só com conhecimento adquirido, mas traga consigo o troféu pelo diploma de cidadania, eis a questão. Em que a proposta do ensino religioso no Colégio Americano tem contribuído para formar vidas que sejam conscientes de seus valores morais?

O Ensino Religioso deve abranger as ciências humanas no que concerne conservar os valores e princípios éticos. Nessa instância, esses princípios cumprirão atuar no caráter levando a respeitar-se mutuamente a religiosidade do outro. Silva cita Lara Sayão, (2007, p. 126), na abordagem de que Ensino Religioso é “*como uma oportunidade de humanização e promoção do ser humano e da sociedade [...] que visa vislumbrar uma metodologia dialógica que promove uma síntese entre fé e cultura*”.

Durante a pesquisa, constatou-se que as primeiras sementes lançadas são as que conduzem o aluno a confrontar-se com o que está acontecendo em seu redor. Numa pedagogia interdisciplinar o corpo discente tem a oportunidade de fazer uma viagem por todo globo terrestre a contemplar o que de belo a natureza proporciona, e em que de grandioso o homem a transformou em seu bem estar. Com os olhos postos no mundo depara-se, porém, não só com realidades encantadoras, mas também com realidades tristes, e por que não dizer caóticas.

Mas, somente olhá-las, deixaria o projeto sem andamento ou ficariam incompletos os objetivos a alcançar. Então, nesse segundo passo, o aluno é levado a interagir com tais situações deprimentes com um olhar crítico, na intenção de identificar os motivos que acarretaram tantas intempéries na sociedade. Faz-se uma pesquisa procurando perceber os valores morais, éticos, culturais que abrangem o mundo de uma forma mais generalizada; sendo com mais detalhes no seu habitat. Na construção de sua formação, o propósito é enxertar em seu caráter a responsabilidade de encontrar alternativas que proporcionem soluções.

Tratando-se dessa realidade, o professor precisa estar capacitado para enfrentar uma visão pluralista observando o mundo espiritual, cultural como afirma Scussel *“a partir de um ponto de partida mais universal para o ser humano, como as perguntas sobre o sentido da vida, a busca humana pelo sagrado, pelo transcendente”*. O autor enfatiza a necessidade do docente ter uma consciência sólida de sua experiência religiosa. As pesquisas apontam que os professores que se dedicam ao componente curricular religioso, envolvidos por um desenvolvimento pleno na sua fé *“conseguiram de forma mais concreta trabalhar esta dimensão em sua aulas”*, (2007, p. 260-261).

Numa perspectiva de um projeto educativo religioso elucidado por protestantes cristãos, favorecer a influência da vivência com valores morais que são decisivos para uma vida com justiça, amor e paz é a tônica principal. A implementação desse ensino religioso na dimensão antropológica foge do monopólio das inúmeras religiões ou mesmo igrejas. Sua visão é iniciar os alunos à experiência espiritual, conferindo um sentido transcendente à história do ser humano e do universo. É do Divino que emanará a fonte de valores que podem enriquecer o viver do ser humano. Como afirma Leonardo Boff, *“não é pensar e saber sobre Deus, mas senti-lo no coração”*¹⁹, (BOFF, 2002), entendemos, usando uma linguagem antropomórfica, que Deus deseja que esteja no ser humano, e este por sua vez, desfrutar de sua presença inigualável. É o transcendente conferindo ao ser humano a sua natureza.

Na narrativa do Evangelho de João 15.5 aponta para essa relação de intimidade ao colocar Jesus como a videira verdadeira e seus discípulos os ramos e que somente ligado videira é que os ramos poderiam dar os frutos. A seiva que corre na videira passa para os ramos. Cristo habitando no ser humano, inserindo e fortalecendo valores morais, espirituais e

¹⁹BOFF, Leonardo. (2002). *A teologia da libertação como uma prática pedagógica*. FOLHA DIRIGIDA; Entrevista com Leonardo Boff, no dia do professor com . Disponível no site: <http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/EntLeonardoBoff.html> 2002, alinea 14. 20.10.2011, às 22 hs.22 min.

relacionais, como afirma o apóstolo Paulo em Gl. 2.20. “... *Já não vivo eu, mas Cristo vive em mim...*”.

Fala-se muito da necessidade global da valorização da solidariedade, do respeito mútuo, do amor, mas viver essa realidade não se concebe por parte da maioria. Lewis, (2009), que um bom número de pessoas pode até discursar sobre a palavra moral, mas na verdade, a ideia que se faz da palavra ‘*Moral*’ é algo inconveniente, que chega para interromper momentos agradáveis. Normalmente se tem dificuldade em assimilar a importância de validar regras morais como prevenção de situações desagradáveis. Nesses momentos, não é fácil colaborar.

O mundo discute sobre moralidade, clama pela paz, solidariedade, respeito. Não é uma etnia, uma nação; mas o grito tem sido, praticamente, de todas as nações de que devemos ser honestos, que é uma necessidade vencer a cobiça, o desejo de poder, mas na prática a realidade não tem sido condizente com o que se almeja. Em meio, porém, a uma situação deprimente, o grito permanece; e, será que aos poucos vai sendo ouvido?

A respeito desses fatores, Lewis comenta que a lei pode ser boa e perfeita, mas não dispõe de poder para transformar homens egocêntricos que só pensam em si mesmos, tomando continuamente medidas arbitrárias em relação a homens solidários com o bem estar da humanidade. Segundo seu pensamento:

“De que vale pôr no papel regras de conduta social, se sabemos que, na verdade, nossa cobiça, covardia, destempero e vaidade vão nos impedir de cumpri-la? [...]Não quero de maneira alguma dizer que não devemos pensar, e nos esforçar, para melhorar nosso sistema social e econômico. Quero apenas salientar que todo esse planejamento não passará de conversa fiada se não dermos conta de que só a coragem e o altruísmo dos indivíduos poderão fazer com que o sistema funcione de maneira apropriada”.
(LEWIS, 2009, p. 96-97)

A situação de moral, coragem, altruísmo somente acontecerá quando o interior do ser humano estiver envolvido de todos esses valores. Lewis chamaria dessa realidade “*de organização ou harmonização das coisas dentro de cada indivíduo*”,(2009, p. 95). Quem organizará o interior de cada indivíduo? Segundo os parâmetros do ensino religioso no Colégio Americano Batista “*não é por força nem por violência*”, Zac.4.6, que o ser humano

assimilará em seu íntimo valores que o conduzam a uma grande dimensão de altruísmo; pois há situações que mesmo que o homem queira não conseguirá, como expressa o Apóstolo Paulo ao desabafar, Rm 7.24, “...*miserável homem que sou, quando penso em fazer o bem, já faço o mal que não quero*”.

A situação da natureza humana é tão complexa que, mesmo desejando viver de maneira que se faça o bem para o outro e também para si, nem sempre se consegue tal altruísmo. A esperança consiste na experiência do divino perfazendo nosso ser essencial. O Apóstolo nos aponta que onde houver o pecado superabunda a graça. É o transcendente divino, a graça de Cristo que agirá no espírito humano finito. A vida de Cristo plena, envolvendo todo espírito humano é que cumprirá os valores tão almejados pela sociedade.

Ruedell, (2007, p.57), exemplifica essa relação do divino no espírito humano com a experiência do amor ágape (amor de Deus) envolvendo todo pensar, todo falar, todo sentir, todo agir. Esse amor dentro de nosso ser fluirá e exalará como cheiro suave à humanidade. Ruedell comenta que Tillich é categórico e claro na afirmação de que, como seres humanos. Somos estruturalmente tocados pelo Incondicionado, ou como se expressam os pensadores contemporâneos, abertos ao Transcendente.

Há indivíduos que têm dificuldades no relacionamento interpessoal, incluindo nestes itens, o perdão, o amor, o cuidar do outro sem esperar nada em troca, e que são capazes de morrer por uma causa, do que por outro ser humano. Desta maneira, os valores morais existem no indivíduo, mas a experiência com o Transcendente leva-o ao êxtase, tornando-os capazes de desenvolver e superar essas dificuldades. Há outros, no entanto, que não têm uma experiência com o Transcendente, mas os valores morais estão intrínsecos em sua personalidade.

Quando o Transcendente envolve todo ser humano, inclusive o cognitivo, é o Espírito Divino realizando algo que o espírito humano “*não poderia fazer por si mesmo*”. Entretanto, essa dimensão de ocorrência não afeta de forma nenhuma a razão humana nem tão pouco como diz Tillich “*o êxtase não destrói a centralidade do eu integrado*”.

De acordo com o pensar desse teólogo e filósofo, estas são experiências com que o ser humano não é possuído, de forma que a sua estrutura racional seja comprometida, a centralidade do *eu* não é destruída e o ser humano não perde toda consciência do ser para ser dominado por outros transcendentais espirituais, mas articula-se nessa instância como mencionava os apóstolos “*que nEle nos movemos e existimos*”, Atos 17.28.

Contudo, ao expressar essa relação do Espírito com o ser finito, homem, é posta como uma experiência de vivência dentro dos parâmetros do Cristianismo, enfocando o aspecto em

que a razão não é comprometida, sendo o ser humano fortalecido em seu interior para vivenciar práticas de amor, solidariedade.

Nessa conjectura, o professor assume um papel de grande responsabilidade. Diante de um professor de fé que a escola confessional mantém e o deslumbrar de novos parâmetros que circulam a nova história do ensino religioso em nossa cultura que abrange a dimensão pluridimensional. Constitui-se num grande desafio para o corpo docente assim como para a equipe pedagógica perante também a equipe técnica. Como aborda Junqueira citado por Scussel, (2007, p. 253), *“A discussão na organização escolar não era apenas quanto ao modelo do Ensino Religioso, mas também da concepção de educação como um todo, revelando uma oscilação entre a influência humanista clássica e a realista, ou científica”*. Mais que uma questão religiosa há uma mudança de paradigma em discussão.

E como desenvolver uma pedagogia que conviva com esse novo paradigma sem, contudo, ignorar a fé no absoluto? Como enfrentar o desafio do pluralismo religioso e cultural numa escola confessional?

“o professor de Ensino Religioso não é aquele que dá respostas doutrinárias às perguntas aos alunos, mas aquele que os questiona e os ajuda na construção de suas verdades de fé, nas suas crenças e nas convicções religiosas e os auxilia a construir um sentido para sua vida”. (SCUSSEL, 2007, p. 259).

Seehaber e Longhi, (2007), citando Catão, afirma que a educação ao objetivar a transcendência ela objetiva educar com a visão de estabelecer sentido à vida. Não se cogita diante dessa perspectiva dimensionar um aprendizado através de transmissão de conhecimentos, nem tão pouco a partir de uma religião em particular. A escola deve propor direcionar o ensino a partir da própria vida e dos valores abrangentes da cultura. Assim, propõe a direção pedagógica do C.A.B.

A instituição compactua com o pensamento de Cortella citado por Scussel, (2007), quando se reporta para a relevância da *“solidez pedagógica”*. Se a seleção dos conteúdos são de grande valor para se ter um ensino de critério, a metodologia empregada pelo professor é de suma importância. Os professores que se voltam para essa visão compreendem essa relevância e se reportam a métodos que lhes permitam construir o conhecimento com inúmeras atividades *“desenvolvidas de forma dinâmica, criativa, envolvente, cativante e participativa”*.

3. ANÁLISE SOBRE A VALIDADE DO ENSINO RELIGIOSO NA VISÃO DA DIREÇÃO, COORDENAÇÃO, ALUNOS E SEUS PAIS

Os conteúdos do E.R. devem ser trabalhados e articulados com outras áreas do conhecimento. Há instituições de ensino que optam por terem na matriz curricular em lugar de Ensino Religioso, as disciplinas Ética e Cidadania. Contudo, as instituições privadas de ensino confessional optam por incluir o Ensino Religioso. Ainda que, conforme os PCNs, os alunos não são obrigados a se matricular na disciplina, e aqueles que não optarem pelas aulas de Ensino Religioso devem participar de outra atividade pedagógica, e os que optarem terão registrado a disciplina em seu histórico escolar serão dispensados dos resultados de avaliação da aprendizagem.

Quem pode ensinar a disciplina Ensino Religioso?

Os requisitos para professores atestam que esses devem ser integrantes efetivos do quadro de professores da instituição. A formação dar-se-á em Cursos superiores de Bacharel Teologia ou Licenciatura em Ciências da Religião, pois não há cursos de Licenciatura em Teologia reconhecidos pelo MEC em Pernambuco.

Na falta de professor habilitado, por ordem de prioridade, temos as seguintes condições:

- Bacharel em Teologia ou Ciências da Religião;
- Licenciatura e Bacharel na área de Ciências Humanas;
- Curso de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Ciências da Religião e Teologia

Qual a finalidade do Ensino Religioso na Educação Básica?

Falaremos a seguir do objetivo da disciplina na formação do corpo discente, preparando-os como futuros cidadãos na sociedade, que vai além dos valores morais, trabalhando, também, aspectos espirituais e psicológicos.

Realizamos uma pesquisa de campo, com alunos do Ensino Médio em cunho qualitativo, com a finalidade de comprovar o argumento acima. Nesse processo foram realizados questionários e uma entrevista semi-estruturada com fundamentação teórica em Pedro Ruedell e Paul Tillich, Graça entre outros desse aporte teórico. As perguntas foram subjetivas. Objetivamos com essa pesquisa qualitativa apurar o quanto de influência o ensino religioso protestante tem exercido na educação do Colégio Americano Batista na atualidade.

3.1 Análise das respostas da direção, coordenação e corpo docente

Contamos com a colaboração do Diretor Geral, a Diretora Pedagógica, o Coordenador Pedagógico do Ensino Médio e com os apoios de coordenação junto ao corpo docente. Alguns professores têm a experiência gratificante, segundo eles, de terem tido seus filhos no Colégio desde a infância até o ingresso da Universidade.

A abrangência da pesquisa estendeu-se aos pais e alunos. Comentaremos os dados emergidos das respostas dos questionários, como dos comentários feitos por eles à parte. Alguns componentes que foram entrevistados e responderam aos questionários, foram participativos somente com o intento que me trouxe uma compreensão maior do que ocorre no colégio e em seus pensamentos, mas nos foi permitido descrever a análise de forma indireta, não aceitando a descrição da fala em discurso direto.

3.1.1 Qual o papel do CAB como instituição de educação confessional e sua influência em seu entorno?

A direção geral expõe que o papel educacional da instituição consiste em:

“oferecer um ensino de qualidade e influenciar a sociedade a partir do exercício e prática de padrões morais e éticos com base cristã. Compreende-se que valores morais e princípios éticos que são fundamentados nos parâmetros cristãos, nortearão o corpo discente a desenvolverem um caráter de respeito ao outro, enquanto à diversidade de religião”.

Em suas considerações a escola postula-se na formação do educando dentro de uma perspectiva que abrangerá os princípios da cosmovisão cristã, norteadores da atividade educacional. Essa abrangência remonta a uma educação que se fundamenta na concepção do senhorio de Cristo e consequentemente o humanismo cristão e o devido respeito ao pluralismo religioso.

A Coordenação Pedagógica na gestão de Eudina Caetano alinha no mesmo pensamento do diretor geral, Ildibas, pois segundo a visão que delineia “o Projeto Pedagógico da instituição:

“cumpre o papel de promover uma educação de qualidade e trabalhar a construção do caráter cristão, visando formar cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres para com a sociedade”.

É nesse processo de desvelamento que Ruedell, (2007, p.34), citando o relator da Lei n. 9.475-97, Roque Zimmermann, (1998, p. 9), assinala *“de sistematizar o Ensino Religioso como disciplina escolar que não seja doutrinação religiosa e nem se confunda com o ensino de uma ou mais religiões”.*

O Coordenador do Ensino Médio do C.A.B. que chamaremos apenas de Rosemberg, afirma que:

“Ao C.A.B cumpre o papel de possibilitar aos alunos a compreensão dos princípios cristãos e sua aplicabilidade na vida cotidiana. A influência no entorno escolar é bem tímida, a maior influência é na vida dos nossos alunos que têm no colégio um lugar de justiça, paz e solidariedade”.

O mesmo coordenador já atuou como psicólogo, e nessa compreensão de relação compreende ter adquirido certa autonomia em declarar como os alunos vêm o colégio. Uma instituição que para uma gama significativa de estudantes, vai além de ensinar conceitos de solidariedade ou paz, mas percebem no cotidiano a aplicabilidade desses valores serem vivenciados numa gestão escolar que continuamente adquire uma cultura escolar participativa dos princípios cristãos permeando a fundamentação de uma educação e influenciando positivamente no desenvolvimento de um caráter que estabeleça no interior de cada cidadão a harmonia, a solidariedade.

De acordo com o coordenador a diretriz que se coaduna ao Ensino Religioso no C.A.B está acima de uma religião institucionalizada como afirma Paul Tillich, (2005, p. 588), que em vez *“de transcender o finito na direção do infinito, a religião institucionalizada se torna uma realidade finita em si mesma”.* Os princípios cristãos são um indicativo da possibilidade de se desfrutar uma vida em harmonia, em amor, em respeito em solidariedade; fugindo das intrigas religiosas, como de qualquer tipo de violência.

E, nesse aporte comenta Tillich, (2005, p. 588), comenta a respeito do amor como “*o estado de ser integrado pela Presença Espiritual na unidade transcendente da vida sem ambigüidade*”.

Os professores afirmam que um projeto político pedagógico que alinhe o processo pedagógico à LDBEN - 1996, ainda que se intitule um colégio confessional deve ter um papel e temos visto que caminha para executar nessa realidade um papel que forme cidadãos com habilidade para exercer uma vida profissional com sucesso e honestidade. E que no Ensino Religioso não se prenda a ensinar doutrinas da denominação batista, nem tão pouco desfazer das demais doutrinas, mas no ensino conduzir os alunos a refletirem que se faz necessário ser um profissional ou um religioso, enfim, ser um cidadão que viva em todas as dimensões uma praticidade de amor, respeito mútuo, imprescindível a uma vida em harmonia. Agindo dessa maneira o colégio estará desempenhando seu papel para com a sociedade; e, tem-se visto que a escola caminha para cumprir esse papel que se propõe.

A professora Júlia Afonso declara que :

“O papel do C.A.B tem sido preparar vidas para exercerem suas profissões com vigor, capacidade e muita honestidade. Como escola confessional fazer valia do Ensino Religioso na formação de homens com caráter sólido em viverem não só para si mesmos, mas que busquem a felicidade sem prejuízo do outro”

A professora Claudia Muniz afirma que:

“O C.A.B tem como papel formar homens e mulheres que se disponham a exercerem suas profissões com um caráter polido em honestidade. E que conheçam a Deus e aprendam a amar ao próximo, seja este o que está bem perto de si, como o de outra raça, outra nação, outra religião, pois como o cristianismo aponta o amor deve ser a mola propulsora de todas as coisas”.

A professora Joice Delano afirma categoricamente que :

“O C.A.B tem o papel de formar cidadãos que busquem o progresso sem ganância, de maneira que não prejudiquem o outro nem a si mesmo, que aprenda, a amar ao próximo ainda que não

queiram ser seguidores da religião evangélica ou outra qualquer, o amor ao outro, o respeito, a solidariedade é imprescindível ser nutrido no caráter do indivíduo, sendo assim uma educação de qualidade como a escola prima ter é abrangente ao crescimento intelectual e também ao crescimento de caráter”.

3.1.2 Levando-se em conta que há alunos de diversos credos religiosos, qual deve ser a orientação metodológica no Ensino Religioso, com base na constituição Federal de 1988 e LDBEN- 1996?

O Diretor Geral Ildibas afirma que *“a postura não é de proselitismo, porém a de liberdade de pensamento, sem, contudo omitir-se da defesa de princípios cristãos”*. A diretora Pedagógica concorda com o Diretor quanto a não usar o ensino de forma proselitista, sem deixar de comunicar aos alunos as razões pelas quais defende os princípios cristãos e afirmação da crença em Cristo Jesus como o único e suficiente salvador.

Segundo o Psicólogo e Coordenador do Ensino Médio:

“o colégio não deve levantar a bandeira da religião como a certa e a melhor. E acredita ainda ser muito importante permitir o diálogo com os vários credos religiosos. Contudo, por se tratar de um colégio confessional, deixamos clara a orientação cristã.”

A Professora Luisa Guimarães deixa claro que *“a orientação deve ser conduzida de forma que assimile os princípios básicos do cristianismo, sem necessariamente doutrinar para essa ou aquela religião”*.

A equipe de apoio à coordenação enfatiza que o colégio aplica uma metodologia que atende às necessidades do aluno; informam que:

“assuntos são trabalhados em sala de aula como temas atuais onde algumas vezes os pais não dialogam com seus filhos e eles têm a oportunidade de falar de temas como sexo, drogas, amizade, relacionamentos, perdão e outros de igual importância”.

Na abordagem quanto à orientação metodológica empregada no projeto do Ensino Religioso no CAB, com base na Constituição Federal de 1988 e LDBEN- 1996, o Diretor deixa bem claro que a instituição apesar de ser uma escola confessional, não se opõe permear o Ensino Religioso na base da Constituição. Como Junqueira, (2007, p. 14), declara “*que o desenvolvimento do Ensino Religioso brasileiro a grande fonte é a legislação*”.

Nessa concepção, a direção do Colégio Americano, estabelece como objetivo caminhar através de objetivos propostos nos parâmetros curriculares, afirma que a postura que o CAB mantém não é de proselitismo. A educação religiosa difundida no Colégio não compactua transmitir doutrinas ou comportamentos exclusivos que são traçados por influência de dogmas denominacionais. O modelo de educação “doutrinário” “bancário”, onde se recebe verdades consolidadas não faz parte da metodologia empregada no C.A.B. O Ensino Religioso caminha na dimensão da formação integral do aluno.²⁰

Em conformidade com os Parâmetros Curriculares, o Dr, Ildibas afirma que

“Entendemos que o cristianismo se expressa numa realidade de se vivenciar o amor que é a marca do discípulo, e que sem amor não há alegria, não há paz, não há harmonia; com amor vencemos todas as questões que na vida passamos. No amor há liberdade, há solidariedade, há respeito. Nossos alunos sempre dizem que encontram no colégio uma família, e é verdade pois da parte técnica a pedagógica procuramos transcender nossa finitude pelo amor. Ao vivermos nossa fé, nos moldaremos unicamente para o amor. Cristo é uma lição de amor. Se realizarmos nossas tarefas pedagógicas com amor venceremos todas as nossas diferenças pelo amor; conseqüentemente olaremos para nosso alunado não como um objeto de mercado que nos proporcione prosperidade, mas caminharemos com cada um deles comprometidos com sua formação integral, com o seu desenvolvimento intelectual, emocional, espiritual. E quando falamos espiritual intentamos que ele cresça com maturidade e autonomia para fazer sua escolha individual e esteja bem arraigado em seu ser o respeito à individualidade do outro. E que tenham ciência que na transcendência Divina encontrarão o infinito vencendo o finito, lhes será

²⁰Entende-se por proselitismo ensinar verdades de cunho teológico-doutrinário que envolve peculiaridades de cada grupo religioso. Por exemplo: sacramentos versus ordenanças, batismo infantil praticado pela Igreja Católica e alguns grupos denominacionais protestantes; o catecismo etc. Use-a atualmente como sinônimo da palavra ser proselitista, “*pescar no aquário do vizinho*”. E, já se presenciou muitas brigas entre grupo denominacionais protestantes.

despertado para o deslumbre de tantos outros credos como para a curiosidade de desfrutar da infinitude de Deus fazendo-os a se superarem em suas limitações sem descaracterizá-los, mas na experiência com o divino galgarem conquistas que aos olhos finitos não conseguiriam. Sem manipulação, sem barrerismos, o aluno é dispensado todo esse discurso religioso para ser analisado, refletido com criticidade”.

A liberdade de pensamento sempre foi uma tônica observada desde os primórdios. A busca de uma educação libertadora, o aluno é desafiado a construir seu próprio conhecimento, estabelecendo uma relação de “*sujeito de seu próprio desenvolvimento*”, (GRAÇA, 2002, p.13), quer seja intelectual, quer seja espiritual.

A instituição é confessional sem ser proselitista, pois mesmo quando aborda a Bíblia como livro de instrução e devoção cristã, permite o confronto com outras ideias religiosas para que os alunos tenham a liberdade de ouvir e fazer suas próprias escolhas.

De maneira sucinta, porém bem definida, o Diretor apresenta a liberdade de pensamento numa confluência do aluno libertar-se dos condicionamentos e dominações sociais, culturais e religiosos.

Os princípios cristãos são o fundamento do Ensino Religioso, não ignorando possibilitar o contato com as diferentes religiões, mantendo respeito ao pluralismo vigente como aborda Ferreira, (1999 p.15-16), “*O Ensino Religioso assume um duplo papel na escola: por um lado o de portador de valores humanos num mundo em crise e, por outro, o despertar o aspecto da transcendência num espaço de pluralidade religiosa*”.

Na abordagem da direção, professores e equipe técnica, a escola mantém o diálogo com os vários credos, sem deixar de fundamentar a educação religiosa nos parâmetros cristãos. Não se concerne, porém, um Ensino Religioso disciplinador de catequese. A diretora Pedagógica acentua que a escola tem que ser um espaço pedagógico que incentive a busca do transcendente sem discriminação de qualquer natureza.

Dessa forma, pode-se afirmar que o C.A.B tem sido um espaço pedagógico onde a influência do Ensino Religioso Protestante na educação ressalta a responsabilidade do indivíduo no desenvolvimento da cultura humana. O que se espera é formar cidadãos no mundo em prol do bem comum, como afirma Kuyper, (2003, p. 31), na dimensão das “*três relações fundamentais de toda existência humana, a saber, nossa relação com Deus, com o homem e com o mundo*”.

Logo, a diferença está na formação de um corpo docente capacitado, e em especial o professor de E.R, pois este docente tem que demonstrar conhecimento que abaliza sua abordagem teórica versus experiência e intimidade com os ensinamentos cristãos, no que se refere ao C.A.B.

Não pode haver isenção do professor de E.R quanto a sua formação religiosa, pois não pode premiar apenas os conteúdos que compõe a matriz da disciplina, mas sua vivência que é traduzida por bom exemplo para expor os assuntos em sala de Aula. Segundo a docente Masel, que se responsabiliza pelo Ensino Religioso no C.A.B, suas aulas obedecem a uma epistemologia sócio-construtivista, de sorte que:

“procuro despertar no meu aluno a reflexão sobre cada credo, a curiosidade de conhecer as demais culturas com suas respectivas religiões, procuro não transmitir um conteúdo pronto como se meu aluno fosse um banco para receber as minhas definições sem reflexão. Até mesmo na abordagem de qualquer conteúdo abordado em sala de aula, não o trago completo, mas procuro a partir desse material conduzi-lo a apropriar-se do mesmo para pesquisa e para debate e reflexão, ajudando, inclusive a desenvolver em seu caráter a autonomia com maturidade. E, aqui estou me reportando aos meus alunos do ensino médio. Também compreendo como fundamental nesse processo educacional ouvir meu aluno atentamente, seus questionamentos, suas dúvidas, e quando falo em ouvir, procuro exercitar a pedagogia de olhar meu aluno com seus diversos credos pela ótica dele e não a minha de evangélica, procuro desprender-me em respeito e ajudá-lo a que ele se encontre com o que se identifique. Não quero dizer que na atenção conferida ao meu aluno eu me exclua do meu pensar, acredito que deva está aberto aos outros credos como também as divergências de pensamentos; porém, sinto-me livre para discordar sem desrespeitar. Tenho meus conceitos, minha visão de mundo, minha fé, mas compreendo que não devo me sentir mais do que o outro, melhor, ou mais correta, ou superior ao que difere de mim, e isso passo para meu aluno nos debates sobre diversos temas que costumamos realizar. Bem, é por aí que a coisa funciona”.

3.1.3 A proposta inicial na fundação do CAB, era alfabetizar para a leitura da Bíblia e para os filhos dos crentes: qual a validade e atualidade dessa proposta hoje?

Para o Dr. Ildibas, a proposta educacional do C.A.B *“sempre foi e continua sendo não restritiva, nem exclusivista. Ela é abrangente à toda sociedade”*. Como destaca Mannes, (apud RUEDELL, 2007, p.150), *“o mundo humano é ontologicamente o mundo da coexistência, é o mundo da convivialidade social, da cooperação e da solidariedade.”*

Segundo o diretor, sem exclusividade, nem restrições, a educação é uma necessidade veemente do ser humano. Uma educação que pontue o conhecimento científico como também o conhecimento dos variados credos, ampliará a compreensão dos aspectos culturais e espirituais. Uma educação que tire o educando da ignorância, promoverá a condição de liberdade de escolhas. Alfabetizado o homem, não só no que diz respeito a codificação de sinais gráficos, mas numa leitura de mundo, estará pronto o indivíduo para ser seguidor com consciência do que lhe apraz.

Para a professora Eudina Caetano, diretora pedagógica:

“um dos objetivos dos fundadores foi oferecer educação de qualidade às crianças pobres e a filhos de evangélicos. Hoje, a escola oferece ensino gratuito para as crianças carentes, cuja família atenda os critérios do Serviço Nacional de Assistência Social-SNAS. Um dos aspectos a se observar na instituição é a vivência do amor cristão que não deve simplesmente ser encontrado nos autos, mas de fato e verdade”.

Segundo Rosemberg:

“o C.A. B visa a uma formação bem mais ampla, formando jovens para uma leitura de mundo. E nossos alunos não possuem um credo específico. Comporta, nas salas de aula, uma variedade de seres humanos com diversidades de credos advindos dos laços familiares ou mesmo influência de amigos. Numa leitura de mundo, disporá o aluno de uma visão ampla, permitindo dessa forma uma escolha com consciência, desfrutando da liberdade oferecida”.

Luisa Guimarães, professora atuante, engajada em todo processo interdisciplinar, ajusta sua disciplina de língua portuguesa ao conteúdo do ensino religioso, pois como ela fala *“O Ensino Religioso faz parte da matriz curricular e os professores, juntos trabalham nesse sentido, o do conhecimento da Palavra de Deus”*.

Rosana Oliveira, também professora da Língua Portuguesa, compreende que:

“a língua Portuguesa deve ser colocada como um aporte necessário para exegese da Bíblia. Uma interpretação minuciosa apropria-se não só do grego ou hebraico, mas também da língua Portuguesa. No processo de ensino-aprendizagem, pode-se apontar como exemplo, o estudo do emprego dos artigos definidos e indefinidos. Numa interpretação textual pode-se apreender melhor os ensinamentos bíblicos como outros textos de outras religiões”.

A professora insiste em exemplificar com a explanação de uma aula com o intuito de enfatizar a importância do estudo da língua, da alfabetização para o estudo da interpretação de textos acadêmicos como textos bíblicos. Segundo sua ótica o analfabetismo deixa o indivíduo vulnerável à manipulação, e, além de ser pertinente, é indispensável à interpretação da Bíblia o estudo da sua língua. Assim, a professora insiste em explicar o significado dos artigos com a intenção de deixar bem claro sua posição, portanto, na sua fala explica que :

“Os artigos definidos apontam aos substantivos um sentido de particularidade, superioridade, de único; em detrimento dos indefinidos que apontam um sentido genérico, global, geral. Sendo assim, ao interpretarem-se os versos “Ele é o homem eu sou apenas uma mulher”; o artigo definido ‘o’ põe o homem numa posição de superioridade, de particularidade. Ele é o único entre tantos. Como ele não há, diante dele a mulher está numa condição de inferioridade, por não ser ela a única entre tantas, ela não é particular. O artigo indefinido a coloca como um ser comum, igual a tantas, nada de especial. Com o jogo dos artigos o autor dos versos destaca um elemento ideológico da visão de mundo patriarcal; quando interpretamos um fragmento da Bíblia, no livro de João que diz “Eu sou ‘o’ caminho, ‘a’ verdade e ‘a’ vida, ninguém vem ao Pai senão por mim”. O artigo definido põe Jesus que se apresentava como

o caminho, como o único caminho, num lugar de superioridade, entre outros caminhos. Se fosse o artigo indefinido 'um'; Jesus seria considerado como um dos caminhos entre tantos que porventura existissem, mas o fato do substantivo Jesus vir determinado pelo artigo definido a interpretação consiste em particularizá-lo de tal maneira que não deixa margem para abrir espaço para outra maneira de se chegar a Deus, só através de Jesus. Quem define tal interpretação não é uma denominação, mas os artigos definidos. Quero mostrar, portanto que não se deve ler a Bíblia como muitos fazem sem o conhecimento da língua e isso serve para os demais textos”.

Sem intenções de demarcar pontos teológicos, ela chama a atenção do alunado para a conjugação verbal da continuidade desse fragmento, quando Jesus afirma: “ninguém vem ao Pai senão por mim”. Ora, segundo a língua portuguesa, a professora dando continuidade ao processo de ensino, verifica que o verbo deveria está em concordância com a categoria da pessoa, 1ª, 2ª ou 3ª. Se Jesus em seu discurso tem a intenção de indicar o Pai como uma terceira pessoa, o verbo deveria ser conjugado em concordância com a terceira pessoa ninguém ‘vai’ ao Pai. Mas se Jesus usa com consciência a primeira pessoa, interpreta-se, então, que o Mestre se coloca como o próprio Pai, ‘vem’ a Ele mesmo.

Há uma preocupação da docente em salientar que uma interpretação textual não se concebe somente através de uma leitura de codificação de gráficos, mas é pertinente, sobretudo, uma leitura de mundo, numa abrangência de contexto histórico, político enfim cultural.

Exemplifica com alguns versos de um dos poemas de Drummond “Há uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho há uma pedra”. Sem o contexto histórico não se teria compreendido que a pedra fora João Gullar. Dessa maneira, intensifica a Mestre da língua Portuguesa, a necessidade da maturidade perante os textos bíblicos, para que não sejam interpretados à luz de um misticismo e deixem de obter uma exegese mais segura. Sem descrever da luz divina, os alunos são encaminhados ao processo pedagógico educativo.

Márcia Katarina, apoio da coordenação, responde as questões mediante experiências atuais, junto a experiências vividas como aluna do colégio. Afirmar “*que toda minha formação agradeço primeiramente a Deus, depois ao C.A.B. Em alguns momentos da minha vida escolar, meus pais passavam por conflitos e eu tive muita ajuda, para superar esses conflitos com os valores que recebi no C.A.B*”.

A análise das respostas dos questionários acima nos leva a compreender que os aspectos cognitivos e religiosos são dois aspectos que envolvem características distintas, mas ao mesmo tempo são indissociáveis num projeto religioso interdisciplinar.

3.1.4 Quais os desafios que a instituição tem para ministrar um ensino de qualidade e uma formação cristã, que possibilite um crescimento em todas as áreas do conhecimento e na formação do cidadão?

Segundo o Dr. Ildibas possibilitar esse crescimento consiste em *“lançar mão dos atuais recursos pedagógicos, identificar profissionais capacitados e comprometidos com a atualização dos recursos modernos”*. Para Eudina, o CAB deve *“cumprir as leis vigentes e contribuir para a formação integral dos seus alunos, trabalhando conteúdos significativos.”*

“Os desafios da Educação no Brasil são o conteúdo, a valorização de certas áreas do saber. É difícil para a escola trabalhar aspectos da cidadania e da espiritualidade. Todavia, eu acredito que o CAB é uma exceção. Temos disciplinas de direito e cidadania em todo o Ensino Fundamental e Ensino Médio, assim como vários eventos que trabalham a solidariedade e consciência social como um todo”. Desde a antiguidade, o homem buscou uma relação com o sobrenatural. A escola pede e deve permitir um espaço para que o aluno possa discutir sobre essa necessidade humana. Acrescentando, talvez, aulas ligadas a antropologia, possibilitando ao aluno experimentar essa necessidade, caso a possua”.²¹.

Para Maria Luisa Guimarães, os desafios que a instituição enfrenta para se ter um ensino de qualidade é:

“a posição marginalizada do Ensino Religioso, pois está à margem dos saberes reconhecidos, como importantes para o crescimento humano. O Ensino Religioso deve ser apresentado como um espaço de reflexão e não como saber pronto ou conteúdo apresentado como um dogma”.

²¹Entrevista com o Coordenador e psicólogo Rosemberg no C.A.B

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela ênfase da experiência dos entrevistados. Dando prosseguimento aos comentários, relataremos as experiências dos alunos do ensino médio em relação ao resultado das aulas de religião e da educação num todo.

Segundo Ruedell, (2007, p.151-2), não existe nenhuma possibilidade de sermos totalmente autônomos, é inquestionável o fato de que sofremos “*influência heterônoma de dentro e de fora*”. Nossa formação de caráter acontece a partir de uma relação consigo mesmo, com o outro e com o transcendente. O Ensino Religioso tem tido um papel preponderante nessas nuances. Como determina a Constituição Federal, em 1987-1988:

“O Ensino Religioso ocupa-se com a educação integral do ser humano, com seus valores e suas aspirações mais profundas. Quer cultivar no ser humano as razões mais íntimas e transcendentais, fortalecendo nele o caráter de cidadão, desenvolvendo seu espírito de participação, oferecendo critérios para a segurança de seus juízos e aprofundando as motivações para a autêntica cidadania”.

No diálogo com uma parte do corpo discente realizamos uma pesquisa através de formulários. Delineamos as seguintes perguntas com a pretensão de apurar com acuidade a repercussão de tal influência.

3.1.5 Qual a influência da educação proporcionada pelo C.A.B para sua formação como ser ético, moral e espiritual?

Lucas Guimarães responde que “*os princípios adotados pelo C.A.B fazem com que eu tenha a possibilidade de me tornar uma pessoa mais completa, ou seja, tanto no conhecimento científico quanto nas áreas citadas acima*”. Com base na verbalização do aluno, percebe-se o resultado da formação religiosa repercutiu no desenvolvimento de um caráter eminentemente social, emocional e espiritual. Foram-lhe inferidos, na prática pedagógica, princípios éticos, orais e espirituais que permitem ao aluno sentir-se completo como menciona.

Sobre as contribuições do Ensino Religioso à educação Ruedell, (2007), comenta que a educação ao se propor explicitar seu saber, liberando uma consciência de propiciar a formação do ser humano, “*não pode prescindir de se referir à cultura e à religião*”.

João Roberto de Melo, quanto à mesma pergunta, responde que *“a influência da educação proporcionada pelo C.A.B é completamente relacionada a esses pontos, pois ele não possui única intenção de fornecer ensinamentos científicos, mas também fazer um cidadão que saiba relacionar com o meio em que vive.”*

Kerolayne enfatiza a visão dos alunos acima quando responde *“Ele nos ajuda a viver no mundo de hoje, com todas as suas dificuldades, misérias e violência. O CAB, por sua ética Cristã, nos mostra como aproveitar o melhor da vida, como viver bem uns com os outros, cada um com suas diferenças”*.

Segundo Keila Tavares, *“a instituição acima citada, nos promove uma educação ética de alta qualidade, e conforme os costumes espirituais nos proporciona que tenhamos comunhão com Deus e que sejamos firmes e fortes na Palavra dEle”*.

Filipe de Barros é contundente ao afirmar que *“a educação proporcionada pelo C.A.B nos impulsiona, a no futuro nos tornarmos cidadãos éticos e com caráter definido”*. Percebemos que a tarefa do educador de Ensino Religioso diante da exposição dos alunos citados, tem sido desenvolver as faculdades humanas de forma equilibrada, como exercício de cidadania e de cunho sociorreligioso para a formação ética, religiosa e espiritual:

“No C.A.B, além do ensino regular, nós aprendemos a amar e respeitar as pessoas, a encarar situações conflituosas do cotidiano da melhor maneira possível, trabalhar em grupo, ajudar. E, ainda, podemos estar em contato com pessoas que nos estimulam a acreditar em nossos sonhos, sempre baseados no amor de Deus”.²²

Adays Natália, aluna do 2º ano do Ensino Médio em 2010, também responde que *“temos boas influências aqui no C.A.B porque nossos orientadores se preocupam muito com isso, procuram nos ensinar de todas as formas como sermos melhores em nossa vida social e espiritual”*. Nos cultos realizados em nosso colégio nós aprendemos a valorizar o ser humano e nossas relações com o próximo e com Deus. Assim como Eugene, do 2º ano sucintamente afirma que *“ótima, por causa do ensino religioso”*.

Para Maria Eduarda *“Ética e Moral fazem parte dos valores do C.A.B, que vem influenciando os alunos a partir do próprio corpo docente, já a espiritualidade do aluno aprendemos com nossa experiência com Deus ou aprendizagem nas aulas de religião”*.

²²Thaynan Cavalcanti -aluna do 3º ano de 2009. Hoje estudante universitária.

Dayvison Cabral do 2º ano, do Ensino Médio menciona que *“é um colégio de tradição com muita disciplina, que visa no aprendizado do aluno e com sua integridade moral e social”*.

Josivan do 2º ano do Ensino Médio concorda com os demais colegas, pois afirma que *“a educação influencia espiritualmente, pois ensina não só a matéria, mas também os valores éticos tendo consciência de que o estudo proporcionará um bem maior no futuro, e morais incitam a prática dos bons costumes: respeito, solidariedade”*.

3.2 Exposição de um quadro de investigação a partir das perguntas feitas e respostas obtidas

3.2.1 Os alunos da categoria A: “A educação do C.A.B influencia eficazmente o aluno na sua formação como ser ético, moral e espiritual”.

A análise da categoria A foi elaborada, numerando cada formulário dentro das semelhanças entre as respostas dadas: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A26, A27, A28, A29, A30, A31, A32, A34, A38, A39, A42, A46, A47 estão inseridos num colégio confessional que tem como proposta pedagógica desenvolver um currículo que abranja o homem numa totalidade em todos os aspectos de seu ser, o físico, o intelecto, a psique e o espiritual. Segundo o patamar das respostas obtidas os alunos dessa categoria vêem o colégio como uma instituição comprometida tanto com o avanço intelectual, técnico científico, como a formação de caráter e a solidez de uma personalidade que saiba vencer os obstáculos que porventura apareçam na vida como a interiorização de um caráter honesto e solidário com o seu próximo. Para o corpo discente pesquisado a escola tem exercido grande influência nas suas vidas, e influência benéfica segundo suas falas.

3.2.2 Categoria B: “a educação do CAB não o influencia na sua formação como ser ético e moral, apenas em parte, na espiritual”.

A análise dos alunos da categoria B: A35, A36, A41, A45 Essa categoria comporta uma minoria dos discentes, esses compreendem que a formação educacional não exerce uma influência total nas suas decisões, comportamentos, visto que a educação familiar repercute

sobremaneira e também conta a personalidade que já nasce com ela. Na verdade, a formação acadêmica e religiosa influencia sim, mas em parte.

3.2.3 Categoria C: “a educação do CAB influencia enquanto ser na formação do ser ético em parte só para as dependências do C.A.B”.

Os alunos da categoria C: A33 É um aluno que tem como opinião que a repercussão da educação no C.A.B é superficial, visto que o aluno não demonstra fora do habitat colégio C.A.B um comportamento que faça juz ao aprendizado nas dependências do colégio. Especialmente no que concerne à ética, moral e espiritual, influenciando com mais contundência à vida acadêmica.

3.2.4 Categoria D: “a educação do CAB o influência na sua formação como ser ético e moral, porém existe muito pouca espiritual”.

Os alunos da categoria D: A43 Refere-se a essa categoria um só aluno que compreende a formação educacional do CAB exercendo uma influência significativa na sua vida como cidadão moral e ético, porém quanto a ser adepto a uma religião confessional nenhuma influência existiu.

3.2.5 Categoria E: refere-se à resposta dos alunos quanto à influência na sua formação educacional como ser ético, moral e espiritual – respostas evasivas.

Os alunos da categoria E: A37, A40. Não deixam claro quanto a percepção que têm em relação à influência que o Ensino Religioso exerce sobre suas vidas nos aspectos ético, moral e espiritual. Suas respostas foram confusas e evasivas.

Tabela n. 01. Categorias ABCDE da questão 1

C	REPOSTAS	DISCENTES	Nº	%
A	A educação do CAB possibilita ao aluno desenvolver o conhecimento científico e abrangendo a sua formação como ser ético, moral e espiritual, sem manipulá-lo nem coagi-lo.	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A26, A27, A28, A29, A30, A31, A32, A34, A38, A39, A42, A46, A47	39	83
B	A educação do CAB não o influencia na sua	A35, A36, A41, A45	04	8,5

	formação como ser ético e moral, apenas em parte, na espiritual.			
C	A educação do CAB influencia enquanto ser na formação do ser ético em parte só para as dependências do CAB.	A33	01	2,1
D	A educação do CAB o influencia na sua formação como ser ético e moral, porém existe muito pouco na espiritual.	A43	01	2,1
E	Respostas evasivas	A37, A40	02	4,3

Obs: C = Categorias, N^o = Número de alunos %= percentual

3.3 A disciplina Ensino Religioso tem ajudado para incentivá-los nos estudos?

3.3.1 Os alunos da categoria A-E.R. incentiva

A1, A2, A3, A4, A5, A7, A10, A12, A13, A15, A17, A18, A19, A20, Os alunos dessa categoria compreendem que o Ensino Religioso é de muito valor, visto que através desse ensino têm mudado os seus comportamentos. Valores são apreendidos de maneira que suas ações só dignificam a si mesmo. Segundo os seus depoimentos, os conteúdos que discorrem no processo educacional tem sido os responsáveis do comprometimento com os estudos.

3.3.2 Os alunos da categoriaB- E.R. os tranquiliza

A6, A11, A16Os alunos dessa categoria declararam que em muitos momentos estavam com os corações em angústia, ou com intranquilidade, ansiedade e durante os momentos em que na aula era ministrado o conteúdo do ensino religioso uma paz de espírito os envolvia de maneira que essa paz de espírito lhes proporcionava a condição de desenvolver o aspecto cognitivo. Para estudar, respondem eles é necessário estar maneiro, ou seja, tranquilo e as aulas de religião fazem isso com eles “é o bicho” na linguagem conativa é extraordinário.

3.3.3Os alunos da categoria C – o E.R não interfere

A5, A8, A9, A14, A23, A31, A32, A33, A35, A39, A40 A43, A44, A45, Para esses alunos, no entanto, o ensino religioso não interfere nem positivamente, nem negativamente na

vida escolar. Pode influenciar em decidirem perdoar alguém, às vezes até os pais, pode influenciar em se afastarem das drogas, de ajudarem amigos que têm ações que se prejudicam, mas quanto aos estudos, compreendem que podem ser até religiosos, porém preguiçosos para estudar, ou serem estudiosos por que têm tendências para o estudo.

3.3.4 Os alunos da categoria D: A família é que influencia

A47: para esse aluno, o que promove incentivo aos estudos é a família, a educação religiosa por importante e interessante que seja não repercute tão fortemente como a família.

3.3.5 Os alunos da categoria E – respostas evasivas

A41, A46, As respostas desses alunos não foram claras, não definiram com clareza suas opiniões; consideramo-las, portanto, evasivas.

Tabela 2. Respostas da questão 2

C	RESPOSTAS	DISCENTES	Nº	%
A	A disciplina possibilita uma reflexão que permite tornar-me uma pessoa mais responsável e comprometida com os estudos.	A1, A2, A3, A4, A5, A7, A10, A12, A13, A15, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A24, A25, A26, A27, A29, A34, A36, A38, A42,	26	
B	A disciplina possibilita uma paz de espírito trazendo assim a condição do aluno de estudar.	A6, A11, A16	03	
C	A disciplina não ajuda na dedicação dos estudos.	A5, A8, A9, A14, A23, A31, A32, A33, A35, A39, A40 A43, A44, A45,	15	
D	A disciplina não muito, o incentivo vem da família.	A47	01	
E	Resposta evasiva	A41, A46,	02	

Obs: C = Categorias, Nº = Número de alunos %= percentual

3.4 Fale a influência dos valores cristãos na formação do aluno como cidadão para a vida cotidiana no futuro (profissional, espiritual e emocional).

3.4.1 Os alunos da categoria A- profissional, emocional, espiritual

Os alunos da categoria A: A1, A3, A6, A7, A8, A10, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A21, A23, A25, A26, A27, A28, A29, A32, A37, A38, A39, A41, A42, A44, O Ensino Religioso para esses alunos tem sido de grande influência na sua formação como cidadão, no que concerne a escolha dos padrões morais, éticos e decisões espirituais.

3.4.2 Os alunos de Categoria B- E.R. não repressor

Os alunos da categoria B: A2, A4, A5, A11, A13 A22, A24, A31, A34, A35A

percepção desse corpo discente consiste num ensino religioso que não é repressor, nem castrador, mas que através do conteúdo que é desmembrado permite ao indivíduo que faz parte do percurso religioso ser um cidadão com uma visão do mundo com sua cultura, com seu pluralismo religioso . E a partir do conhecimento do contexto contemporâneo ter autonomia, ou seja, um início de condição de ser livre para escolher viver a dimensão de religião que lhe aprouver assim como desenvolver um caráter enrijecido que não se abata com as intempéries da existência.

3.4.3 Os alunos de Categoria D- liberdade

Tem- se noção espiritual para poder decidir a religião: na compreensão no A12.

3.4.4 Os alunos de Categoria D- Respostas evasivas

Encontramos esta resposta nos alunos A9, A20, A30,A33, A40, A43, A46, A47

3.4.5 Os alunos de Categoria E- o E.R. não interfere

Os valores cristãos não mudam o cidadão, de acordo com o aluno A36.

3.4.6 Os alunos de Categoria F- É bom

Importante, porém não é obrigação do colégio, segundo o aluno A45.

Tabela 3. Respostas da Questão 3

C	RESPOSTAS	DISCENTES	Nº	%
A	Valores cristãos na profissão - honestidade e respeito que são essenciais; na área espiritual - reforça o compromisso com Deus; na área emocional - ajudam-me a ser um cidadão equilibrado.	A1, A3, A6, A7, A8, A10, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A21, A23, A25, A26, A27, A28, A29, A32, A37, A38, A39, A41, A42, A44,		
B	Ampla visão do mundo e saber agir nas dificuldades, ter autonomia	A2, A4, A5, A11, A13, A22, A24, A31, A34, A35,		
C	Tem- se noção espiritual para poder decidir a religião.	A12,		
D	Evasivas, incompleta.	A9, A20, A30, A33, A40, A43, A46, A47		
E	Os valores cristãos não mudam o cidadão	A36,		
F	Importante, porém não é obrigação do colégio.	A45		

Obs: C = Categorias, Nº = Número de alunos %= percentual

3.5 Análise do formulário de pesquisa realizado com os pais dos alunos do Colégio Americano Batista de Pernambuco

Foram distribuídos cerca de 30 formulários com os pais dos alunos, mas apenas 10 pais responderam, todavia, sem interesse de participar de forma efetiva. Alguns professores que têm filhos na instituição não quiseram participar da pesquisa. Dentre as justificativas, a mais comum foi “não tenho tempo agora”. Alguns no momento da justificativa de não participarem declaravam sobre a proposta do Colégio e até respondiam as perguntas dos questionários, mas não se comprometiam em escrever e entregar. Foram elaboradas três questões:

- 1-Descreva as razões que o fez preferir uma instituição religiosa como o C.A.B?
- 2- Que tipo de educação você espera para seu (a) filho (a)?
- 3- A proposta pedagógica do C.A.B. visa uma formação ética, moral e espiritual/

Alguns pais afirmam que preferem à Instituição religiosa por considerá-la uma Instituição tradicional e de excelente conceito junto à sociedade, a qual tem em sua formação excelentes profissionais e cidadãos que foram educados no C.A.B.

Outros pais já fizeram parte da escola como alunos e declaram que durante esse período adquiriram não só conhecimento intelectual, mas crescimento espiritual e para a vida, e querem que seus filhos tenham as mesmas oportunidades.

Um número menor explica que no C.A.B. seus filhos terão liberdade de expressar sua fé. Declaram, também, que o Colégio tem uma educação exemplar, inclusive, no aspecto religioso. Embora que muitos desses pais sejam católicos praticantes, afirmam que no colégio seus filhos recebem uma educação que permite trabalhar o caráter, conduzindo-os a serem pessoas fortes na vida.

Alguns pais falam que dão preferência ao C.A.B., pois além de acompanhá-los academicamente preocupam-se com a formação de caráter sem repressão, faze-os refletir sobre os valores mostrando a importância sem obrigá-los. *“Vemos o quanto eles mudam para melhor, com as aulas de religião, os conselhos, os cultos, e as palestras têm ajudado imensamente”*. Inclusive alguns declararam que os filhos drogados foram recuperados.

Outros dizem que são evangélicos, então, preferem um colégio evangélico. Outros dizem que são evangélicos, mas observaram também se o ensino é competente. Outros simplesmente põem seus filhos por serem profissionais do colégio, então seus filhos têm a gratuidade, mas estão satisfeitos com a escola. Alguns deles são cristãos protestantes e outros católicos, outros espíritas, mas dizem que não têm tido nenhum problema, *“é bom que os filhos aprendam coisas boas”*.

Alguns pais preferem à Instituição por considerá-la uma instituição tradicional e de excelente conceito junto à sociedade, que prima pela qualificação e formação excelentes profissionais e cidadãos que foram educados no C.A.B. Diversos pais já foram alunos do Colégio, também é um colégio de boa referência e declaram que o conhecem de perto. Outros pais declaram que no colégio eles terão liberdade.

Algumas falas dos pais, como o Pai Juliano Freitas:

“Dei preferência ao C.A.B para a educação de meus filhos por ver nesse colégio um comprometimento com a formação de vidas não somente uma preparação para passar no vestibular; meus filhos têm tido um acompanhamento que tem influenciado positivamente em todos os aspectos no seu viver, pois o ensino religioso junto com um trabalho de interdisciplinaridade tem enriquecido sua vida acadêmica como também sua vida emocional e espiritual. Sou católico, mas vejo que aqui meus filhos têm progredido e isso é tudo que quero”.

Joseane Castro, professora da casa, declara:

“como professora tenho direito a ter meus dois filhos estudando gratuitamente, porém, mesmo que assim não fosse, escolheria esse colégio porque ele não fica só com as propostas pedagógicas no papel, mas avança para dar uma formação, sua proposta é abrangente ao desenvolvimento de um caráter que esteja em linha com os valores sólidos que levam um ser humano ser realmente próspero vivendo em contínua harmonia. Portanto, desde criança eles desejam aqui está como também eu e meu marido estamos satisfeitos. Claro que percebemos que a escola não é perfeita, mas tem a essência, compromisso com formação de vidas, e isso faz diferença”.

3.6 Entrevistas com a Professora de Ensino Religioso e alguns alunos

Como foi mencionado anteriormente, os nomes aqui citados são pseudônimos, apesar de ter sido obtidas autorizações para citar o de alguns.

Durante o percurso desse trabalho, nosso enfoque consistiu em observar como um Ensino Religioso, numa escola confessional pode possibilitar à sociedade um ensino consistente de crescimento individual, comportamental; sem, contudo, provocar desrespeito à pluralidade cultural e religiosa.

Durante o a pesquisa, buscou-se atuar com neutralidade e perspicácia que é imprescindível, como afirma Meira (1998, p.61).

“Um processo pedagógico qualitativamente pode ser construído de inúmeros caminhos e, nesse sentido, não existe uma definição suficientemente ampla que possa dar conta de toda a riqueza que pode ser produzida cotidianamente em nossas escolas quando professores e alunos se envolvem de maneira profunda, prazerosa e coletiva com as tarefas necessárias ao pleno cumprimento da função social da escola”.

Aprender, na verdade, implica numa abrangência muito ampla, pois não se prende unicamente com a explanação de conteúdos, teorias, que tem o seu lugar no processo educacional. Como menciona Scussel (2007, p. 260) citando Cortella, “*a solidez pedagógica*” é imprescindível. Faz-se necessária para que o ensino repercuta com propriedade, o conteúdo deve ser delineado a partir de uma metodologia condizente ao que se propõe ensinar. Scussel é contundente ao afirmar que:

“o conteúdo não é o principal problema, mas sim a metodologia. O proselitismo não está no conteúdo desenvolvido, mas na metodologia, na forma como o educador vai abordar determinado conteúdo, partilhar as experiências e construir o conhecimento. A didática é fundamental para que haja respeito e valorização das diferentes manifestações e experiências religiosas partilhadas”.

Portanto, com acuidade direcionamos nossa atenção no desenvolvimento das atividades escolares, especialmente no Ensino Religioso, como afirma Tardif, (2008, p. 258):

“Devemos ir diretamente aos lugares onde os profissionais de ensino trabalham para ver como pensam e falam, como trabalham na sala de aula, como transformam programas escolares para torná-los efetivos, como interagem com os pais dos alunos, com seus colegas”.

Assim, procedemos, ao observar as aulas do Ensino Religioso e, paralelamente entrevistar a docente da disciplina, que se encontra gerindo tal responsabilidade há vários anos. Ela menciona que possui liberdade na Instituição para traçar seu projeto educacional, desde que seja pautado na visão pedagógica da Direção; que permeia alcançar o diálogo inter-religioso numa perspectiva de paz e respeito às diferentes formas de manifestações religiosas de cada pessoa. Nessa perspectiva, a escola objetiva construir cada ser humano estabelecendo relações duradouras. Como afirma Küng (2004, p. 17) citado por Gilz e Junqueira (2007, p. 183) “*não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões*”.

Como afirma Gilz e Junqueira (2007, p. 183) “*Trabalhar o respeito entre as tradições religiosas, o diálogo com o diferente sem menosprezar a própria identidade cultural e*

religiosa” delineia a docente seu projeto educacional religioso sem abrir mão dos princípios cristãos.

Esses princípios serão a essência do projeto conforme a professora, pois eles trarão a unidade com as demais religiões vistas como universais, portanto, abordadas no seu Conteúdo Programático. A partir de uma metodologia bem dinâmica, a professora Masel trabalha com a exposição de painéis abordando os líderes religiosos, seus ensinamentos sobre o amor, o respeito, a solidariedade, a honestidade.

Segundo a docente, tal premissa consiste num grande desafio que procura delinear na seguinte didática: ao abordar sobre o amor, a paz a partir da vida de Jesus que tem como premissa caminha na vida de Gandhi ressaltando, por exemplo, a determinação que ele em seu caráter demonstra em lutar pela justiça sem guerra, sem desrespeito, e assim procede levando seus alunos a pesquisarem sobre a vida de homens que ainda que não presentes conosco contribuem com um legado de nobreza que merece ser conhecido. Nessa metodologia discorre seu planejamento observando em cada instância os valores que lhes são comuns.

A professora faz uma observação quanto à necessidade que o homem contemporâneo tem de se estabelecer num mundo em que haja o predomínio da paz, da justiça do amor e da solidariedade. E, refletindo sobre tais nuances, o homem sente necessidade que a sociedade trace parâmetros de vida alicerçados nos princípios de Deus, converge, portanto no que significa assumir conforme Eulálio Pereira que: “*a existência de Deus tem um peso na história da humanidade, pelo menos na história da humanidade que compõe nossa gênese cultural ocidental*”, (PEREIRA, 2007, p. 200).

Moreno, (2001), enfatiza que a educação em valores deve ser uma prioridade e que a prática contínua desse aporte estará dando subsídios para se aceitar o desafio de trazer à humanidade paz, alegria, harmonia. A educação em valores exige um pensar reflexivo a partir de uma metodologia que ofereça ao estudante o estímulo de refletir sobre si mesmo, sobre os valores que ao assimilá-los possam proporcionar benefícios na sua formação. A docente Masel comenta com convicção que essa é uma realidade com que nos deparamos na nossa sociedade e que não só ela, mas todo corpo docente direciona seus objetivos programáticos dentro dessa nova visão.

Para o corpo docente do C.A.B que continuamente tem sido treinado e aperfeiçoado durante os anos letivos, dimensionam suas propostas pedagógicas compactuando com o pensamento de Nietzsche retratado num fragmento de 1888 em que apresenta uma nova concepção de educação opondo-se radicalmente com a que se vivenciava. Em Dias, (2003),

retrata Nietzsche que é inadmissível confundir domesticação (Zähmung) com adestramento (Zuchtung). Adestrar um jovem significa:

“Fazê-lo obedecer a certas regras e adquirir novos hábitos, torná-lo senhor de seus instintos e hierarquizá-los, de modo que o instinto de “saber a qualquer preço” não se sobreponha. O produto desse adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptando às condições de seu meio, a serviço das convenções do Estado e da Igreja, mas um ser autônomo, forte capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo sem precisar recorrer a qualquer instância autoritária. Tem-se, então, alguém que se atreve a ser ele mesmo e a destacar-se do homem comum, capaz de agir voltado para o futuro, e não apenas para a sociedade existente”.

Uma escola comprometida com a formação de cidadãos para uma sociedade justa e solidária voltada para um futuro promissor faz-se necessário empregar uma metodologia que conduza seu alunado a interiorizar essa autonomia abordada por Nietzsche. E para que se conquiste esse adestramento com sucesso, a professora Masel compreende que se deve ter como alicerce para os meios operacionais educacionais vínculos afetivos, na mediação do professor. Concorda com Bock, (2003, p. 37), quando afirma que

“O campo da afetividade, portanto, é complexo e tem dimensões profícuas para o conhecimento e a formação do indivíduo, considerando que o ser humano é um ser multidirecional, “indivisível em sua formação integral”.

É bem característico dos jovens dessa geração comportamentos que denotam crise existencial, carência afetiva, solidão, desequilíbrios emocionais ainda que não possam ser considerados loucos. Porém, faz-se necessário oferecer uma pedagogia que abranja um acompanhamento tanto no âmbito intelectual como no âmbito das emoções, dos afetos e das relações sociais. Para tal, afirma categoricamente a docente que muitos alunos têm dificuldade de assimilar cognitivamente os conteúdos das inúmeras disciplinas por ter problemas emocionais como menciona Lopes, (2004, p. 115), *“um número significativo de alunos com*

difficuldade de aprendizagem tem, ao mesmo tempo, dificuldades emocionais, sociais e de conduta”.

Essas características emocionais são expressas de muitas maneiras na escola, e para enfrentar esse desafio buscando a conquista do triunfo é pertinente uma relação de afetividade na mediação professor e aluno, pois como menciona Vasconcelos, (2004, p.18), *“cognição e afetividade são instâncias constituídas culturalmente”.*

Hoje, na contemporaneidade, a afetividade como elemento presente na cognição humana emerge com muita significação, pois a personalidade tem duas funções distintas a afetividade e a inteligência.

A professora de Ensino Religioso declara que evidencia o ensino por meio de valores utilizando leituras de textos diversificado, filmes, músicas, trabalhando com valores de forma transversal com informática, outras disciplinas, jogos, práticas circense e meio ambiente.

Durante os encontros preocupou-se em não oferecer respostas prontas, levando o aluno à reflexão sobre e na ação. Esclarece dúvidas, diminui possíveis tensões, usa várias formas de linguagem: oral, escrita, visual, plástica. Utiliza como estratégia dentro e fora de sala de aula, rodas de conversas, representações gráficas, apresentação de documentários, e com bastante incidência debates sobre temas promissores às necessidades do corpo discente. Nesses debates fomenta nos alunos o respeito, media os conflitos, possibilitando esclarecimentos sobre o direito às diferenças na construção.

Para Masel, o olhar afetivo é um olhar de respeito. É imprescindível esse olhar afetivo na educação, pois com esse olhar a docente compreende que o aluno sente-se livre emocionalmente para expor suas opiniões a respeito do mundo que o cerca com suas ideologias e religiões. À medida que o aluno é tratado com afetividade sua auto estima acentua. Ao sentir-se amado, respeitado a tendência é também responder ao outro com afetividade, amor e respeito ao outro com suas diferenças de personalidade, de credos diferentes. E, como falar do amor de Deus, sem dispensar no mínimo uma relação de afetividade? Na sua experiência de educadora, formadora de vidas, a professora compartilha que:

“muitos alunos chegaram no C.A.B com distúrbios emocionais por vivenciarem circunstâncias adversas e amargas, em consequência tornaram-se agressivos, muitas vezes chegando a serem violentos. Outros com perfis de rebeldia por terem uma educação familiar sem limites, outros escravos das drogas entre outras situações; mas

ao recebê-los com amor, com ações de afetividade em ter compromisso de investir nessas vidas tempo, atenção profunda e contínua, oração, perseverança, numa porcentagem bem significativa têm sido recuperados. Com tais experiências percebo que não adianta ensinar ao aluno sobre amor, solidariedade, respeito ao outro se não dispusermos como professores a vivermos essa realidade. Cada aluno precisa do calor humano, ainda que seu perfil seja diferente dos casos mencionados e façam parte de lares equilibrados cheio de amor, ainda assim, faz-se necessário com todos os alunos ter a afetividade como instrumento de mediação”.

“As relações afetivas se evidenciam, pois a transformação do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”, (ALMEIDA, 1999, p. 107). A fala da professora exemplifica essa realidade nas transformações ocorridas na mediação durante o ensino aprendizagem no E.R.

“As experiências são inúmeras, porém citarei algumas das que recordo agora, como a do aluno que na aula que compartilhávamos sobre sexo de maneira debochada menciona que estava com vontade de comer uma garota, com afetividade dialoguei com o aluno e terminamos num bom relacionamento e no amadurecimento do aluno. Outra situação foi de um jovem, já fora de faixa etária portava-se indiferente às aulas de religião como também com as demais. Porém, procurando olhar o aluno não com meus olhos, mas com os olhos dele pude adentrar num relacionamento afetividade consegui manter um relacionamento de afetividade, descobrindo sua riqueza interior que era encoberta com atitudes muitas vezes de cinismo, de confronto, quando não de indiferença. Mas a perseverança em buscar uma relação afetiva trouxe a esse jovem libertação de prisões na alma, de vícios que já o estavam levando a destruição. Essa intervenção afetiva influenciou seu coração à transcendência divina, e consigo mesmo. Pouco tempo depois demonstrava uma alegria tão estupenda que chamava a atenção dos colegas e ele mencionava que fui eu que o ajudei e que sentia Deus de uma maneira muito forte. Lembro-me ainda de uma jovem que no processo educacional conseguira estabelecer uma relação de afetividade e nesse ínterim ela confessa que

estava para deixar sua casa, abandonar seus pais pois recebera uma orientação de espíritos que estavam lhes dando essa ordem, porém nas aulas de E.R. entendia que isso era loucura e desistiu passando a honrar seus pais e respeitar as diferenças deles. Muitas são as experiências, mas ficaremos por aqui”.

Freire, (2004), comenta o quanto é imprescindível o professor respeitar a dignidade do aluno e sua autonomia. Nesse aspecto a professora comenta que é necessário muita sabedoria para conduzir uma jovem adolescente a decidir desobedecer espíritos que fazem parte de seu contexto religioso, sem contudo faltar com o respeito ao pluralismo, nem deixar de impactar e trazer à razão de que não há nenhum motivo coerente abandonar os pais, especialmente quando não tem nada que justifique esse comportamento a não ser uma ordem espiritual de sua religião.

O Pluralismo religioso tem sido uma realidade bem difundida e inquestionável, que conclama respeito às diversidades, embora como denotam Junqueira e Alves que:

“[...] nem sempre funciona com elo de integração de pessoas e povos, mas que ao contrário, contribuem para reforçar separações, incentivar discriminações e propagar ideias fundamentalistas que são incapazes de alteridade”.

Santos, (2007), citando Meneghetti menciona que “*Toda proposta para o trabalho realizado no E.R. está baseada no respeito à diferença [...] mas na perspectiva do E.R. confessional, tal constatação cria a diferença*”. Segundo Santos quando é oferecido ao aluno um E.R. conforme o credo que já é seguidor, essa atuação deixa de favorecer o pluralismo religioso.

Nessa diretriz o percurso da ética não é trilhado, de forma que, ao aluno, não é dado a possibilidade de novos encontros com a Transcendência religiosa, “*cada credo se fecha no seu espaço, com o seu conteúdo específico [...] negligenciando a sua contribuição, enquanto disciplina que está ao lado de todas as outras, fazendo parte da área de conhecimento na formação do cidadão consciente...]*”.

Depoimentos de alunos do C.A.B constataam que a professora do E.R. desenvolve um trabalho metodológico passeando geograficamente pelo mundo mostrando as culturas diversas de cada religião como seus princípios. Detém-se, porém, nos valores que são semelhantes em

cada religião, como o amor, o respeito, o perdão, a solidariedade, a honestidade. Uma das alunas entrevistadas comenta que *“a professora ensina religião de maneira diferente, pois ela nos fala sobre a cultura de outros povos e suas devidas religiões. É muito interessante, eu mesma não conhecia, pois só sabia sobre o catolicismo”*.

A docente declara que encontra barreiras por parte de alguns alunos e alguns pais que almejam um E.R. confessional, talvez tenham receio que os seus filhos opinem não mais seguir os credos em que foram educados. A professora compreende, e trabalha como os pais dentro do pensamento de Gadamer, (2000, p. 23).

“[...]Compreender o outro não é, em todo caso, está de acordo com o que ou quem se compreende. Tal igualdade seria utópica. Compreender significa que posso pensar e ponderar o que o outro pensa. Ele poderia ter razão com o que diz e com o que propriamente quer dizer”.

Defende a docente que os alunos devem ser educados a lerem o mundo com sua cultura, sua pluralidade religiosa para o desenvolvimento da inteligência. Educados para a convicção de que *“Aquilo que se lê não é ponto de chegada, mas o ponto de partida”* Monteiro, (2000), citando Rubens Alves.

Ao explicar o mundo físico, cultural, religioso a professora Masel menciona que *“pretendo desenvolver a autonomia do aluno, pois considero de grande importância”*.

Drummond expõe, no seu poema, um eu lírico que sintoniza o sonho da sociedade contemporânea clamando:

“Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a natureza, o ar, a matéria, as plantas, os animais, seu próprio corpo. Deus. Mas que ensinasse primeiro pela observação, pela descoberta, pela experimentação”.

E, a Masel nos conta que *“Nós temos nos reunido como corpo docente e refletido na escola do poeta e tenho traçado como um dos objetivos prioritários dar meu conteúdo programático levando meus alunos a descobrir, a experimentar o perdoar, refletir sobre a sua fé e também a do outro”*.

Observamos que como formadores de Consciência, a docência tem exercido uma função de grande relevância na vida dos educandos; sobretudo quanto a educar para melhorar

a qualidade entre os seres humanos. A tônica desse E.R. consiste preponderantemente construir e reconstruir um caráter burilado pela incorporação dos valores de “*solidariedade, fraternidade, amor culturas e conhecimento, de respeito ao meio ambiente e aos direitos humanos*”. (ALLERT, 1999, p.151).

Nas entrevistas elaboradas com alguns discentes, obtivemos a informação de que a professora é maravilhosa e as aulas ministradas são “legais, excelentes, muito bom”. De acordo com a ex- aluna que hoje está cursando o 2º período de Arquitetura, Jussara Silva a professora mantém a seguinte metodologia:

“Masel, nossa professora de Ensino Religioso é espetacular, pois ela conseguia nos prender nas suas aulas, pois nos envolvia em debates com temas bem diversificados. Era uma loucura, pense nas divergências o que acontecia, somente Masel para estabelecer a harmonia com tantos pensamentos diferentes. Outra coisa que ela fazia que eu gostava muito era quando ela começava a contar a vida de homens que foram verdadeiros heróis como Gandhi entre outros e nos levava a pesquisar mais sobre os que ela tinha falado e sobre outros, depois compartilhávamos na sala sobre eles, e era muito bom mesmo quando preparávamos peças teatrais com a vida deles, e dos homens da Bíblia. Eu só não gostava de alguns filmes bobos, monótonos que só me davam sono, mas havia quem gostasse. Foi muito importante quando em várias aulas trabalhou sobre o perdão, isso nos ajudou muito em nosso relacionamento com nossos pais e com nossos colegas de classe. Bem, é o que me lembro no momento”.

Na percepção da aluna Jussara Silva, normalmente, os alunos desejam que a professora de Ensino Religioso opine qual a visão que ela compreende como a correta.

“Suas colocações são feitas muitas vezes com a Bíblia, também nos levava a descobrir a visão da nossa cultura sobre determinado aspecto, como a visão de várias religiões. Debatíamos az vezes alguns capítulos de novelas.”

Para alguns alunos a didática do Ensino Religioso da professora posta-se em diálogo aberto. Em relação às religiões incentiva os alunos a pesquisarem e refletirem sobre as

diversas atitudes e consequências. Utiliza recursos audiovisuais, trabalha assuntos atuais como as profissões e sobre as ciências em geral, especialmente temas que agradam aos alunos, pois ela tanto utiliza a sala de aula como outros recursos como aulas ao ar livre, sob a copa das árvores no que circundam o C.A.B, tornando as aulas como eles dizem -*mais light* quando o tema abordado é a sexualidade humana. Num projeto de interdisciplinaridade a professora procura abordar sobre o criacionismo, evolucionismo, sem, contudo interferir diretamente no sistema de crenças. Para Thalita Gadelha, 2º período em Letras a professora:

“Põe os alunos em círculo, escolhe um tema que não tem nada a ver com religião e nos estimula a debatermos sobre o mesmo. Normalmente esse debate é muito interessante, pois nos desperta a refletirmos, como também opinarmos a respeito de uma diversidade de assuntos que nos interessam, que estão dentro de nosso contexto de vida”. “Ela procura nos incentivar a refletirmos qual a posição confortável que nos proporcione um bem estar, lembrando que a cada decisão teremos que ser responsáveis por ela”. Muitos colegas defendem os ensinamentos da Bíblia com veemência, enquanto outros discordam de acordo com seus ideais ou mesmo suas religiões. A nossa professora vai mediando para evitar briga e aproveita para nos ensinar como viver em harmonia numa classe com tantas diferenças. “Nem sempre as aulas são dentro de uma sala, há momentos que somos levados ao ar livre. Nosso colégio tem muitas árvores e nós temos o privilégio de usufruirmos numa aula bem light. É interessante que na abordagem sobre sexualidade a professora procura nos deixar bem livres e a conversa rola solta. Após conversarmos bastante, expondo nosso ponto de vista, nossas frustrações e aborrecimentos sobre o pensar dos adultos e tanto mais, queremos saber o que ela pensa. Claro que já temos uma ideia, pois sabemos que ela é protestante. Mas, ela não define o que é certo, nem o que é errado. Ela nos leva a pesquisarmos a respeito das outras religiões, outras culturas. Também lemos textos bíblicos alusivos a essas questões. Também somos conduzidos a refletir sobre cada uma das diversas atitudes e suas consequências. Em cada final de etapa assistimos a um filme. Muitos são interessantes; outros, porém, são ingênuos, e nós estilamos. Contudo, mesmo sendo ingênuo ou triste ela conseguia trazer o filme ao debate de uma forma tão interessante que

nós gostamos demais e também aprendemos coisas valiosas como o perdoar, ser honesto, conseguir até deixar de filar conscientizando-se do valor de ser um bom profissional primeiro para nós mesmos depois para o outro, etc. Atentamos para tantas coisas que anteriormente não tínhamos sido despertados. Até que é bom, eu pensava que seria uma aula de culto bem chata. Ah, ia-me esquecendo. Toda semana, ela fala de uma religião, o islamismo, o judaísmo, budismo, cristianismo, ih, todos os ismos. Mas, isso foi legal agente conhecer a fé de um povo que não podíamos sequer imaginar a religião deles. A professora fazia com que conhecêssemos a cultura de cada povo, ela explicava tudo, a história da religião tal, como se desenvolveu, como está hoje. Ao falar sobre o catolicismo e eu sou católica, ela sabendo que eu sou muito crítica, sempre me perguntava se realmente ela estava sendo fiel na explanação quanto ao catolicismo de hoje”.

Nos Estados Unidos e na Europa as escolas têm procurado não ferir a neutralidade e laicidade do estado. De maneira que em divergências como no caso do criacionismo e evolucionismo em vários Estados há casos de exclusão do evolucionismo dos livros didáticos e das aulas de biologia, assim como vitórias judiciais sobre os criacionistas e suas intenções de incluir o ensino do criacionismo junto com o evolucionismo de Darwin.

Segundo a professora e confirmações dos alunos não tem havido nenhum caso de exigência dos pais em relação a essas questões. No C.A.B os livros continuam ressaltando o evolucionismo, e mesmo os pais cristãos não têm tido nenhuma exigência nessa situação, esperam, sim que seus filhos sejam fortalecidos em seu caráter, e sejam conduzidos ao sucesso profissional. Esperam que sejam alicerçados nos valores cristãos. Com nomes fictícios se expressam nas entrevistas:

“Marli- De início, pensei que seria uma chatice ter que assistir às aulas de religião. Mas para minha surpresa, foram aulas dinâmicas que conseguiram me prender. Cada aula algo diferente. debates com temas bem interessantes como amor, sexo, drogas, perdão, autoritarismo-autoridade, libertinagem-liberdade, alegria, etc”.

João- “Entre tantas aulas interessantes as que mais me marcaram foram as que a professora nos fez ciente das demais religiões, e gostei dos

argumentos que ela usou para os que não queriam conhecer outras religiões. A professora, sabe, nos fez entender que é muito importante conhecer o outro, saber do outro, amar meu próximo e para amar preciso saber seus sonhos, suas ideologias, sua religião, se tem religião ou não, e, sobretudo respeitar. E que o fato de conhecer o outro não significa que tenho que ser igual, pensar como ele, mas que devemos nos dar o direito de conhecer o outro. Gosto muito das aulas porque debatemos bastante, é emocionante e reflexiva. Só é um pouco chata quando passa alguns filmes tristes como a lista de Shindley, mas foi bom, pois vimos que mesmo em meio a pessoas más, podemos decidir ser bons e contribuir em prol da humanidade e salvar tantos como o artista fez. Até quando lemos a Bíblia é bom pois é de maneira interessante, sem cansar. A professora manda lermos um texto que normalmente é sobre a história de alguém e agente discute, fala dos personagens, julga, condena, apóia e depois ela reflete conosco e aprendemos muito assim. Nós refletimos e chegamos a assimilar muitas coisas boas como a honestidade, solidariedade, perdão quando nem pensávamos antes da aula. Não sou crente, mas gosto muito das aulas”.

“Diana- “Foi bom saber sobre um mundo de gente que é gente e que vive uma vida fantástica como Gandhi, e outros, inclusive Jesus. Valeu, foi construtivo pra caramba. Agente muda bastante”.

“Júlia- “Desde o dia que conheci Masel, a professora de religião que minha vida mudou, eu era muito depressiva, não sabia enfrentar os problemas, tudo era um terror, mas depois minha vida tornou-se um céu”.

Kátia “Pode todo mundo gostar, eu não gosto, nem concordo com essas aulas de religião num colégio batista que não oramos quase, não louvamos, estudamos a Bíblia pouco, pelo menos não é como na igreja, a professora fala na Bíblia, mas acho que deveríamos estudá-la mais. Agora tem coisa interessante, especialmente quando ela nos ensina a perdoar, amar e respeitar, aí eu concordo”.

Luciana “Minha mãe não está gostando muito das aulas de religião, mas eu estou gostando bastante, acho que minha mãe quer que seja como é na igreja dela que não gosto. Com a professora Masel é muito diferente, as aulas são diversas, cada mês faz algo novo, e nos incentiva a pensar, a decidir,

as vezes queremos que ela diga o que é certo ou errado, mas ela nos leva a ver, a perceber. Minha mãe não gosta também porque a professora nos fez aprender sobre as demais religiões, minha mãe viu eu pesquisando e perguntou-me para que, pense, foi no colégio e tudo, tenho aprendido muita coisa, e isso é muito bom, se um dia eu tiver que ser evangélica quero ser como minha professora com uma mente aberta para o mundo, para o outro, temos que conhecer sobre o outro e também respeitar, amar. Olhe como precisamos amar, nos acitar. Nas aulas de debate é muito bom estou aprendendo a não ter medo de dizer o que penso e também de aceitar o que o outro pensa. Temhoras que é uma guerra, mas a professora tem um jeitinho bem especial de trazer a paz. Que minha mãe não invente de me tirar”.

Catarina- “Ah, não meus pais estão satisfeitos , eles dizem que essas aulas de Ensino religioso me deixam muito calma, e com muito conhecimento.”

Jerônimo-“eu gosto demais, fazemos teatro, discutimos, sabe, eu nunca nem pensava que existem tantas religiões, mas eu não quero nenhuma, deixa eu no meu canto; se bem que a professora fala que eu só devo procurar analisar se realmente Deus existe, se vale a pena conversar com ele para ver se Ele aparece, para analisar as demais religiões para ver tudo de bom sobretudo sobre amar, amar, pense que tou até aprendendo amar, é difícil, mas até tou melhorando de tanto que se fala”.

4. A ESCOLA E O SEU PAPEL COM OS DESAFIOS DA ATUALIDADE

É evidente que a cada dia a violência toma uma dimensão de atrocidade alarmante e extremamente preocupante. O bullying, termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica precisa ser combatido, solucionado. Conforme a Associação Brasileira Multi-profissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) criada com a finalidade de pesquisar o fenômeno bullying, este termo compreende todas as formas de atitude agressivas e intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s).²³

São muitas as situações deprimentes que se deparam sobre muitas famílias, conseqüentemente na vida de cada indivíduo. E nem todos têm a estirpe de superá-las tomando rumos trágicos com suicídio, o bullying entre outros. Para o autor o treinamento das emoções se faz tão necessário quanto o precisar de água no deserto escaldante, então, decifrar e aplicar os códigos da inteligência, como menciona é imprescindível para combater a violência.

Pensando como Cury no que concerne ao ser humano não ser só intelecto, uma máquina que executa o que é lógico e pronto “por mais que possamos procurar a racionalidade, a coerência, e a serenidade, nenhum ser humano é 100% lógico”. Poder-se-á encontrar alguém que tenha desenvolvido o seu lado mecânico a tal ponto que os sentimentos e emoções tenham sido castrados? Certamente, será este ser intragável, pois provavelmente não saberá relacionar-se com os seres que demonstram suas limitações emocionais.

4.1 A realidade da violência ou Bullying na escola

Gabriel Chalita,(2008, p.142), comenta “*de vítimas a vilões acuados e isolados, os alunos vítimas de bullying passam a ter pensamentos destrutivos alimentados pela raiva reprimida nasce o desejo de matar, de destruir a escola. O registro da dor de tornar-se*

²³Bullying é uma forma de assédio ou intimidação com forte componente de humilhação. São formas de agressão intencionais repetidas que causam angústia e humilhação a outro. Encontra-se presente em diversas situações como pôr apelidos, ofender, gozar, sacanear, discriminar, excluir, isolar, ignorar, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, etc. As vítimas normalmente são pessoas mais frágeis no aspecto físico como não está de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade (uso de óculos, roupa fora da moda, deficiência...) ou aspecto emocional (como a timidez). Normalmente a vítima se retrai diante das atrocidades, às vezes entram em profunda depressão, outras chegam a suicidar-se, enquanto uns transformam-se de vítimas para os agressores.

importante e lembrado de alguma forma. Em dramas como esse, apagam-se as linhas divisórias que classificam autores vítimas e expectadores. Todos passam a integrar um único grupo: vítimas de violência.”

O *Fatídico* 7 de abril de 2011, descrito pela Revista Nova Escola, (2011, p. 50-54), descreve o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, num ato alucinante, percorre o corredor da escola onde participara, efetivamente, muitos dias de sua vida. Escola esta que presenciou seu coração cheio de alegria, o silêncio de suas emoções. Suas dores, suas amarguras devem ter sido presenciadas, ainda que gelidamente; ou talvez, quem sabe, solidariamente.

O fim do corredor ficava nas salas 1801 e 1803, salas que não são marcadas pelos números, pois nelas comportam um universo de vidas que buscam, além, de uma formação acadêmica, a conquista da felicidade, do sucesso, da vitória. E, estando uma boa parte de seus dias, numa coletividade, espera viver em solidariedade, paz, harmonia. Quem sabe, mesmo que nas entrelinhas do mais profundo íntimo, busque com mais intensidade receber uma formação de caráter, uma educação que lhe permita a habilidade de gerenciar a perplexidade de suas emoções, conflitos e até mesmo caprichos.

Nessas salas, escolhera o jovem Wellington assassinar, friamente a tiros, 12 crianças e suicidou-se logo após. Essa tragédia em Realengo deixa o Brasil estupefato. O que levaria uma vida tragar outras vidas e a sua própria?

Muitas são as conjecturas. Desde, então, especialistas tentam descobrir as mazelas psíquicas que envolviam tal jovem, ou se corria nas veias dele uma índole propensa à maldade. Montar o quebra-cabeça desta tragédia descomunal não tem sido fácil.

Luiz Carlos Menezes, (2011, p. 106), físico e educador da Universidade de São Paulo (USP) postou um artigo na revista Nova Escola, onde convida a população a pensar nessa fatalidade. Segundo ele, esse caso de Bulling, certamente, foi um desequilíbrio pessoal, mas faz um chamado à população para que esteja alerta ao contexto social que se está inserido e observe:

“como frustrações e misticismos podem hoje se combinar num anjo vingador, que despeja seu ódio na instituição à qual debita todo seu infortúnio [...] não foi um surto, mas um projeto deliberado em que convicções míticas parecem ter legitimado a violência. Terá incorporado um homem-bomba fundamentalista que explode os que consideram infiéis ou um jovem perdedor na sociedade individualista que mata colegas por ter sido ignorado ou desprezado? Nosso assassino parece

ter combinado os dois modelos, ao preencher na morte o vazio de sua vida, ao sucumbir no inferno de uma humilhação solitária”.

Telma Vinha, (2011, p.53), especialista em Psicologia Educacional e colunista da Nova Escola, declara que não se pode afirmar que na escola o jovem tenha sido mal tratado de forma ter como consequência a tragédia. Porém, pode-se se dizer que é um fato “que a escola tinha significado negativo para o atirador. Não se destrói um lugar em que se sente acolhido. A especialista menciona a ocorrência de que a maioria dos professores conseguiam lembrar-se de Wellington como aluno. Ela indaga, se porventura, a ausência da lembrança é por ter sido o aluno “bonzinho, submisso, nada questiona. Terá sido esse o motivo de um corpo docente que declara conhecer a maioria dos alunos pelos seus respectivos nomes, mas esse não ter seu registro em mente? A resposta fica no ar. Portanto, não há uma resposta satisfatória, para saber o porquê o atirador elegeu justo uma escola em que estudou.

A data de 13 de abril ficará para sempre na lembrança da comunidade acadêmica, e foi encerrada simbolicamente o luto de sete dias com uma celebração ecumênica. Juntos, os professores se abraçam e a professora Leila D’Angelo que se encontrava na 1ª sala invadida pelo atirador diz “*o desafio agora é infinitamente mais difícil, ir adiante sem os sorrisos de Luisa, Ana Carolina, Bianca, Samira, Mariana, Karine e Larissa que não superaram a penetração das balas”.*

Esta situação tem tomado uma dimensão de atrocidade alarmante, visto crescer não só no Brasil, mas tem se constituído um problema social de amplitude mundial. Como reencontrar o caminho, traçar marcas de paz e de alegria para a nossa sociedade? Como reescrever uma nova história para a humanidade de forma que a violência não faça parte de nosso viver e nem sequer se cogite participar da violência nem como o que pratica, nem como vitimante?

“Vai além da atitude pontual que impede e pune os autores de ações perversas. É preciso ajudá-los a não sentir mais o desejo e o prazer de praticar atos desumanos com o outro, resgatando um sentimento profundo de irmandade e de familiaridade, num movimento único de abraçar a todos livres de qualquer distinção ou preconceito”. (CHALITA, 2008, p. 149).

4.2 A Escola e o seu papel

A visão pedagógica do C.A.B. compactua com o que escreveu Moço, Vichessi e Ratier, (2011, p.54), citando Vinha, especialista em Psicologia Educacional da Unicamp, e colunista da Revista Nova Escola, em compreender que “*A escola precisa incentivar a assertividade, situação em que o indivíduo considera a perspectiva do outro, mas não anula a sua própria*”. Viana pondera quanto ao papel da escola em assumir a responsabilidade de agir como sujeito ativo na formação de vidas que comportam diariamente os espaços escolares.

A essas vidas, o agir pedagógico do C.A.B não passa despercebido. Seu olhar está voltado para as questões internas concernentes à vida do aluno, quanto às questões deprimentes que enfrenta no mundo contemporâneo. E, uma vez constatado as inúmeras necessidades, abraça a sabedoria de Paulo Freire, (2004, p.77), quando declara que:

“Meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto de história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”.

Na competência da gestão pedagógica, a coordenação tem se incumbido de gerenciar conferências pedagógicas com o intuito de incentivar o corpo docente para traçar seus planejamentos numa perspectiva de credibilidade na transformação de vidas. A constatação das dificuldades, no ambiente escolar, não deve causar inoperância, pessimismo, ou desânimo; ao contrário, porém, a constatação deve subsidiar a busca das soluções. Como uma febre detecta uma enfermidade, busca-se a solução porque a febre surgiu, é exatamente ela que traz as possíveis curas. Os pacientes que não apresentam dor quando a pressão está alta, muitas vezes morrem sem solução pela ausência da dor. Então o constatar os sintomas dos problemas, está-se suscitando possíveis soluções.

Os formadores educacionais do C.A.B têm consciência de que a escola não poderá substituir o papel da família na sociedade, incluí-la no projeto educacional escolar é uma prioridade. Em detrimento, porém, da família, o corpo docente não arrefece o ânimo de serem agentes preponderantes dessa transformação.

Compreende a escola que um fator preponderante para a transformação advém de uma vida com Deus, e, para esse fim conta com o Ensino Religioso. Numa pedagogia que não se coaduna com um ensino conteudista, a professora desta disciplina alicerça seu ensino numa

visão que “*Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*”, (FREIRE, 2004, p. 47).

Numa ação pedagógica a partir dessa perspectiva tem contribuído o C.A.B. para mudar o quadro da violência, transformando em harmonia, paz e alegria. Muitos foram os casos presenciados de violência que foram detectados e posteriormente, após um assessoramento houve uma transformação singular. Embora se tenha constatado que na própria instituição ocorreram e ocorrem casos de bullying.

Diante de tais nuances, no projeto do Ensino Religioso em sintonia com o projeto das demais disciplinas, observamos um trabalho em conjunto para que tais intempéries seja totalmente evitadas. Nessa conjuntura, portanto, o corpo discente é levado a produzir, construir, desenvolver seu senso crítico²⁴ como também a docência se dispõe a promover uma educação que permita dar subsídios de maneira que educar consista não só dar o suporte ao intelecto, mas também ao psíquico preparando para vencer as intempéries da vida, enrijecendo assim o seu caráter, despertando-o a sua essência de imanência e transcendência, como diz Boff, (2009), “*para uma única realidade que somos nós*”.

4.3 O Ensino Religioso Protestante no C.A.B frente à Violência

O E.R. emergente numa nova epistemologia implica em novos desafios que convergem avançar, partindo do pressuposto que ao se deparar com uma cultura de violência que se difunde na sociedade, pode-se reverter este quadro numa contra cultura de paz, amor, solidariedade, numa sementeira preventiva e restauradora.

Diante das incertezas vivenciadas na família, na sociedade como um todo, o C.A. B tem como propósito fazer a escola ser vista como espaço seguro. Para estabelecer tal objetivo tem contado, sobretudo com a equipe do E.R. que se esmera em projetar uma educação com um olhar mais na ativa do que na defensiva contra a violência em geral. Combatendo, assim, a intolerância, o preconceito, a segregação, apresentando-se nesse contexto desafiador como conquista não como problema, (MENEZES, 2001).

A religião, qualquer que seja, favorece valores decisivos para o convívio humano, como o amor à verdade, o repúdio à mentira e à corrupção, a indignação em face da injustiça, a valorização da solidariedade, do altruísmo, do amor e do perdão entre as pessoas e o respeito à natureza, comenta Boff na Folha Dirigida on-line.

²⁴Senso crítico confere a trabalhar a passividade, despertar o aluno a posicionar-se sobre a realidade do mundo.

Mas, como esses valores podem ser impressos no interior de cada aluno? Como se portam as religiões frente a vidas que precisam ser lapidadas para que como ouro seja purificado, e resplandeça na sociedade positivamente ao invés de mais uma triste estatística de violência?

Segundo a docente do E.R. faz-se necessário, de início, revestir-se dos valores mencionados, que eles estejam interiorizados em si mesmos para que não possa aumentar as fileiras dos fariseus que lançaram a lei moralista, sem nunca sequer cumprir qualquer uma delas.

Como falar de amor, de paz, de perdão, com uma mente cheia de rancor, embriagada pelo ódio, amargura, ressentimento, ou autocomiseração? Nos autos do planejamento dessa disciplina são enfatizadas as palavras de Chalita, (2008, p. 149), quando aponta a solução para a violência na necessidade de ajudar os seres humanos “[...] *a não sentirem mais o desejo e o prazer de praticar atos desumanos com o outro, resgatando um sentimento de irmandade* [...]”.

Como despertar num ser humano o amor pelo outro, fazer arder em seu interior a irmandade, quando esta não é uma realidade no viver do docente; ao contrário, muitas vezes, no lugar da irmandade, lateja em seu ser a desumanidade, a amargura, impaciência, arrogância, etc.

A docência compreende que nesta trajetória do E.R. é indispensável que todo ensino relativo aos valores, precisa primeiro habitar no íntimo de qualquer docente que exerce a função do ensino dessa disciplina mais ainda do que as outras, por nela marcar sua identidade. De sorte, que cheio do amor de Deus poderão plantar sementes de amor, respeito, solidariedade, justiça, pois isto é uma realidade no seu interior como participante desse projeto escolar.

Portanto, diante de tal desafio, faz-se pertinente a docência preparar-se não só academicamente no âmbito das Ciências das Religiões, como no conhecimento teológico; sem ter o descaso com o treinamento psíquico, como já fora mencionado a respeito da abordagem de Augusto Cury, (2010), sobre a relevância desse treinamento da inteligência que promoverá às emoções do docente serem rastreadas e sua provável mazela psíquica ser tratada, podendo significar de forma mais contundente numa educação que tenha uma abrangência mais profunda no indivíduo; e encher-se da presença divina de maneira que evidencie os valores necessários à humanidade.

Segundo a docente E.R. é pertinente um treinamento psíquico como também é imprescindível ter uma consciência de seu credo, assim como dos demais credos, para que

possa responder com fluência aos que desejem obter profundidade dos mesmos.

Também compreende que esse é um trabalho que não dispensa a interdisciplinaridade, pois sem a força de uma equipe coesa, unida, com objetivos claros de ensinar o amor, sobretudo amando, não se obterá nem o mínimo, quanto mais o necessário. Porém, com uma equipe que se disponibilize a dedicar-se em formar vidas equilibradas, felizes, certamente que se conquistará se não em totalidade, mas numa boa porcentagem a diminuição da violência, do terrível bullying. Assim, O E.R. será de qualidade frente à violência.

4.4 Como a escola pode ser fator determinante contra a violência

A violência tem sobressaído numa barbárie, que nos deixa perplexos e em muitos momentos até desesperançados. São dias de atrocidades que parece não haver luz no fim do túnel para dissipar as densas trevas

Reencontrar o caminho, traçar marcas novas para a continuidade da trajetória, criar uma nova narrativa para a humanidade de forma que a violência não faça parte do nosso viver e nem sequer se cogite ser participante quer seja como atuante ou como vítima; como aborda Chalita *“vai além da atitude pontual que impede e pune os autores de ações perversas. É preciso ajudá-los a não sentir mais o desejo e o prazer de praticar atos desumanos com o outro, resgatando um sentimento profundo de irmandade e de familiaridade, num movimento único de abraçar a todos livres de qualquer distinção ou preconceito”*.

Nutrir a esperança de que dias de serenidade poderão vir à escola e à sociedade através da educação, faz-se necessário que se tenha enraizado no mais íntimo de seu ser que a mudança é possível acontecer através do ensino, como mencionamos acima a abordagem Freiriana, (2004), em pôr a educação como a que detecta as situações caóticas e se interfere com afinco para ser a protagonista de transformações.

Constatar é o início da questão, pois será o constatar que nos levará a buscarmos a habilidade para intervir na catástrofe seja ela que dimensão for. Mudar parece ser muitas vezes difícil até mesmo impossível; mas o êxito de todo educador consiste na certeza de que o fato de nos depararmos com situações caóticas não nos levará a impotência, ao contrário, estamos aqui para diminuir os danos que nos causam ou até mesmo eliminá-los.

Dessa feita, o Ensino Religioso emergente em sua nova epistemologia, implica em novos desafios para a escola e para o docente que atua nesta disciplina. Embasado numa proposta pedagógica Freiriana, numa relação dialética e dialógica entre professor e aluno,

centralizados na dimensão do conhecimento, no sentimento de aceitação do outro e da interação.

Tem-se nos pressupostos que a prática do professor deve partir da realidade dos educandos, do contexto social, histórico e cultural em que estão inseridos, devendo o professor partir da problematização da realidade dos alunos para a sistematização dos conceitos para que esses se sintam sujeitos da própria aprendizagem e da descoberta do objeto a ser aprendido. Assim, em consonância com a Constituição de 1988, o ensino religioso dessa instituição compromete-se “*com a educação integral do ser humano, com seus valores e suas aspirações mais profundas...*”.

CONCLUSÃO

O Colégio Americano Batista surgiu num momento delicado de confluências religiosas acirradas e, nesse contexto, os filhos dos protestantes eram discriminados nas escolas confessionais católicas. Unido a essa questão, os cristãos protestantes entenderam que uma preparação teológica seria fundamental para ampliar os conhecimentos e poderem aprofundar-se nas Escrituras Sagradas. Com o Curso de Bacharel em Teologia estariam também se preparando para assumirem uma liderança nos trabalhos evangelísticos que no momento, era embrionário. Era necessário partir para a alfabetização com o intuito de ser um diferencial na Sociedade Recifense do início do século XX. Surge o Colégio Americano Batista com portas abertas para os filhos dos protestantes sem nenhuma discriminação á amplitude da sociedade.

Procuramos esquematizar um panorama geral que permita se conhecer o cerne de nossa pesquisa sobre a dimensão da influência do Ensino Religioso, na Educação do C.A.B. ao longo do seu processo histórico.

Nosso enfoque consistiu em compreender o projeto do E.R., numa escola confessional, possibilitar à sociedade um ensino consistente de crescimento individual, comportamental, sem provocar oposições, nem descaso com a pluralidade cultural e religiosa.

Portanto, considerando os resultados desse trabalho, percebemos que a escola, no seu Projeto Pedagógico, avança abraçando o quadro Epistemológico Teísta-Protestante. O homem é um ser especial, criação Divina, posto num patamar de superioridade, acima de todos os demais animais como também da criação.

Nesse processo educativo religioso caminha, evidenciando-se a superação do limitado pela transcendência Divina. É o limite das mazelas psíquicas, da arrogância, como da petrificação nos sentimentos pelo envolvimento da razão. E, estende-se na ausência do altruísmo, mostrando a realidade vivenciada no cotidiano quando não se conjectura sermos para o outro exatamente o que gostaríamos que o outro fosse para nós. Dessa forma, compreende-se conseguir estabelecer a paz, a solidariedade, o respeito, numa dimensão única de amor.

Mas, como vencer o limite da ausência do altruísmo? Amalgamando-se com o Transcendente Divino assimilar-se-á dos seus atributos tais como amor, alegria,

longanimidade, paciência, bondade, benignidade, mansidão, domínio próprio descritos nas Escrituras. Assim, o limitado superará sua incompletude, completando-se no infinito.

Interessante observar, que mesmo tendo Deus como absoluto, na prática educativa tem sido salutar oferecer ao educando a oportunidade de conhecer as demais religiões e, sobretudo, a liberdade de escolha. Faz parte da matriz curricular e também da metodologia se dar ao cuidado de não cair numa intolerância e numa forma de preconceitos e proselitismo como também perseguições. O respeito à consciência livre de cada um é, portanto, fim e base do Ensino Religioso no C.A.B.

Sabedora de que a ruptura do Sagrado vence o misticismo e o desequilíbrio religioso, mas com o avanço da intelectualidade, constrói sua própria gaiola de ferro. A busca do progresso torna o homem insensível. Caminha este tendo a sua frente à calculabilidade própria do capitalismo.

Uma geração que inserida nesse contexto de insensibilidade e desencanto não precisa do abuso de autoritarismo religioso, doutrinas humanas farisaicas e hipócritas; necessita, sim, tocar o amor que discorre em simplicidade, em veracidade. Amor demonstrado na cruz do calvário como ápice da profundidade do amor Divino, como também do amor que ao ser tocado, derrama-se em completude conforme as inúmeras necessidades.

Nessa assertiva de transcendência decorre o respeito às diversidades culturais, religiosas. Vai-se ao encontro do outro em solidariedade, na mais profunda irmandade, procurando observar o respeito em meio a tanta complexidade.

Desde o princípio, a integralidade de ser humano tem estado relacionada com o Sagrado e no percurso dos séculos tem marcado sua presença na abrangência de aspectos positivos, como também de aspectos negativos.

O Currículo Pedagógico da Instituição abrange a visão de Edgar Morin na compreensão do Homo Demens, como também, no olhar psicanalítico de Augusto Cury, buscando e treinando o Homo-Bios para que este não interrompa o desempenho do Homo Sapiens. O mundo acadêmico, porém, não propicia uma educação que prime por essa perspectiva. Entretanto, a proposta do Ensino Religioso Protestante no C.A.B tem dado uma especial atenção.

Observou-se durante a pesquisa a perceptível atenção dada aos alunos que vivenciam situações de conflito, e até mesmo problemas graves. A estes, oferece-se um ensino religioso que o conduza a superação das intempéries da vida através da fé em Deus, além de aconselhamento psicopedagógico, psicológico e da capelania. Houve muitos casos em que os

alunos foram acompanhados e puderam assimilar tais ensinamentos; conseguiram transcender do desânimo para o avanço nos estudos e nos demais projetos de vida. Percebe-se, portanto, a influência positiva do Ensino Religioso em confluência com outras fontes do saber na Educação do Colégio Americano Batista.

Desde períodos passados o Ensino Religioso está inserido numa contínua controvérsia, e tiveram como aliados vários grupos religiosos, entre os quais estavam presentes os Protestantes. O mesmo se deu na França, Protestantes e Judeus manifestaram-se contrários ao Ensino Religioso nas escolas públicas, sendo totalmente defensores da causa laicista.

Indagamos, portanto, o porquê dos protestantes preferirem a laicidade ao Ensino Religioso quando mantêm uma Escola Confessional.

Concluímos que dentro de um parâmetro religioso, a Instituição tem princípios que prima por divulgá-los, exaltando-os como o tudo do ser humano, e mediante o seguimento de tais princípios, mantém firmemente a liberdade de seguir o credo que aprouver ao indivíduo, desde que este não implique em perseguição ao outro.

A valorização da disciplina do Ensino Religioso no C.A.B está atrelado à metodologia no processo pedagógico em sala de aula. Essa metodologia faz-se pertinente, visto ser ela quem impeça de vasar qualquer forma de proselitismo. A instância a ser percorrida nesse atrelamento pedagógico consiste em conduzir o aluno a construir o conhecimento desenvolvendo-se no convívio humano, na interação de possibilidades de harmonia com o próximo incluindo povos de várias raças, várias culturas, vários credos. É um exercício de cidadania que leva o educado a uma exposição de princípios cristãos sem imposições de crenças dogmáticas.

A tônica, portanto, da proposta pedagógica do C.A.B. através de seus líderes não é ter o monopólio da sua religião no Estado, nem tão pouco na Educação, visto crerem que a responsabilidade esteja com a família. Voltando às origens da fundação dessa Instituição, encontramos as respostas para esse paradoxo da Escola Confessional, quando apoiam a laicidade.

A função da instituição de ensino com a Educação Básica é informar e formar profissionais, cidadãos que pautem suas vidas com ética, civilidade, e acima de qualquer coisa, que busquem uma vida de conquistas no âmbito profissional, emocional e espiritual.

No presente estudo investigativo, é notório, no processo de formação que o saber de todos é valorizado; é uma partilha entre professor, e que no processo educacional é imprescindível a mútua educação entre os homens.

Na diversidade na sala de aula a docência mantém respeito com todos os diversos pensamentos contraditórios, não impondo ideias, mas obtendo a cada situação vivenciada uma atitude de comprometimento como mediadora e problematizadora numa relação dialógica e conscientizadora entre educadora e educandos.

Compreendem os que estão inseridos nessa visão pedagógica, não que já a tenham alcançado, mas que prosseguem para vivenciarem a realidade desse alvo, e percebemos que durante o percurso da pesquisa o avanço é contínuo para cumprir a desconfessionalidade, desclerizando-se. A cada ação pedagógica galgam a conquista de estabelecer o exercício da liberdade perante o confronto de outras práticas religiosas. Assumindo Cristo, como filho de Deus, e esperança da humanidade primam em levar em conta os princípios éticos sem perder o foco da mútua tolerância e solidariedade à religiosidade do outro.

A escola tem enfrentado, muitas vezes oposição por parte dos que só aceitam um ensino que priorize os dogmas denominacionais, mas ela tem se portado fiel a sua proposta e os alunos têm desenvolvido um caráter de autonomia com maturidade e tranquilidade. Uma mente aberta e com criticidade tem sido o fruto desse assertivo discurso pluralista.

Para podermos compreender essa concepção educacional no Colégio Americano Batista é que delineamos nossa pesquisa apreendendo que nessa assertiva de formação educacional tem o Ensino Religioso Protestante contribuído significativamente.

Cientes de que não esgota aqui a necessidade de mergulhos mais profundos com espírito investigativo e visão crítica para apreender a cultura de uma determinada escola; o processo, portanto ainda está longe de uma conclusão.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- AHLERT, Alvorí. (1999). *A estiticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal*. Ijuí: UNIJUÍ.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. (1999). *A emoção na sala de aula*. Campinas, S.P: Papirus, p. 107
- AMARAL, Terzi, Cleide Do. RONCA, Paulo Afonso Caruso. (1995). *A aula operatória e a construção do conhecimento*. 19^a ed. São Paulo: EDESPLAN, p. 149 ´.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. (1996). *História da Educação*. 2ª ed. São Paulo: Moderna.
- ASMAN, Hugo. MO SUNG, J. (2000). *Competência e sensibilidade solidária-educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes.
- BARBOSA, José Carlos.(2002). *Negro não entra na Igreja; espia pela banda de fora: Protestantismo e escravidão no Brasil Império*. Piracicaba: UNIMEP.
- BOCK, A.M.B. GONÇALVES, M.G.M. FURTADO, O. (2003). *Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- BOFF, Leonardo. (2009). *Tempo de transcendência -o ser humano como um projeto infinito*. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 83
- BONAVIDES, P.; AMARAL, R. (1996). *Textos políticos da história do Brasil*.v. 8.Brasília: Senado Federal, p. 200
- BONINO, José Miguez. (2002). *Rosto do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal.
- BRASIL, MEC-Secretaria de Educação Fundamental. (2000).*Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética-1ª a 4ª série*. 2ª ed. Vol. 8. Rio de Janeiro: DP&A.
- BRUNEAL, T. (1974). *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo-SP: Loyola.
- CANNADA, William. (1903). S.d: 6, William H. Extracts from letters four missionaries *The Foreign Mission Journal*. Richmond. Va. V 53, n. 11, p 339,mar.
- CARON, Lourdes. (Org).(1999). *O ensino religioso na nova LDB*. 2º ed. Petrópolis-RJ: Vozes,
- CHALITA, Gabriel. (2008). *Pedagogia da amizade-bullying. O sofrimento das vitimas e dos agressores*. São Paulo: Gente. p. 161
- CHRÉTTIEN, Claude. (1994) *A ciência em ação*. Campinas: Papirus.

COMPARATO, Fábio. (1999). *Afirmção histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. (1961). *Atas, relatórios e pareceres da CBB*. 43ª Assembleia Atual São Paulo. JUERP, p. 113

_____. (1992). *Relatórios sobre Educação na 13ª Reunião Anual da CBB*, realizada de 21-26 de 28.06.1992 p.112-113

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; CASCINO Pasquale; SAVIANE, Dermeval. (2000). *Educador: novo milênio, novo perfil?* São Paulo. Paulos.

CRABTREE, A. R. (1937). *História dos batistas do Brasil até o ano de 1906*. Vol.1. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista,

DESCARTES, René. (1979). *Descartes-Os pensadores*. Vol.11. Trad. GINSBURG e PRADO JR, Bento. São Paulo; Abril, p. 335

DIAS, Rosa Maria. (2003). *Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Scipioni

ELIAS, Beatriz Vicentini. *Inovação americana na educação do Brasil*. Nossa História, São Paulo, n. 23, p. 81-83, set. 2005.

FAUSTO, Boris. (2002). *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado.

FERREIRA, Nilda T. (1994). *Cidadania: uma questão para a educação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 221-4

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. (1995). *Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas*, 2ª ed., Petrópolis, RJ: vozes.

FREIRE, Paulo. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura, p.148

GADAMER, Hans – George. (2000) Da palavra ao conceito. A tarefa da hermenêutica enquanto filosofia. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de et al. *Hermenêutica Filosófica* : nas trilhas de Hans George Gadamer: Porto Alegre: Edipucrs.

GAIO, Roberta, MENEGHETTI, Rosa G. Krob. (2004). *Caminhos Pedagógicos da Educação Especial*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes.

GRAÇA, Márcio. (2002). *Metodologia e Ensino Religioso e Projetar*. São Paulo-S.P: Editora Madras Ltda.

GADAMER, Hans- George. *Da palavra ao conceito. A tarefa da Hermenêutica enquanto filosofia*. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. Et al. *Hermenêutica Filosófica*: nas trilhas de Hans- George Gadamer: Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p.23

- GARRISSOM, Janine. (1997). *Le Homemm Protestant*.Bruxelles. Editions Complexe, 1986.
- LEITH, Jonh H. *a tradição reformada: uma maneira de ser da comunidade cristã*. São Paulo: Pendão Real.
- HARRISON, Helen Bagby. (1987). *Os Bagby do Brasil*. Série Os Batistas. Rio de Janeiro: JUERP.
- HARPPRECHT, Christoph Schneider. (1961). *Estudos Teológicos- Escola Superior de Teologia-* Vol. 1, n. 1. São Leopoldo.
- HORTA, Anderson Braga.(2003).*50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio deJaneiro: Galo Branco, p. 120
- IMBERNÓN, F. (2004.). *Formação docente e profissional: formar-se para mudanças e incertezas*. São Paulo: Cortez,
- KUYPER, Abraham. (2003).*Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã.
- LÉONARD. Émile G. (1963/1981). *O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Trad. SHUTZER, Linneu de Camargo. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE. p. 354
- LEWIS, C.S. (2009). *Cristianismo puro e simples*. 3^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 300
- LIMA, Lídice Gramacho Feitosa. (1999). *Repensando a educação teológica para o contexto brasileiro: propondo um paradigma transformador*. Tese de doutorado em Missiologia. Dayton-Ohio-USA,
- MACHADO, José Nemésio. (1999). *Educação batista no Brasil; uma análise complexa*. Perdizes-SP: Colégio Batista Brasileiro/Lis Gráfica, p. 150
- GILZ, Claudino JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. (2007). *A coleção redescobrimdo o universo religioso*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões- A religião na sala de aula: um debate sobre o ensino religioso. Ano VI-2007, nº 12-p-177-184.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. (1980).*Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo:Loyola.
- MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob. *A pertinência pedagógica da inclusão do Ensino Religioso no currículo escolar* In: GUERRIERO, Silas (org.). (2003). *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*, p.187
- MESQUITA, Zuleica (org.). (2001). *Evangelizar e Civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: UNIMEP.
- MORAIS, Régis. (1997). *Filosofia da Ciência e da Tecnologia*. Campinas-SP: Papirus.
- MORENO, Ciriaco Izquierdo. (2001). *Educar em Valores*. São Paulo: Paulinas,
- MORIN, Edgar. (1994). Trad. RODRIGUES, Adelino dos Santos. *As grandes questões do nosso tempo*. 4^a ed. Lisboa; Notícias.

- _____. (1998). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. (1998). *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, p. 72
- _____. (2004). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. SILVA, Catarina Eleonora F. da. SAWAYA, Jeanne. 2. ed. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, p. 118
- _____. (1999b.). *Por uma reforma do pensamento*. In: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (Org.). *O pensar complexo; Edgar Morin e a crise da modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Garamond.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. (2002). *Ousadia e desafios da educação teológica-100 anos do STBNN- 1902-2002*. Recife-PE: STBNB, p. 256
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freire- *um vitoriano nos Trópicos*. (2005) São Paulo; UNESP, p. 482
- PEREIRA, José dos Reis. (1985). *Breve História dos Batistas*. Rio de Janeiro: JUERP, 118 p.
- _____. (1979). *Breve história dos Batistas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP.
- PERRUCCI, Glaucilia. Abreu, Neide Sena. Guimarães, José Almeida e et al. (2006). *Colégio Americano Batista-uma história de amor*. Recife: Convenção Batista de Pernambuco, p. 418
- PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. (1997). *História da Educação*. 7ª edição, editora Ática, São Paulo, 240 p.
- RUEDELL, Pedro. (2007). *Educação religiosa: Fundamentação antropológico-cultural da religião segundo Paul Tillich*. São Paulo Paulinas, p. 191
- SANTOS, Boaventura de S. *a crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2000.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. (1994). *Filosofia da educação-construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, p. 152
- SIEGEL, Norberto. (2005). *Fundamentos da educação? Temas transversais e ética*. Indaial-PR: Uniasseve, p. 119
- TARDIF, Maurice. (2006). *Saberes docentes e formação profissional*. 6ª Ed. Petropolis-RJ: Vozes, p. 325.
- TILLICH, Paul. (2002). *Dinâmica da fé*. Tradução Walter Schlupp. São Leopoldo Sinodal
- _____. (2005). *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, p. 868

PERÍODICOS

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. (1926). *Décima Reunião Anual da Convenção Batista Brasileira* de 22^a 26-6-1926, Rio de Janeiro: JUERP, p. 14.

FERRARI, Márcio. Martinho Lutero.(2005). *O criador do conceito de educação útil*. Nova Escola. São Paulo, n. 187, p. 30-32, nov. 2005.

FRANCO, José Eduardo.(2006). *O mito dos Jesuítos em Portugal - séculos XVI-XX*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões - O Protestantismo no espaço lusófono - estudos teológicos. Ano V-nº 9/10 2006, p.303-314, p. 341

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. ALVES, Luis Alberto Souza. (2005).*O conflito pluralista para a formação do professor de ensino religioso*. Vol. 5 nº 16. Curitiba-PR: Revista diálogo Educacional, p.229-246.-Setembro-a Dezembro-2005.

MENEZES, Luís Carlos de. (2011).*O massacre em Realengo como marco da violência*. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, Maio, p. 106

MOÇO, Anderson. VICHESSI. RATIER, Rodrigo. (2011). *Realengo-Rio de Janeiro*. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, Maio, p. 106

O JORNAL BATISTA. (1996). Órgão oficial da Convenção Batista Brasileira-1910-1927. Maio, p.15.

SANTOS, Jacirema Maria Thimoteo. *O ensino religioso numa perspectiva solidária*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões- A religião na sala de aula: um debate sobre o ensino religioso. Ano VI-2007, nº 12-p. 203-209.

SCUSSEL, Marcos André.(2007). *O ser e o fazer no ensino religioso*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões- A religião na sala de aula: um debate sobre o ensino religioso. Ano VI-2007, nº 12-p.152-262, p. 406

SEEHABER, Liliana Claudia, LONGHI, Miguel. (2007) *Ethos e Cultura no Ensino Religioso*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões- A religião na sala de aula: um debate sobre o ensino religioso. Ano VI, nº 12- 241-250.

SILVA, Rafael Rodrigues da. (2007).*O uso dos textos sagrados em ensino religioso*. In: Revista Lusófona de Ciências das Religiões- A religião na sala de aula: um debate sobre o ensino religioso. Ano VI-2007, nº 12- p. 125-131

STRIEDER, Inácio Reinaldo. (1987). *A redescoberta do sagrado na sociedade tecnológica*. Revista Síntese Econômica Social (SPES). N. 14. p. 41

VASCONCELOS, M.S. (2004). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. In: *Educação e sociedade e sociedade*. Revista Ciências e Educação. São Paulo.

INTERNET

ALBUQUERQUE, Targélia de Sousa. (2006). Autonomia e autoavaliação. Publicado em 2007. Disponível no site: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1686>, 29.10.2011, às 19.hs 119 min.

BELLO, José Luiz de Paiva. Período Jesuítico. (1998). In: *Pedagogia em foco*, História da educação no Brasil. Disponível em: Disponível no site: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb02.htm#texto>, 23.02.2011, /às 16.h.31 min.

BOFF, Leonardo. (2002). *A teologia da libertação como uma prática pedagógica*. FOLHA DIRIGIDA; Entrevista com Leonardo Boff, no dia do professor. Disponível no site:<http://www.folhadirigida.com.br/professor/Cad03/Ent.LeonardoBoff.html> 2002, alinea 14, em 20.10.2011, às 22 hs.22 min.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824). Presidência da República-Casa Civil-Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível no site:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. 03.09.2011, às 15h.51 min.

FERRARI, Márcio. (2004). *Comênio o pai da didática moderna*. In: Nova Escola, Grandes Pensadores, n. 170, mar. 2004. Disponível em: http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/170_mar04/html/pensadores, em 10.11.2011, às 22.h.40 min.

FERRARI, Márcio. (2005). Erasmo de Roterdã o pedagogo humanista. In: Nova Escola, Grandes Pensadores, n. 184, ago. 2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0184/aberto/mt_84862.shtml>. em 20.01.2011, às 19 h.40 min.

GARRIDO, Stella. (2005). *A educação confessional protestante no Brasil*. Rio de Janeiro. In: *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, ago. 2006. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb13.htm>>. 23.02.2011, às 16h. 27min.

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. *Desenvolvimento e aprendizagem: reflexões e implicações para prática docente*. Revista Ciência & Educação. 1998, vol.05, n.02, pp. 61-70. Disponível no site: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-73131998000200006&lng=pt&nrm=iso

PALESTRAS

STRIEDER, Inácio Reinaldo. (1987), *Religião e filosofia: ópio, ideologia ou libertação?* Conferência realizada na Brasília-DF: UNB-, (1987), p. 09-83 **DISCOGRAFIA**

HOLANDA,

Rosely Pereira - A influência do Protestantismo na Educação do Colégio Americano Batista em Pernambuco

Francisco Buarque de. (1971). *Construção*. MPB. São Paulo: Phonogram, Album
Construção. MPB- LP.

APÊNDICES

APÊNDICES – A - FORMULÁRIO DE PESQUISA

FORMULÁRIO COM A DIREÇÃO, COORDENAÇÃO E CORPO DOCENTE DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

FORMULÁRIO COM OS ALUNOS DO COLOÉGIO AMERICANO BATISTA

FORMULÁRIO COM OS PAIS DOS ALUNOS DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

APÊNDICES - B - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM A DOCENTE DE ENSINO RELIGIOSO

ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

FORMULÁRIO COM A DIREÇÃO, COORDENAÇÃO E CORPO DOCENTE DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

Nome _____ Idade: _____

Qual a sua profissão e função no C.A.B: _____

Qual a sua religião? _____ Sexo: M ___ F ___

Tem filho(s) Matriculado(s) no Ensino _____ série: _____ Turma: _____

- 1- Qual o papel do C.A.B como instituição de educação confessional e sua influência em seu entorno?

- 2- Levando-se em conta que há alunos de diversos credos religiosos, qual deve ser a orientação metodológica no ensino religioso como disciplina, com base na Constituição Federal 1988 e a LDBEN-1996?

- 3- A proposta inicial na fundação do C.A.B. era alfabetizar para a leitura da Bíblia e para os filhos dos crentes: qual a validade e atualidade dessa proposta hoje?

- 4- Quais os desafios que instituição tem para ministrar um ensino de qualidade e uma formação cristã, que possibilite um crescimento em todas as áreas do conhecimento e na formação do cidadão?

- 5- O trabalho que possibilite o crescimento espiritual deve fazer parte da matriz curricular? Como?

Concordo com a publicação dos dados fornecidos dos questionários _____

Caso não queira se identificar preencha os outros campos.

FORMULÁRIO COM OS ALUNOS DO COLOÉGIO AMERICANO BATISTA

Nome _____ Idade: _____

Matriculado no Ensino _____ série: _____ Turma: _____

Qual a sua religião? _____ Sexo: M__F__

1- Qual a influência da educação proporcionada pelo CAB para sua formação como ser ético, moral e espiritual?

2- A disciplina Ensino Religioso o tem ajudado para incentivá-lo nos estudos?

3- Fale a influência dos valores cristãos na formação do aluno como cidadão para a vida cotidiana no futuro (profissional, espiritual e emocional)

Concordo com a publicação dos dados fornecidos dos questionários _____

Caso não queira se identificar, coloque o sexo, série e idade.

**FORMULÁRIO COM OS PAIS DOS ALUNOS DO COLÉGIO AMERICANO
BATISTA**

Nome_____ Idade:_____

Tem filho(s) Matriculado(s) no Ensino_____série: _____Turma:_____

Qual a sua religião? _____Sexo: M__F__

Qual sua profissão?_____

Quantos trabalham em sua família?_____

1- Descreva as razões que o fez preferir uma instituição religiosa como o C.A.B?

2-Que tipo de educação você espera para seu (s) filho (s)?

**3-A proposta pedagógica do CAB visa uma formação ética, moral e espiritual?
Justifique:**

Concordo com a publicação dos dados fornecidos dos questionários_____

Caso não queira se identificar preencha os outros campos.

APÊNDICE-B- ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM A DOCENTE DE ENSINO RELIGIOSO

Nome _____ Idade: _____

Tem filho (s) Matriculado (s) no Ensino _____ série: ____ Turma

Qual a sua religião? _____

1 – Quais as suas perspectivas como docente do Ensino Religioso protestante numa escola confessional que se coaduna com a LDBEN, observando o Ensino Religioso como fenómeno fenomenológico?

2 – A partir de sua experiência em sala de aula, qual é a receptividade que os alunos dão à disciplina?

3 – Considera esse Ensino Religioso uma influência positiva na vida educacional como formadora integral do aluno?

4 – Numa posição de sujeito consciente e continuador de sua própria história, como direciona sua prática pedagógica separando a sua experiência Religiosa da realidade plural dos alunos?

5 – Na complexidade do processo educacional e diante do desafio da abertura ao diálogo interreligioso, como procede no cunho metodológico?

6 – A metodologia usada durante o percurso estudantil é satisfatória na abrangência dos objetivos almejados?

7 – Considera suas experiências como docente enriquecedoras? Conte-nos algumas delas.

ENTREVISTA COM ALGUNS ALUNOS DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

Nome _____ Idade: _____
série: _____ Turma: _____ Qual a sua religião? _____

1 – Considera necessário o Ensino Religioso Protestante para sua formação como cidadão ético, social e religioso?

2 – Essa disciplina repercute positivamente em sua vida?

3 – Os conteúdos em pauta são de seu interesse?

4 – Identifica-se com a metodologia empregada na sala de aula?

ANEXOS

ANEXOS A

MÚSICA DE FRANCISCO BUARQUE DE HOLANDA: “CONSTRUÇÃO”

ANEXO B

HINO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

ANEXO –A CONSTRUÇÃO

**Francisco Buarque de Holanda –MPB-LP.
Gravadora: Phonogram-1971**

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe

E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado
Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

ANEXO 2- HINO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA

LETRA: Stela Câmara de Dubois

MÚSICA: Maestro Antônio F. De Alcântara

Para frente, oh! mocidade
Cheia de fé e bondade;
Avancemos na peleja
Embora má a sorte seja,
Nada nos abaterá;
Cada qual aprenderá
A sofrer, com paciência,
De todo mal a inclemência.

Serás, CAB, eternamente o nosso bem,
Oh! CAB, em nossas almas viverás!
Oh! CAB, até a morte e além,
Oh! CAB, teu nome ficará!

Em prol do bem e contra o vício
Não poupemos sacrifício;
Ser bom, ser justo e forte ser
Tenhamos sempre por dever!
Seja o céu o nosso abrigo,
E o livro o melhor amigo.
Assim, nossa diretriz
Fará o orgulho do país.

Disciplina, esforço, estudo,
Pela Pátria, tudo, tudo!
Morrer pela Pátria é glória
E o forte, morto na História,
Ressuscita cedo ou tarde,
Enquanto o homem covarde
Vivo, ou na morte alcançado,
Terá o nome execrado.